



MANIOC.org

Bibliothèque Pierre-Monbeig
IHRAL CREDA - Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3



MANIOC.org

Bibliothèque Pierre-Monod

IHSAC CBDA - Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3



MANIOC.org

Bibliothèque Pierre-Montrégis

IRÉAL CREDU - Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3

MANIOC.org

Bibliothèque Pierre-Monbeig

IHEAL CREDA - Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3

Rezende Rubim

Reservas de Brasilidade

EDIÇÃO ILLUSTRADA

Serie 5.^a

BRASILIANA N.º 161

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Bibliothèque Pierre-Monbeig
100, rue de Valenciennes, 75013 Paris 3

VOLUMES PUBLICADOS :

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — OLIVEIRA VIANA: **Raça e Assimilação** — 3.ª edição aumentada.
8 — OLIVEIRA VIANA: **Populações Meridionais do Brasil** — 4.ª edição.
9 — NINA RODRIGUES: **Os Africanos no Brasil** — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado - 2.ª edição.
22 — E. ROQUETTE-PINTO: **Ensaio de Antropologia Brasileira**.
27 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **Populações Paulistas**.
59 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano**.

ARQUEOLOGIA E PREHISTÓRIA

- 34 — ANCIONE COSTA: **Introdução à Arqueologia Brasileira** — Ed. ilustrada 2.ª edição.
137 — ANÍBAL MATOS: **Prehistória Brasileira** — Vários Estudos — Edição ilustrada.
148 — ANÍBAL MATOS: **Peter Wilhelm Lund no Brasil** — Problemas de Paleontologia Brasileira. Edição ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 — PANDIÁ CALÓGERAS: **O Marquês de Barbacena** — 2.ª edição.
11 — LUIS DA CÂMARA CASCUDO: **O Conde d'Eu** — Vol. ilustrado.
107 — LUIS DA CÂMARA CASCUDO: **O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870)** — Ed. ilustrada.
18 — VISCONDE DE TAUNAY: **Pedro II** — 2.ª edição.
20 — ALBERTO DE FARIA: **Mauá** (com tres ilustrações fóra do texto).
54 — ANTÔNIO GONTIJO DE CARVALHO: **Calógeras**.

65 — JOÃO DORNAS FILHO: **Silva Jardim**.

73 — LÚCIA MIGUEL-PEREIRA: **Machado de Assis** — (Estudo Crítico-Biográfico) — Ed. ilustrada.

79 — CRAVEIRO COSTA: **O Visconde de Sinimbu** — Sua vida e sua atuação na política nacional — 1840-1889.

81 — LEMOS BRITO: **A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império** — Frei Caneca — Ed. ilustrada.

85 — WANDERLEY PINHO: **Cotegipe e seu Tempo** — Ed. ilustrada.

88 — HELIO LOBO: **Um Varão da República**: Fernando Lobo.

114 — CARLOS SÜSSEKIND DE MENDONÇA: **Silvio Romero** — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliográfica — Ed. ilustrada.

119 — SUD MENUCCI: **O Precursor do Abolicionismo**: Luiz Gama — Ed. ilustrada.

120 — PEDRO CALMON: **O Rei Filósofo** — Vida de D. Pedro II — Ed. ilustrada 2.ª edição.

133 — HEITOR LIRA: **História de Dom Pedro II** — 1825-1891. 1.º Vol.: "Ascensão" — 1825-1870 — Ed. ilustrada.

133-A — HEITOR LYRA: **História de Dom Pedro II** — 1825-1891. 2.º Volume: "Fastígio" — 1870-1880 — Ed. ilustrada.

135 — ALBERTO PIZARRO JACOBINA: **Dias Carneiro** (O Conservador) — Ed. il.

136 — CARLOS PONTES: **Tavares Bastos** (Aureliano Cândido) 1839-1875.

140 — HERMES LIMA: **Tobias Barreto** — A Epoca e o Homem — Ed. ilustrada.

143 — BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES: **O Visconde de Abaeté** — Ed. ilustrada.

144 — V. CORRÊA FILHO: **Alexandre Rodrigues Ferreira** — Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro — Ed. il.

153 — MÁRIO MATOS: **Machado de Assis**. (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor) — Ed. ilustrada.

157 — OTAVIO TARQUINO DE SOUZA: **Evaristo da Veiga** — 1.º vol. da serie "Homens da Regencia".

BOTÂNICA E ZOOLOGIA

71 — F. C. HOEHNE: **Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI** — (Pesquisas e contribuições).

77 — C. DE MELO-LEITÃO: **Zoologia do Brasil** — Ed. ilustrada.

99 — C. DE MELO-LEITÃO: **A Biologia no Brasil**.

CARTAS

12 — WANDERLEY PINHO: **Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cote-gipe** — Ed. ilustrada.

38 — RUI BARBOSA: **Mocidade e Exílio** (Cartas ineditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.

61 — CONDE D'EU: **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul** (prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comenta-das por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.

109 — GEORGES RAEDERS: **D. Pedro II e o Conde de Gobineau** (Correspondên-cia inedita).

142 — FRANCISCO VENÂNCIO FILHO: **Euclides da Cunha e seus Amigos** — Ed. ilustrada.

DIREITO

110 — NINA RODRIGUES: **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.

ECONOMIA

90 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **Evolu-ção da Economia Paulista e suas causas** — Ed. ilustrada.

100 e 100-A — ROBERTO SIMONSEN: **História Econômica do Brasil** — Ed. ilustrada — em 2 tomos.

152 — J. F. NORMANO: **Evolução Eco-nômica do Brasil** — Tradução de T. Quartim Barbosa, P. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.

155 — LEMOS BRITO: **Pontos de par-tida para a História Econômica do Brasil**.

160 — LUIZ AMARAL: **Historia Geral da Agricultura Brasileira** — Na tripli-ce aspecto Politico-Social e Economico: 1.º volume.

162 — BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA: **O Pau-Brasil na História Nacional** — Ed. Ilustrada — com um Capitulo de Artur Neiva e Parecer de Oliveira Viana

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

66 — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a história da educação no Brasil) — 1.º volume — 1823-1853

87 — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1888.

121 — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º volume — 1854-1889.

147 — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1835-1889 — 1.º volume: Das Amazonas ás Alagôas.

147-A — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1835-1889. 2.º Volume: Sergipe, Baía, Rio de Janeiro e São Paulo.

98 — FERNANDO DE AZEVEDO: **A Educa-ção Pública em São Paulo** — Problemas e discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

ENSAIOS

1 — BATISTA PEREIRA: **Figuras do Império e outros ensaios** — 2.ª edição.

6 — BATISTA PEREIRA: **Vultos e episó-dios do Brasil** — 2.ª edição.

26 — ALBERTO RANGEL: **Rumos e Perspectivas**.

41 — JOSÉ-MARIA BELO: **A intelli-gência do Brasil** — 3.ª edição.

43 — A. SABOIA LIMA: **Alberto Torres e sua obra**.

56 — CHARLES EXPILLY: **Mulheres e Costumes do Brasil** — Tradução, pre-fácio e notas de Gastão Penalva.

70 — APONSO ARINOS DE MELO FRANCO: **Conceito de Civilização Brasileira**.

82 — C. DE MELO-LEITÃO: **O Brasil visto pelos Ingleses**.

105 — A. C. TAVARES BASTOS: **A Pro-víncia** — 2.ª edição.

151 — A. C. TAVARES BASTOS: **Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro** — (Estudos Brasileiros) — Pre-fácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.

- 116 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA : **Estudos Piaulenses** — Ed. ilustrada.
150 — ROY NASH : **A Conquista do Brasil** — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição ilustrada.

ETNOLOGIA

- 39 — E. ROQUETTE-PINTO : **Rondônia** — 3.^a edição (aumentada e ilustrada).
44 — ESTEVÃO PINTO : **Os Indígenas do Nordeste** (com 15 gravuras e mapas) — 1.^o Tomo.
112 — ESTEVÃO PINTO : **Os Indígenas do Nordeste** — 2.^o Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro) — Ed. ilustrada.
52 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES : **O Selvagem** — 3.^a edição completa, com parte original Tupi-guaraní.
60 — EMILIO RIVASSEAU : **A vida dos Índios Gualcurús** — Ed. ilustrada.
75 — AFONSO A. DE FREITAS : **Vocabulário Nheengatú** (vernaculizado pelo português falado em São Paulo) — Língua Tupi-guaraní (com 3 ilustrações fora do texto).
92 — ALMIRANTE ANTÔNIO ALVES CÂMARA : **Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil** — 2.^a edição ilustrada.
101 — HERBERT BALDUS : **Ensaio de Etnologia Brasileira** — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Ed. ilustrada.
139 — ANGIONE COSTA : **Migrações e Cultura Indígena** — Ensaio de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. ilustrada.
154 — CARLOS FR. PHILL VON MARTIUS : **Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (1844)**. Trad. Prefácio e notas de Pirajá da Silva — Ed. ilustrada.
163 — MAJOR LIMA FIGUEIREDO : **Índios do Brasil** — Prefácio do General Rondon. Ed. ilustrada.

FILOLOGIA

- 25 — MÁRIO MARROQUIM : **A língua do Nordeste**.
46 — RENATO MENDONÇA : **A Influência Africana no Português do Brasil** — Ed. ilustrada.

FOLCLORE

- 57 — FLAUSINO RODRIGUES VALE : **Elementos do Folclore Musical Brasileiro**.
103 — SOUSA CARNEIRO : **Mitos Africanos no Brasil** — Ed. ilustrada.

GEOGRAFIA

- 30 — CAP. FREDERICO A. RONDON : **Pelo Brasil Central** — Ed. ilustrada, 2.^a edição.
33 — J. DE SAMPAIO FERRAZ : **Meteorologia Brasileira**.
35 — A. J. SAMPAIO : **Fitogeografia do Brasil** — Ed. ilustrada — 2.^a edição.
53 — A. J. DE SAMPAIO : **Biogeografia dinâmica** — Ed. ilustrada.
45 — BASÍLIO DE MAGALHÃES : **Expansão Geográfica do Brasil Colonial**.
63 — RAIMUNDO MORAIS : **Na Planície Amazônica** — 4.^a edição.
80 — OSVALDO R. CABRAL : **Santa Catarina** — Ed. ilustrada.
86 — AURÉLIO PINHEIRO : **À Margem do Amazonas** — Ed. ilustrada.
104 — ARAUJO LIMA : **Amazônia — A Terra e o Homem** — (Introdução à Antropogeografia).
106 — A. C. TAVARES BASTOS : **O Vale do Amazonas** — 2.^a edição.
91 — ORLANDO M. CARVALHO : **O Rio da Unidade Nacional : O São Francisco** — Ed. ilustrada.
97 — LIMA FIGUEIREDO : **Oeste Paranaense** — Ed. ilustrada.
138 — GUSTAVO DODT : **Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupí** — Prefácio e notas de Gustavo Barroso. Ed. il.

GEOLOGIA

- 102 — S. FRÓES ABREU : **A riqueza mineral do Brasil** — Ed. ilustrada.
134 — PANDIÁ CALÓGERAS : **Geologia Econômica do Brasil** — (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.^o, Distribuição geográfica dos depósitos auríferos. Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

HISTÓRIA

- 10 — OLIVEIRA VIANA : **Evolução do Povo Brasileiro** — 3.^a edição (ilustrada).
13 — VICENTE LICÍNIO CARDOSO : **A margem da História do Brasil** — 2.^a edição.
14 — PEDRO CALMON : **História da Civilização Brasileira** — 3.^a edição.
40 — PEDRO CALMON : **História Social do Brasil** — 1.^o Tomo — **Espírito da Sociedade Colonial** — 2.^a edição, ilustrada com 13 gravuras.

83 — PEDRO CALMON: **História Social do Brasil** — 2.º Tomo — Espírito da Sociedade Imperial — Ed. ilustrada.

15 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Da Regência à queda de Rozas** — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").

42 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Formação Histórica do Brasil** — 3.ª edição (com 3 mapas fóra do texto).

23 — EVARISTO DE MORAIS: **A escravidão africana no Brasil**.

36 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **O Bandeirismo Paulista e o Recúo do Meridiano** — 2.ª edição.

37 — J. F. DE ALMEIDA PRADO: **Primeiros Povoadores do Brasil** — 2.ª Ed. ilustrada.

47 — MANOEL BOMFIM: **O Brasil** — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.

48 — URBINO VIANA: **Bandeiras e sertanistas balanços**.

49 — GUSTAVO BARROSO: **História Militar do Brasil** — 2.ª Edição ilustrada com 50 gravuras e mapas.

76 — GUSTAVO BARROSO: **História Secreta do Brasil** — 1.ª parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" — Edição ilustrada — 3.ª edição.

64 — GILBERTO FREIRE: **Sobrados e Mucambos** — Decadências patriarcal e rural no Brasil — Edição ilustrada.

69 — PRADO MAIA: **Através da História Naval Brasileira**.

89 — CORONEL A. LOURIVAL DE MOURA: **As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil**.

93 — SERAFIM LEITE: **Páginas da História do Brasil**.

94 — SALOMÃO DE VASCONCELOS: **O Fico** — Minas e os Mineiros da Independência — Edição ilustrada.

108 — PADRE ANTÔNIO VIEIRA: **Por Brasil e Portugal** — Sermões comentados por Pedro Calmon.

111 — WASHINGTON LUIZ: **Capitania de São Paulo** — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.ª edição.

117 — GABRIEL SOARES DE SOUSA: **Tratado descritivo do Brasil em 1587** — Comentários de Francisco Adolfo de Varnhagen — 3.ª edição.

123 — HERMANN WATJEN: **O Domínio Colonial Holandês no Brasil** — Um Capítulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.

124 — LUIZ NORTON: **A Corte de Portugal no Brasil** — Notas, documentos

diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição ilustrada.

125 — JOÃO DORNAS FILHO: **O Padroado e a Igreja Brasileira**.

127 — ERNESTO ENNES: **As Guerras nos Palmares** (Subsídios para sua história) 1.º Vol. Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.

128 e 128-A — ALMIRANTE CUSTÓDIO JOSÉ DE MELO: **O Governo Provisório e a Revolução de 1893** — 1.º Volume, em 2 tomos.

132 — SEBASTIÃO PAGANO: **O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817** — Edição ilustrada.

146 — AURELIO PIRES: **Homens e fatos do meu tempo**.

149 — ALFREDO VALLADÃO: **Da Aclamação à Maioridade, 1822-1840** — 2.ª edição.

158 — WALTER SPALDING: **A Revolução Farroupilha** (História popular do grande decênio) — 1835-1845 — Ed. il.

159 — CARLOS SEIDLER: **História das Guerras e Revoluções do Brasil de 1825-1835** — Trad. de Alfredo de Carvalho — Prefácio de Sílvio Cravo,

MEDICINA E HIGIENE

29 — JOSUÉ DE CASTRO: **O problema da alimentação no Brasil** — Prefácio do prof. Pedro Escudero. 2.ª edição.

51 — OTÁVIO DE FREITAS: **Doenças Africanas no Brasil**.

129 — AFRÂNIO PEIXOTO: **Clima e Saúde** — Introdução bio-geográfica à Civilização Brasileira.

POLÍTICA

3 — ALCIDES GENTIL: **As idéias de Alberto Torres** (Síntese com índice remissivo) — 2.ª edição.

7 — BATISTA PEREIRA: **Diretrizes de Rui Barbosa** — (Segundo textos escolhidos) — 2.ª edição.

21 — BATISTA PEREIRA: **Pelo Brasil Maior**.

16 — ALBERTO TORRES: **O Problema Nacional Brasileiro**. 2.ª edição.

17 — ALBERTO TORRES: **A Organização Nacional**. 2.ª edição.

24 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Problemas de Administração** — 2.ª edição.

67 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Problemas de Governo** — 2.ª edição.

74 — PANDIÁ CALÓGERAS : Estudos Históricos e Políticos — (Res Nostra . . .) — 2.ª edição.

31 — AZEVEDO AMARAL : O Brasil na crise atual.

50 — MÁRIO TRAVASSOS : Projeção Continental do Brasil — Prefácio de Pandiá Calógeras — 3.ª edição ampliada.

55 — HILDEBRANDO ACCIOLY : O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.

131 — HILDEBRANDO ACCIOLY : Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguai — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.

84 — ORLANDO M. CARVALHO : Problemas Fundamentais do Município — Ed. ilustrada.

96 — OSORIO DA ROCHA DINIZ : A Política que convém ao Brasil.

115 — A. C. TAVARES BASTOS : Cartas do Solitário — 3.ª edição.

122 — FERNANDO SABOIA DE MEDEIROS : A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.

141 — OLIVEIRA VIANA : O Idealismo da Constituição — 2.ª edição aumentada.

VIAGENS

5 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE : Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay — 2.ª edição.

58 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE : Viagem á Província de Santa Catarina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira

68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE : Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiaz — 1.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

78 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE : Viagem ás nascentes do Rio São Fran-

cisco e pela Província de Goiaz — 2.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE : Segunda Viagem ao Interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.

126 e 126-A — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE : Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

19 — AFONSO DE E. TAUNAY : Visitantes do Brasil Colonial (Séc.XVI-XVIII), 2.ª edição.

28 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES : Viagem ao Araguaia — 4.ª edição.

32 — C. DE MELO-LEITÃO : Visitantes do Primeiro Império — Ed. ilustrada (com 19 figuras).

62 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA : O Rio São Francisco — Edição ilustrada.

95 — LUIZ AGASSIZ e ELIZABETH CARY AGASSIZ : Viagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgard Sússekind de Mendonça — Ed. ilustrada.

113 — GASTÃO CRULS : A Amazônia que Eu Vi — Obidos — Tumuc-Humac — Prefácio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.ª edição.

118 — VON SPIX e VON MARTIUS : Através da Bafa — Excertos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.

130 — MAJOR FREDERICO RONDON : Na Rondônia Ocidental — Ed. ilustrada.

145 — SILVEIRA NETO : Do Guairá aos Saltos do Iguassú — Ed. ilustrada.

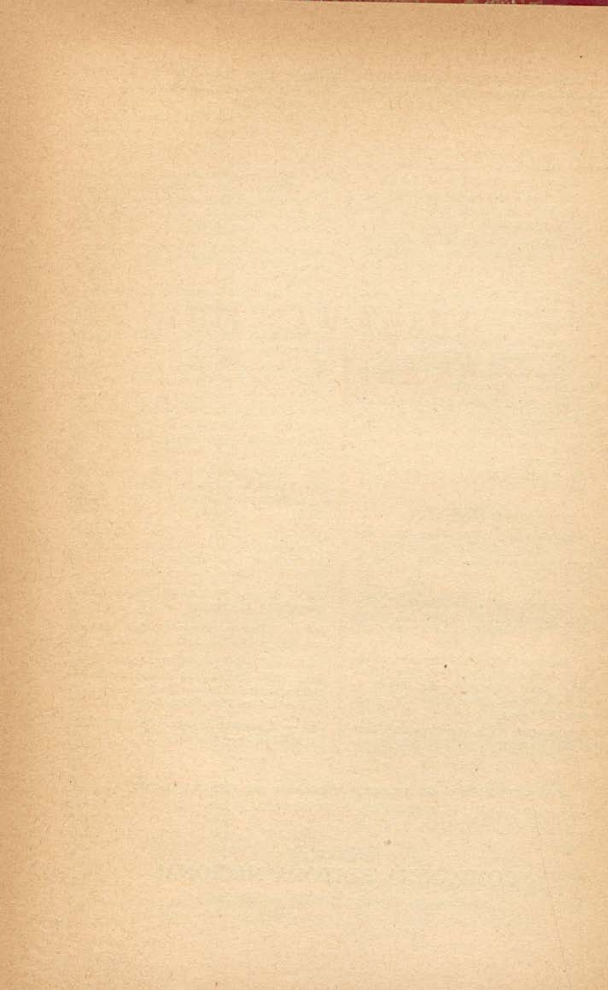
156 — ALFRED RUSSEL WALLACE : Viagens pelo Amazonas e Rio Negro — Tradução de Orlando Torres e Prefácio de Basílio de Magalhães.

161 — REZENDE RUBIM : Reservas de Brasilidade — Ed. ilustrada.

ADVERTENCIA : Os numeros referem-se aos volumes por ordem cronologica de publicação.

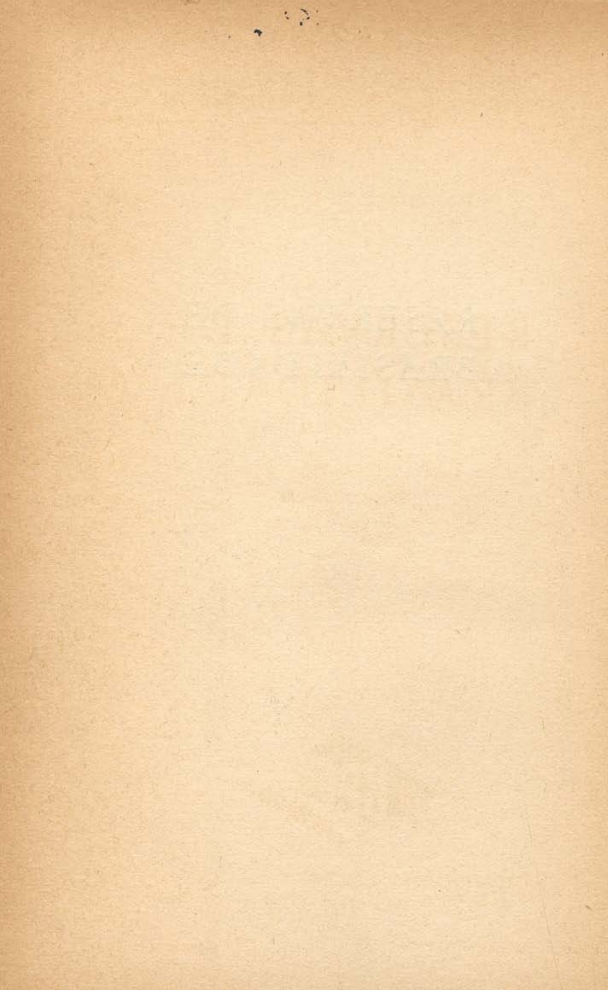
Edições da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo



RESERVAS DE
BRASILIDADE

61 25 18 604 NDD
45 90 89
X



2.224 (164) m-12°

Serie 5.ª

BRASILIANA

Vol. 161

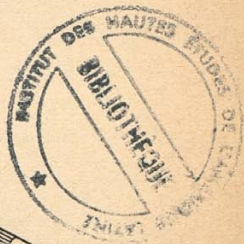
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

REZENDE RUBIM

★

RESERVAS DE BRASILIDADE

(Edição Ilustrada)



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PÓRTO-ALEGRE

1939

INDICE

	PAGS.
Preambulo.	13

PRIMEIRA PARTE — *Amazonia.*

CAP.

I — Belém do Pará á vista	19
II — Rumo a Manáos	25
III — Ambiente	43
IV — Fauna	65
V — A vivenda	75
VI — A pesca da tartaruga.	79
VII — O regatão	85
VIII — A borracha	99

SEGUNDA PARTE — *Matto Grosso.*

I — A transcontinental do futuro	119
II — Corumbá	135
III — A festa joanina em Corumbá	149
IV — A viagem Corumbá-Cuiabá	153
V — Cuiabá	165
VI — As touradas em Cuiabá	177
VII — A região garimpeira-Lageado	185
VIII — A região garimpeira-Poxoreu	223
IX — As visitas do coronel Fawcett a Matto Grosso	245

Preambulo

HÁ em todas as recordações como que baixos e altos relevos, impressões marcantes, que ficam assignaladas como se fossem marcos kilometricos de uma estrada percorrida. Nessas recordações as memorias são diversas : ora é o som em imorredoura onda vibratoria ; ora a luz em saudade retiniana ; ora a impregnação de um perfume subtil ou de um aroma raro — tudo ficando latente, muitas vezes velado nos recessos do sub-consciente, mas, quasi sempre grato ao coração de quem recorda. E' que o estagio das memorias lhes empresta um character suave, ameno, attenuando os decalques, a ponto de ser agradavel, em certas occasiões, lembrar-se episodios tristes e factos que deixaram impressão desagradavel. Basta, para tanto, que a memoria — magoa tenha sido armazenada com qualquer parcella de incidente agradavel.

Nesse particular o que podemos exprimir sobre as nossas recordações, tanto da Amazonia como de Matto-Grosso, é quasi um absurdo. E, há coisas que as palavras não podem definir. Imagine-se, por exemplo,

o sabor do araçá, por si só de gosto tão característico, colhido ao depois da escalada de uma arvore enleada de cipós... Para muitos, a fructa, obtida com tanto sacrificio, passaria a desmerecer no paladar, mas, para nós, o seu sabor se enriqueceu de uma maneira toda especial e não na dariamos por preço algum...

Tal exemplo nos serve de paralelo com as impressões inesqueciveis deixadas após as viagens com tanto sacrificio feitas, umas na "Terra da Promissão" de Humboldt, outras em Matto-Grosso, gleba de fronteiras vivas e de ambiente tumultuario. E, nem poderíamos definir as nossas impressões de outra maneira, tantas foram as que ficaram desencontradas.

* * *

Fazer um livro de viagens já é coisa corriqueira. Não há por ahí quem não tenha feito o seu. Nisso não vae mal algum; cada observador focalisa aquillo que o seu sensorio mais absorveu. Sobre o Amazonas, então, a bibliotheca já é numerosa: há bons e maos trabalhos. O que admira, entretanto, é a phantasia desmedida, sempre para peor, de alguns e a coragem de affirmar de quem nunca viu com o espirito despido de idéas aprioristicas. Para muitos o Amazonas é um inferno e Matto-Grosso o paraizo do crime; para nós são parcellas da grande patria, dignas de estudo e carinho, por guardarem zelosamente muita reserva de brasilidade.

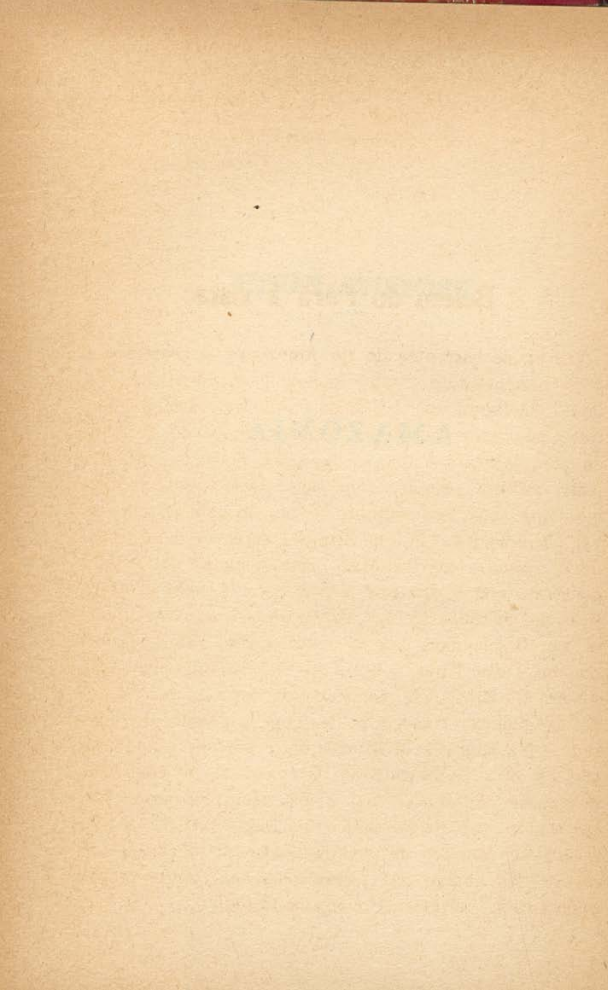
Não pretendemos, absolutamente, collocar as nossas impressões em lugar inatingivel; seria estulticia. O que escrevemos é, antes de tudo, uma graphia instantanea do que poude mais em nós de emoção. Assim sendo, não tem tal relato senão um merito — ser a expressão da verdade vista com alma. Sirva isso, ao menos, para que a critica tenha condescendencia pelas lacunas que chegue a observar.

* * *

Não podemos deixar de agradecer o concurso recebido, em relação á uma porção do material photographico. E' essa a razão porque deixamos aqui os nossos obrigados ao eminente interventor Alvaro Maia, ao illustrado advogado Dr. Analio de Rezende, ao presado confrade Paulo Eleuterio e ao esforçado salesiano P. João Dourure. Nos obrigamos tambem com o grande amigo Dr. Suphrasio Cunha, pelo auxilio inestimavel de sua ajuda em relação ao capitulo sobre Fawcett.

PRIMEIRA PARTE

AMAZONIA



CAPITULO I

Belém do Pará á vista

AS aguas barrentas do rio Amazonas já começam a manchar aqui e alli a immensidade esverdeada do mar. São como que lampejos fulvos na cabelleira marinha em verde carregado. Dentro em pouco, á medida que augmenta a invasão das aguas doces, a superficie mais uniforme esmaece em suas tintas vivas e num momento toma em conjunto o tom da canna, com laivos esverdeados. E' que estamos transpondo o formidavel estuario do Rio-Mar. Essas aguas em caudal penetram mar a dentro e vão aquecer as costas atlanticas dos Estados Unidos, carreando em alluvion a terra do Brasil para plagas estrangeiras. Já se disse que na Terra Nova o brasileiro é extranho, mas, pisa a terra do Brasil. O Amazonas portentoso, na sua fauna de gigante, transporta de longe o humus desmontado. Na angustia de Breves já se percebe a aggregação da Ilha de Marajó ao continente. As continuas dragagens conservam mal a passagem na parte sul, entretanto, dentro em pouco, em consequencia do deposito continuado da sedimentação no levantar do alveo e no abraço das terras marginaes, a navegação poderá ficar seriamente compromettida.

Vencemos agora um mar claro, mixto de agua doce e salgada, nessa expansão magnifica que se chama a Bahia de Guajará. Aproamos Belem. As margens, apequenadas no scenario grandioso, em monotonia constante, mancham em barra escura a linha do horisonte. Mais um pouco de marcha, trepidando o vapor na luta de vencer a resistencia da corrente, e avistamos o casario da cidade.

Belem é uma cidade velha, onde o gosto dos seus filhos, a pouco e pouco, amenisou as linhas antigas com a graça dos jardins modernos e ruas largas com edificações monumentaes. Para quem aborda a cidade a impressão é a de encontrar uma cidade colonial; as surpresas, entretanto, vão chegando lentamente. Passados, a bombordo, os estaleiros da "Amazon River", amontoado de velharias sujando as margens mimosas, descortina-se o caes da cidade — as linhas rigidas da "Port of Pará". Mais umas voltas á helice e Belem moderna, em toda a sua grandesa, apparece. Logo atraz dos armazens do porto uma grande avenida se estende, marginada pelo casario de muitos andares que lhe empresta um aspecto de grandesa. Para cima, rumo do centro, descortina-se outra grande arteria. Os bondes passam repletos, o movimento de automoveis é intenso. Nota-se logo que estamos em face de uma grande capital. E, realmente, Belem hoje é uma cidade que disfarçou os residuos coloniaes com um arranjo intelligente de urbanismo. Ruas largas, avenidas magestosas, arborisação cuidada, construcção moderna; nada falta á cidade para ser, como é, uma das primeiras

capitães do paiz. Belem, além d'isso, possui hotéis de primeira ordem, theatros sumptuosos e uma sociedade culta, trabalhada intensamente pelo convívio com os europeus e americanos do norte. Basta dizer que, até alguns tempos atrás, a sociedade paraense não conhecia outra praia de banhos que não fosse Barbados, nas Antilhas, e as suas estações de água eram feitas em Vichy e Carlsbad. Nesse tempo o sul não offerecia os encantos de hoje e os paraenses procuravam fora do paiz o conforto, de accordo com aquella a que estavam habituados em sua terra. Conhecemos muitas famílias que não conheciam o Rio de Janeiro e já haviam percorrido toda a Europa. Para tanto havia a facilidade da navegação directa entre o Pará, Europa e America do Norte, assim como a riqueza em que nadava toda a região amazonica.

Os paraenses devem ter um orgulho: Belem é fructo autochtono. Existem lá muitos estrangeiros, porém, o filho da terra sobressae, nem só pelo seu gosto apurado, como também pelo seu espirito nacionalista e organisador. Uma das colonias tem conseguido impor-se — a portugueza. Identificou-se ella ao meio e não se sente hostilisada como em outros pontos do paiz; foi racionalmente absorvida, sendo de indice cultural elevado.

Belem possui parques, um Bosque Municipal, um museu de Historia Natural (Museu Goeldi), um Instituto de Chimica, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Faculdade de Pharmacia e de Odontologia, Escola de Commercio, Escolas Normaes, Gymnasios,

grupos escolares modelos, asylos para alienados, hospitaes modelos, etc. etc.

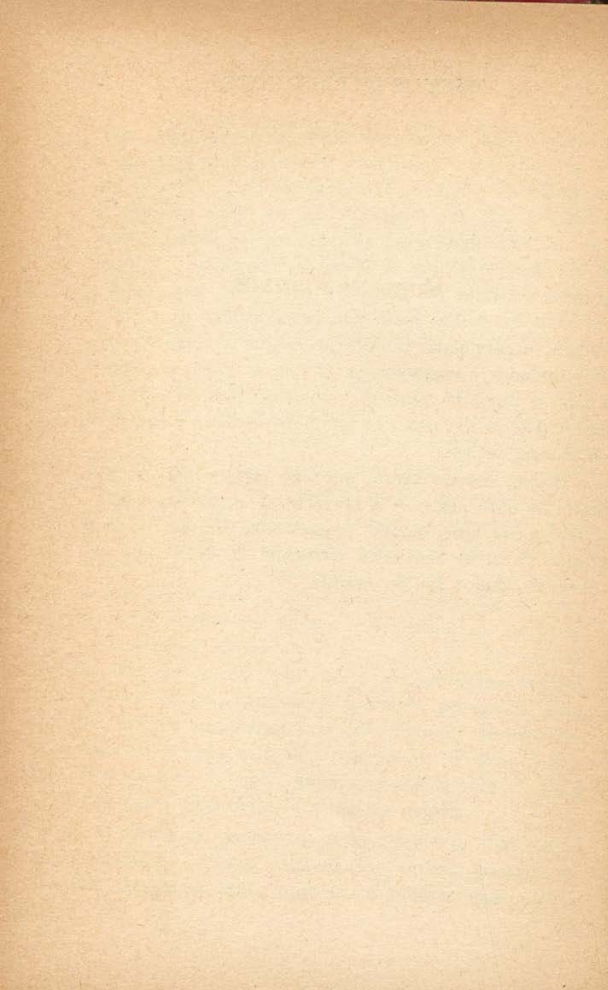
Sendo Belem uma cidade plantada á beira de rio onde ainda existe o phenomeno das marés, gosa das vantagens de possuir peixes de todas as qualidades ; a meza do Pará, por esta e outras razões é de uma fartura excepcional. Visitámos o Mercado Municipal e ficámos admirados com a fartura de todos os dias : carnes de especies varias, fructas de todos os climas, verduras a granel.

Os forasteiros falam do clima da planicie amazonica como de um inferno dantesco ; a verdade nesse particular, como nos outros, é que as opiniões são sempre exageradas. Em Belem, por exemplo, si há calor intenso durante o dia, possui noites agradabilissimas. Não há quem desconheça o phenomeno reinante na região — a chuva diaria. Logo após o almoço começa o vento e dentro de alguns instantes cae o aguaceiro. Tal é o habito que se criou com a chuva que já serve ella como marco de tempo. E' commum ouvir-se : "encontrar-te-ei depois da chuva," por ser ella um habito de todos os dias, phenomeno explicavel nas regiões tropicaes, onde a grande evaporação provocada pelo calor intenso na grande vastidão liquida, devolve rapidamente á terra o liquido evaporado. O certo é que a chuva concorre muito para attenuar o calor e d'ahi a vantagem das noites frescas na região.

O clima do Amazonas e do Pará tem sido muito calumniado. Vimos, entretanto, muitas pessoas de idade avançada, tanto num como noutra logar. E a

verdade é que nunca observamos epidemias alli, como no sul do paiz. A endemia reinante, aliás que não é privilegio da planicie, é o impaludismo. Ora, o impaludismo não é enfermidade de um clima qualquer e sim uma fatalidade nosologica das regiões onde as aguas collectadas permittem os focos de mosquitos. As duas grandes capitaes do norte do paiz teem impaludados nas suas cercanias como nas immediações da Capital Federal a campanha fluminense exhibe a vergonha dos seus opilados e ensezonados. O que se passa no Rio é o que se passa lá tambem ; somente fora da cidade é que a doença devasta. O perimetro urbano é indemne de contaminações.

Belem, mesmo agora, que não possui mais o chariz do ouro negro — a borracha — apresenta a physionomia de uma cidade progressista, conscia do seu grande papel de sentinella avançada do Norte, no estuario do maior rio do mundo.



CAPITULO II

Rumo a Manáos

— São 7 horas...

Levantamo-nos tontos de somno, e insensivelmente lançamos um olhar reparador para o ambiente do nosso quarto de hotel. Tudo em desarranjo, como é natural em casa de quem não para, como cigano. Temos que embarcar as 9 da manhã, no *vaticano* “Bello Horizonte”, que nos ha de levar a Manáos. O tempo é pouco: há muito a fazer. Santo Deus, porque se dorme tanto?!...

A nossa permanencia em Belem foi como um relampago, taes as gratas recordações que ficaram.

Às 9 em ponto, com pontualidade ingleza, como impatrioticamente dizemos, um dos vapores que faz habitualmente o cruzeiro dos rios da Amazonia, desatracava da “Port of Pará”. O “Bello Horizonte” era um vapor construido na Hollanda, em teca e aço. Envergadura imponente, fundo chato, 3 convezes. Barco feito, como outros da mesma Companhia, para a viagem em clima quente. Apresentava todas as commodidades possiveis. Cabines teladas, defendidas dos mosquitos; salões amplos, refeitório aberto de bordo a bordo, aparelhos sanitarios perfeitos. Acrescente-

se a tudo isso a vantagem de haver logar no *deck* superior para pendurar as redes. Sim; viajar naquellas paragens sem este attributo essencial ao repouso é uma grande asneira, praticada somente pelos *snobs*, que não se identificam com o meio. Foi essa a razão por que, ainda em Belem, lembrámos os tempos da meninice e adquirimós uma rede bem confortavel.

Navegamos na largura da Bahia de Guajará por algum tempo, buscando os celebres estreitos de Breves. Ninguém poderá manifestar em palavras o entusiasmo desbordante de quem navega pelo "Furo da Jararaca", parte importante dos afamados estreitos. O vapor comprime a vegetação luxuriante das margens e a sua altura se apequena ao pé da grandeza dos individuos vegetaes que surgem a cada momento. De vez em quando uma habitação lacustre e a matta perfumosa a se esmaltar no arco-iris das flores e cataléas. Tem-se a impressão de um passeio fantastico, marcado pela cadencia prosaica do resfolegar das machinas de bordo. E' um dos mais encantadores recantos do mundo. A natureza circundante imprime um sello de respeito nos visitantes; a mascara physionomica adquire um ar de familia, inconfundivel. E' que, em momentos de grandes emoções, todas as creaturas irmanam-se e a emotividade produzida pela natureza tem o cunho especial da grandeza e do mysterio. Alegria, perigos, entusiasmos, aproximam os elementos mais contrarios. Depois de passar os Estreitos de Breves, entra-se na amplitude liquida do Amazonas, onde as verdadeiras margens nem sempre são vistas; o que se enxerga são

ilhas, ora de um bordo ora de outro. A praticagem procura geralmente os braços navegaveis, fugindo á resistencia da corrente, mormente subindo o rio, que em certos logares, si fosse enfrentado no canal, retardaria por longo tempo a marcha.

O rio, visto do alto, é uma vastidão, semeada de ilhas, canaes, braços, furos, paranás... Há, entretanto, momentos em que a vastidão do rio se desnuda; nesses momentos as margens fogem no horisonte e a impressão é quasi semelhante a do mar. Só uma coisa a desmente: é que então não se sente o embate das ondas. O vapor sobe trepidando, num esforço titanico para vencer a corrente portentosa e parece não se mover do logar.

* * *

A navegação a vapor no rio Amazonas e seus afluentes usa somente um combustivel — a lenha. A parada num porto de lenha, cujo ponto é divisado ao longe por causa das grandes pilhas de madeira arrumadas á beira d'agua, é muitas vezes um divertimento. O vapor atraca no barranco marginal e são lançadas as pranchas (geralmente duas) para o serviço. Por uma das pranchas entram os carregadores e por outra saem. E' edificante observar o trabalho, o maior desmentido á propalada preguiça do nosso caboclo; raro é aquelle que não entra no barco carregado *como um turco*, recurvado ao grande peso da carga. E o serviço é feito com tal agilidade e presteza que num momento a maior mole de madeira passa para o bojo da embarcação. Os

estivadores são sempre sertanejos, autochthonos ; typos de musculaturas perfeitas e de envergaduras respeitaveis. Para elles o trabalho rude é o episodio commum de todos os dias. Fazem o serviço cantando e pilheriando, apostando destreza entre si, inspirando orgulho aos brasileiros que os observam. Roosevelt assistiu aos mesmos episodios de resistencia e boa vontade para o trabalho entre os nossos homens do interior, quando viajava com o General Rondon, e teve a seguinte phrase : “Um povo semelhante, tendo taes homens, está destinado ao mais brilhante futuro...” O que admirou ao estadista norte-americano tambem foi surpresa para nós ; viajando nos altos rios tivemos oportunidade de assistir a actos de verdadeira bravura dos nossos patricios, mesmo quando mal alimentados e tremendo de febre... O que nos diziam, entretanto, lá nas cidades civilizadas, era o contrario : para os taes visionarios de gabinete o sertanejo do Brasil é um vencido imprestavel. Dá-se, mui naturalmente, tanto no Amazonas como em qualquer outro lugar, tanto do Brasil como do mundo, o phenomeno da selecção natural — persiste o forte, o outro é eliminado. No Amazonas não existem homens fracos ; si a natureza grandiosa amesquinha o homem, este, por sua vez, para poder persistir tem que se encourçar, tanto physica como moralmente. Não há meio termo numa lucta em a qual o homem encontra a terra immatura. Essa a razão por que contradigo a idéa corrente classificadora do homem d'aquelle *habitat* como inferior. Ao contrario. Tudo alli se conjuga para mais fortalecer o material

humano, plasmando dest'arte um ser cheio de qualidades, comparavel somente ao nordestino de onde deriva e que, como o caboclo do Amazonas, é um producto da selecção. Nem poderíamos comprehender a rija tempera do homem do nosso Nordeste sem a secca periodica que lhe augmenta a resistencia...

* * *

Outro phenomeno interessante no Amazonas é a ausencia do negro. No interior dos dois grandes Estados da planicie quasi não é visto o homem de côr; Em Belem, devido ao elemento portuguez, ajudado ao tempo do Imperio pelo braço escravo, ainda se encontra bastante preto, mas, em Manaos e quasi todo o interior do Amazonas e do Pará o preto é encontrado por accidente. O que existe lá é o *caboclo*, o indio já trabalhado pelo convivio do branco, constituindo quasi a totalidade da população do *hinterland* da planicie amazonica. Já existe tambem um grande numero de mamelucos e uma grande colonia de nordestinos. Com a queda da borracha a maior parte dos cearenses, parahybanos, maranhenses, piauihyenses, pernambucanos e riograndenses do norte procurou outras plagas. Ficaram os que não podiam sahir.

* * *

A alimentação do nativo é parca e simples : peixe, caça e farinha. A sciencia diz em sua ultima palavra que o homem quanto mais se afasta da natureza me-

nos vive, menos resistente fica. Em materia alimentar, então, ninguém discute mais : a mortandade produzida por enfermidades gastro-intestinaes nas cidades é produzida pelos regimens dos alimentos artificiaes, isto é, de conserva. O condimento entra como grande factor na desordem alimentar do homem civilisado ; o sal que comemos é superfluo, pois, o mesmo é encontrado em muitas fructas e em verduras facilmente digestiveis. E' por isso que a nossa meza civilisada concorre para diminuir a nossa longevidade e para nos levar mais rapidamente á morte. Talvez seja por essa razão que o nosso sertanejo, apesar de dizimado pelo anquilostomo, continua a ser elemento de acção. O caboclo do Amazonas come peixe e tartaruga ; vive muito e quando trabalha é um exemplo de resistencia.

* * *

O passadio a bordo dos vapores que viajam no Amazonas e seus afluentes é bom. Comida farta e geralmente bem feita, completada pelas fructas saborosissimas da região, que são em grande numero. Em qualquer lugar onde o vapor pare há sempre o que comprar ; ora fructas, ora doces. Obidos, cidade á margem do rio, é especialista em doces de tamarindo ; offerecem-no á venda em verdadeiros trabalhos artisticos, com floreios em assucar colorido. Santarem, a mais importante cidade ribeirinha, é sortida de fructas e aguas de cheiro. Não há quem passe por esta ultima cidade que não fique com a tentação de experimen-

tar uma das taes infusões feitas no logar com raizes, flores e hastes de plantas nativas. Houve até quem fundasse uma industria aperfeiçoada em Belem, aproveitando a grande variedade de resinas e vegetaes perfumados da flora amazonica. A industria de Santarem é todavia muito rudimentar ; é o ganha-pão de algumas familias do logar, que vêm guardando o segredo das infusões. E, aqui devemos fazer um parenthesis explicativo.

A confecção da agua de cheiro é feita sob certas praxes, contendo a infusão, no dizer das suas vendedoras, virtudes cabalisticas. A agua de cheiro na Amazonia é, aliás, um attributo necessario no toucador das mulheres. Na noite de S. João há uma praxe obedecendo a certa liturgia regional — o banho de cheiro á meia noite. Não há negar que é o mais encantador costume joanino que temos encontrado no Brasil. Em Matto-Grosso existe o banho na propria imagem, levada em charola á beira do rio. No Amazonas o banho é no proprio crente e com agua de cheiro... Não se pense que são usadas no ritual as essencias estrangeiras. Não ; o perfume é retirado da inexgottavel flora regional. O material para a confecção é enorme. Pudesse elle ser aproveitado em intelligente industria e acreditamos que collocariamos de lado a banal e cara producção que nos vem de fora.

Entre as hervas perfumadas encontramos essencias verdadeiramente raras. A mucura-caá, a pataqueira, a manufa, o capim cheiroso, o cipó-catinga, a japana, o capim-tihú, o cabi, o cipó pucá, enfim, uma

immensa variedade de hervas, cada qual com perfumes mais exquisitos e agradaveis. Entre as batatas e cascas de cheiro existe tambem uma grande variedade aproveitavel: o pau-rosa tem o cheiro da flor que lhe empresta o nome; a casca preciosa rescende á madeira do oriente; a macaca-puranga não possui similar na perfumaria conhecida; a pripriôca, que se usa ralada ou em infusão, é de cheiro tão suave e persistente que serve para perfumar a roupa branca, á qual empresta perfume agradável por muito tempo.

Alem d'essas hervas, cascas e batatas, encontram-se na planicie sementes com odores raros. Uma d'ellas é o cumarú. O cumarú possui um perfume sem paralelo em toda a perfumaria conhecida, sendo usada a semente ou fava, com aspecto da fava da baunilha, porém com cheiro caracteristico, unico.

* * *

Em Santarem existe uma curiosidade. A igreja local guarda um Christo crucificado, dadia de Martius, o celebre naturalista, quando de suas viagens scientificas no baixo Amazonas. Contam que a imagem foi dada em pagamento de uma promessa feita pelo sabio quando estava em risco de naufragar no rio-mar.

* * *

A viagem rio acima, para Manáos, afora esses aspectos accidentaes das paradas, é monotona na gran-



Amazonas — Cortando ouriços de Castanha.





Amazonas — Preparação do Caçabe.



Amazonas — Pesca de Peixe Boi.

deza do scenario. Cansa o observar constantemente as aguas e o verde uniforme da matta á distancia. São 7 dias em que os motivos de diversão são raros. Nas proximidades de Manaos muda o scenario. As pequenas fazendas, sitios, logares de recreio, succedem-se constantemente e o residente já imprime á terra o seu sinete de esforço e de bom gosto. Aparecem as hortas, as lavouras cuidadas e os immensos cacauaes. A arvore do cacau é de um verde escuro e uniforme, quasi igual ao do pé de café, e este tom salienta o terreno do cacauál da monotonia do verde amarellado e sujo da paysagem circumdante.

Chegamos ao rio Negro. O caudaloso affluente da margem esquerda de aguas escuras e reflexos prateados, surge a boreste, no seu vasto lençól de aguas correntosas. Há uma ilha bem no centro da embocadura, Marapatá. Entre esta e a Ponta Pellada, na margem esquerda do Amazonas, distende-se a linha divisionaria das aguas dos dois grandes rios. De um lado o Amazonas, que ficou para traz ; na frente, á prôa, o Negro ; á esquerda o Solimões, continuação do rio Amazonas da foz do Negro á fronteira do Brasil com o Perú.

As aguas escurissimas do Negro não conseguem toldar as impetuosas aguas barrentas avermelhadas do rei dos rios ; aqui e alli os rebojos são indicios de lucta, mas, que demonstram a derrota do tributario — a tentativa de mixtura não passa de um tentamem. E a linha divisionaria é quasi uma recta — de um lado a caudal amazonica que passa rumorejante a caminho

do Atlantico, assignalada pelo dorso avermelhado da superficie liquida; de outro lado a expressiva agua quasi negra do maior tributario da margem esquerda do gigante amazonico. Parece que o rio Negro pretende vencer a passagem como corredor impetuoso e encontra uma barreira intransponivel; tem-se a impressao que o affluente, ao encontrar o Amazonas, esbarra e mergulha, desaparecendo nas profundidades do mais caudaloso dos rios. O espetaculo é verdadeiramente magestoso...

Entrando no Negro já a margem toma configuracao differente; deixa de ser chata e alteia-se no barranco. O leito profundo e as margens altas dão a entender que as aguas descem impetuosamente das serranias do norte do Estado e cavam o alveo em declive accentuado. E é, de facto, o que acontece. O rio Negro em todo o seu curso inicial é encachoeirado, aliás, como quasi todos os tributarios da esquerda.

As margens do Negro são mais firmes e tem-se a impressao que são terras definitivas. Navega-se durante uma hora pelo principal affluente da esquerda até chegar a Manãos, a antiga terra dos indios Barés, a mais linda capital do extremo Norte.

Manãos é um milagre humano, engastada como está na floresta tropical. Depois de 7 dias de viagem, penetrando essa parte do Brasil que tem opposto os mais serios obstaculos á civilisacao, é confortador encontrar-se uma joia como a capital do Amazonas. E ao descortinar-se a cidade o aspecto é imponente; fica ella a cavalleiro em face da bahia do rio Negro, bahia

tão grande que comportaria folgadoamente a maior esquadra do mundo. De uma de suas margens não se vê claramente a outra banda.

Logo á entrada da cidade, bordejando a sua praia, passa-se em face da praça dos Remedios. E' um ajardinado curioso, em declive suave, bordado de edificios elegantes e de boa construcção. Logo após, passadas as ruas marginaes, mais feias por mais antigas, vislumbra-se o Mercado Novo. E' uma obra importante, em pavilhões de ferro e apoiada em um dos paredões do caes. Obra perfeita.

D'ahi em deante começam as obras do caes fixo ; trabalho sobrio e solido. Descortina-se, então, no segundo plano, o casario que se alteia de espaço a espaço, dominado ao fundo pelas imponentes linhas do Theatro Amazonas e do Palacio da Justiça. Mais á esquerda, na ponta da margem citadina, eleva-se um edificio magestoso, a Fabrica de Cerveja.

O aspecto geral da cidade é plano, sendo o traçado feito em xadrez perfeito e moderno. A' proporção que se afasta da margem do rio a cidade vae se alteando suavemente, de maneira a offerecer ao observador uma visada que abrange todo o perimetro habitado.

O vapor pára as machinas em frente ao *roadway* da "Manaos Harbour", caes flutuante, unico no Brasil e que é uma maravilha de engenho e de technica. Avança rio a dentro em T, cujo ramo vertical se prende na margem ao caes fixo. O ramo horizontal fica em pleno rio, flutuando e serve para atracação dos vapores nacionaes de cabotagem e do serviço do Estado.

Todo o systema é de pranchões de madeira de lei sobre um arcabouço de aço, que repousa em boias metallicas. O ramo vertical do T é dividido em todo o seu comprimento em 3 partes: a central onde funciona um serviço de vagon sobre trilhos e accionados á electricidade; as duas lateraes, para o transito de passageiros e viaturas. Na parte horizontal do T estão os armazens de deposito e para carga. Como dissemos mais atraz, é neste ramo horizontal que atracam os vapores provenientes de portos nacionaes; os de origem estrangeira encostam noutro caes fluctuante, sem ligação com a terra a não ser por um apparelho aereo de fios que transporta automaticamente a carga para um armazem alfandegado. O systema é engenhosissimo por difficultar o contrabando.

Assim que se salta em Manaos, subido o *Roadway*, chega-se ao coração da cidade. Bem no alto do fluctuante por onde se sobe, ao terminar este e entrar na grande praça que domina o porto, foi construido o edificio da Alfandega, considerado hoje como o mais elegante do Brasil. Da praça que assignalamos descortina-se um vasto quadrilatero ajardinado e ao fundo uma elevação cujo acesso se faz por escadarias de contorno. Nesta elevação está assente a velha e tradicional Cathedral, que fica assim sobranceira, cercada de jardins e em face de uma grande praça.

O calçamento da cidade é de primeira ordem, sendo em sua maior parte feito a parallepipedo. Alguns logares foram pavimentados a asfalto, todavia, pouco tempo depois verificou-se que o dito calçamento não

era proprio para um clima como o de Manaos, quente e humido.

Já na praça da Matriz verifica-se pela construcção monumental que a cidade é muito bem edificada. Nesta sala de visitas de Manaos encontra-se o ponto de convergencia dos bondes que servem a cidade, o que facilita immensamente, tanto ao commercio como aos *touristes*, o conhecimento do logar.

Manaos é uma cidade evoluida ; grande parte de sua população soffreu a influencia do contacto europeu e americano. O habito ficou ; mesmo agora, depois da queda da borracha, o amazonense continua a viajar muito. O trato social alli é de um centro de milhão de habitantes e não de uma capital de interior com oitenta mil almas.

Possue a cidade modelares estabelecimentos de ensino — : Gymnasio e Escola Normal, em edificio imponente de linhas greco-romanas ; Faculdade de Direito, em predio proprio ; grupos escolares, em predios padronizados ; Escola Superior de Commercio ; Escola de Agronomia, etc. Todos os edificios publicos são bem construidos. O Palacio do Governo é uma antiga residencia particular que ficou aos proprietarios anteriores por algumas centenas de contos de reis ; o Palacio da Justiça é um dos mais bellos do Brasil, no alto da avenida Eduardo Ribeiro, em face do Theatro Amazonas e construido sobre uma elevação trabalhada ; o Palacio da Municipalidade, antigo Palacio do Governo, uma das mais puras obras da cidade, com fachada de purissimas linhas romanas ; Bibliotheca e

Archivo, em cujo andar superior funciona a Assembléa ; a Chefia de Policia ; o quartel da Força Publica, fazendo angulo com o Gymnasio Estadual, na elegante praça da Constituição ; Secretarias de Estado ; Penitenciaria, construida com todos os requisitos necessarios ; Mercado Municipal, um dos melhores do paiz ; Mata-douro Modelo ; etc., etc. Domina a todos elles, tanto em belleza como em imponencia, o Theatro Amazonas. Occupa um quarteirão inteiro, dando frente para a bellissima praça de São Sebastião e fundos para a avenida Eduardo Ribeiro. Está edificado tambem sobre uma elevação, num dos pontos mais altos da cidade. A elevação foi aplainada e contornada de paredão artistico, sendo feitas em todas as quatro faces escadarias apropriadas. A face que dá para a praça de São Sebastião apresenta um arranjo de duas rampas de contorno e que servem para a subida de vehiculos. Entre as duas rampas, no nivel da praça, existe um jardimzinho. Todo o paredão do Theatro Amazonas tem columnatas como muro de arrimo. O aspecto, por qualquer face que seja visto, é magestoso. O edificio, propriamente dito, é de construcção solida, em estylo da Renascença italiana, rematado na parte central superior por uma cupula em zimborio, coberta de mosaicos monumentaes de Veneza, nas cores verde, amarella, azul e branca, formando o dezenho da bandeira brasileira. A sala de espectaculos offerece aos espectadores todo o conforto e tem acustica excellente. Internamente o que mais se destaca é o salão de honra do theatro, decorado com todo o capricho por pintores celebres e

com marmores de custo. As telas representam as scenas do Guarany. Outra obra prima é o panno de bocca. Representa, simbolicamente, o encontro do rio Amazonas com o Solimões, sendo os dois rios representados por duas figuras masculas, coroadas de louros, no leito das aguas transparentes e enleados em vege-tação luxuriante.

Alem do Theatro Amazonas, Manaos possui outros theatros e cinemas, todos modernos e confortaveis. Uma particularidade artistica em Manaos é que os edificios de importancia estão, quasi todos, situados em logradouros publicos bem cuidados, as mais das vezes praças ajardinadas.

A cidade é embellezada com diversos monumentos de grande valor artistico, destacando-se o grande monumento commemorativo da abertura do rio Amazonas ao commercio do mundo. Está collocado na praça de São Sebastião, já citada. A praça é circulada de arvores ornamentaes e asphaltada, tendo um grande circulo central mais elevado e com calçamento de pedrinhas formando desenhos. Este trabalho é identico ao das calçadas da Avenida Rio Branco, no Rio, mas, é anterior, tendo sido as pedras importadas de Lisboa.

O monumento é de bronze e marmore de cor, tendo sido considerado uma das maiores obras primas da America do Sul. Compõe-se de tres grupos: o inferior, da base, representa quatro bacias artisticas em florão, feitas em marmore cinzento, sahindo do bloco central quatro galeras encimadas nas proas por figuras simbolicas reproduzindo os continentes mais antigos e ten-

do aos flancos cantaros de onde jorra agua constantemente ; da parte central eleva-se o segundo grupo em columnas doricas verdes rajadas e em azul até a altura de oito metros, mais ou menos, em polygono de marmore bordado a bronze e tendo em cada face, correspondente ás galeras, placas artisticas em bronze com os disticos — Europa, Asia, Africa e America ; o terceiro grupo, mais em cima, é constituido por figuras alegoricas encimadas pela figura da Gloria coroando o Progresso, representado por sua vez por outras figuras expressivas. A altura total do monumento deve ser de uns quatorze metros.

Manaos é uma das cidades mais hygienisadas do Brasil. Tal tem sido a preocupação de todos os governos. As posturas municipaes são draconianas, sendo a cidade servida de excellente agua e de uma rede de exgottos modelar. O serviço de abastecimento de agua á população é pela captação a montante do rio Negro, no lugar denominado Ponta do Ismael. As installações são monumentaes e a agua é distribuida com fartura e em condições optimas de potabilidade. Uma prova da verdade d'essa asserção é o desconhecimento quasi absoluto na cidade de um caso de febre typhoide. E, Manaos, diga-se a verdade, apesar de ser uma das mais calumniadas cidades do paiz é, entretanto, a das que estão na vanguarda como de indice epidemiologico menor. Acima d'ella poucas ; uma d'ellas a cidade de Curityba.

Concorre tambem para o bom indice de saude do logar o processo de arrecadação do lixo e a cremação

systematica que soffre qualquer detricto arrecadado pela municipalidade. Para isso possui a cidade um forno crematorio installado nos arredores de Manaos.

A capital do Amazonas possui ainda diversos outros attestados de progresso que seria longo enumerar. Entre elles convem, todavia, citar a Fabrica de Cerveja, predio de muitos andares e de construcção moderna e servido de machinaria modelar ; as Industrias Rosas, de um abnegado crente nos destinos do Estado e que vae explorando todos os productos do Amazonas com fé e intelligencia pouco vulgares, tendo cogitado já do aproveitamento da borracha na fabricaçção de pneumaticos ; o Instituto Benjamim Constant, instituição mantida pelo Estado para a educaçção de moças pobres, installado em predio optimo e dirigido por irmãs de caridade ; o Leprosario de Paricatuba, a montante de Manaos porém na margem direita, estabelecimento mantido pelo Estado e que honra a assistencia publica do Estado do Amazonas.

A capital é servida por bondes electricos que cortam a cidade em todas as direcções, attingindo até pontos pittorescos fora do perimetro urbano. A illuminaçção é farta e boa.

Uma das coisas mais faladas do Amazonas é o clima, tido como insuportavel. O clima de Manaos, entretanto, não é tão quente como se suppõe. Sendo a cidade cercada de mattas e isolada como está, o calor é muito amenisado pelas constantes brisas e as noites são sempre muito agradaveis. Nunca sentimos em Manaos o calor suffocante que já experimentamos no Rio,

em certos dias que o asfalto amollece e o vento cressa as arvores das ruas...

Na ultima Mensagem do então governador Alvaro Maia, actual interventor do Amazonas, moço cujo patriotismo e visão administrativa se tem imposto, verificámos que a nossa querida Manáos não está estacionaria. A população cresceu, mas, parallelamente, o progresso continua a se affirmar naquellas paragens. O Dr. Alvaro Maia sempre foi um encantado pela sua capital e desde creança guarda com carinho os traços de uma portentosa creação citadina para a terra do seu nascimento. E a sua administração bemfazeja tem provado aos amazonenses que o seu amôr pela terra do seu nascimento não diminuiu. Lemos com toda a attenção a Mensagem já referida e afirmamos com satisfação que o Amazonas tem um homem que sabe querer e agir com discernimento.

CAPITULO III

Ambiente

A superficie da bacia amazonica alcança a cifra de oito milhões de kilometros quadrados, sendo 3.800.000 em territorio brasileiro. O rio Amazonas nasce no Perú, ensinando as geographias que no lago Lauricocha, mas, já há controversia sobre o logar de origem do caudaloso rio.

O estuario do rio-mar tem 335 kilometros de largura e o volume d'agua que lança por segundo no Atlantico é avaliado em 80.000 metros cubicos, quatro vezes o volume do Mississipi.

A sua corrente é tão poderosa que, somente a quinhentos kilometros da foz, é que se percebe a separação entre a agua azul do mar e a agua barrenta do rei dos rios. Todo esse enorme percurso de quinhentos kilometros o Amazonas penetra no Oceano e domina as aguas agitadas do Atlantico.

O seu curso é de 5.571 kilometros, estando em territorio do Brasil 3.165 klms. A parte mais estreita é em Obidos, onde se encontram 1.892 metros de largura e 145 pés de profundidade. Existem outros logares em os quaes sondas de 300, 500 e 800 pés não têm chegado

ao fundo. Conta-se, a esse proposito, que a canhonheira portugueza Patria, tendo lançado ancora e não tendo encontrado o leito, levantou ferros e arribou com a tripulação horrorizada. A largura do Amazonas varia entre seis e vinte kilometros. Uma coisa curiosa do rio-mar é a particularidade de possuir innumerous "furos" e "paranáas" e mais de 6.000 ilhas, entre as quaes a Tupyambarana tem 360 klms. de comprimento e 60 klms. de largura. A ilha de Marajó, no estuario, é mais ou menos do tamanho da Suissa.

Essa portentosa corrente transporta annualmente cento e sessenta milhões de toneladas de materias sedimentarias, que, alem de contribuirem para augmento de terreno da Terra Nova, concorrem para a fertilidade da Florida, nos Estados Unidos da America. A sua corrente media é de uma e meia milha por hora.

Possue, tambem, o Amazonas, muitos lagos e alguns d'elles com mais de 60 klms. de extensão. Tem cerca de mil tributarios, excluindo riachos sem importancia, e é navegavel em mais de 60.000 klms.

* * *

A vasta região mediterranea de Sul America encharcada pela rede potamographica do Amazonas e seus tributarios é constituida por uma planicie ou, mais propriamente, por duas faces de uma planicie, cujo eixo de reunião é o rio-mar. Foi Agassiz que não concordou em denominar o valle de *bacia*. Achava o illustrado naturalista assentar-lhe com mais proprieda-

de o apellido de *planicie*. E tinha razão. O valle amazonico altea-se lentamente, cerca de um pé em legua quadrada, indo do occidente para o oriente. Manaos, distante 930 milhas da foz do Amazonas, no Oceano Atlantico, tem a altitude de 28 metros, somente...

A planicie eleva-se tambem partindo do rio-mar para as cabeceiras dos tributarios, principalmente em territorio do Estado do Amazonas. O ponto mais baixo d'ella é, pois, o eixo, a calha collectora, o caudaloso rio Amazonas.

* * *

O lado norte da planicie, a face que agasalha os afluentes da esquerda, é mais estreito e tem mais declive. Desce elle do systema orographico guyano, mais a prumo, emprestando aos tributarios da esquerda o regimen das cachoeiras. De facto: em quasi todos os contribuintes d'essa margem a navegação não pode ser feita em grande percurso. A face sul do valle, entretanto, já tem outro *facies*; vae subindo tão lentamente que chega ao planalto dos Parecis depois de enorme distancia. Os tributarios da margem direita, por essa razão, são navegaveis até a proximidade das cabeceiras, apesar de percorrerem o dobro ou o triplo do caminho rasgado pelos irmãos da esquerda.

Tal aspecto geographico, alliado ao calor da Amazonia em suas partes mais baixas, ao regimen pluvio-metrico que marcha de sul para norte, creou na região um phenomeno interessante: enquanto os afluentes

da esquerda estão em vasante os da direita vivem sob o regimen da enchente, equilibrando assim o nivel da formidavel calha collectora — o Amazonas. E, o regimen das chuvas na Hiléa, regulado pela grande evaporação, em consequencia da acção solar sobre o immenso lençol liquido, assim como tambem pela vegetação permanentemente viçosa, conta mais com um factor de importancia — a fusão das neves andinas. Realmente, as camadas superiores da atmospherá, principalmente na parte oeste da região, são sempre frias. E são essas camadas que se deslocam para leste e vão encontrar as camadas aquecidas da planicie mais a leste, precipitando-se sob a forma de chuva. O centro do valle, sendo em verdade um poço, pois é fechado a oeste pelos Andes, ao norte pelo systema guyano e ao sul pelo planalto dos Parecis, apresenta somente uma sahida, a de leste, o caminho para o Oceano. O rio Amazonas é a calha de desaguamento do systema potamographico de metade da America Meridional.

Todos os elementos expostos se conjugam para dar á região amazonica um clima quente e humido, alternado com ondas de frio, inacreditaveis em plagas equatoriaes.

* * *

As margens dos rios amazonicos são caracteristicas. Há uma mutação constante: aqui uma praia, alli um barranco e tudo instavel, passivel de mudar a physionomia de momento para outro. Em vista de tal

estado de coisas, a praticagem na *Hyléa* é um sacrificio que requer golpe de vista especialissimo, decisão prompta, continuo trato com a canna do leme. Parece que, naquelle ambiente, tudo anda á cata de logar, na indecisão dos primeiros momentos.

Há rios claros, negros, azulados, amarellados, avermelhados. Muitas vezes somente em um rio aguas de diversas cores podem ser vistas conforme o logar do trajecto em que se observa.

A paysagem hydrographica muda no aspecto e direcção: há rios tortuosos e alguns mais ou menos rectilíneos, em todas as direcções da rosa dos ventos.

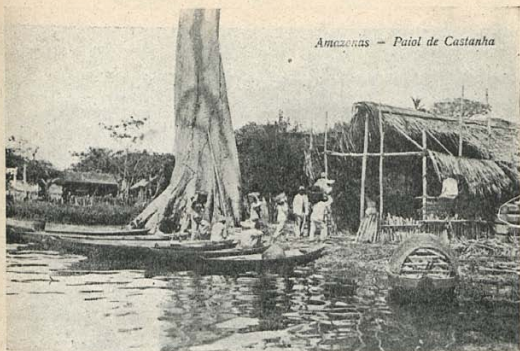
Na margem vislumbra-se quasi sempre o mesmo aspecto — barrancos e praias. Os primeiros são o resultado da acção da agua que desmonta a terra quando em actuação rectilínea e tangencial; as segundas apparecem desde que o terreno offereça mais resistencia á passagem das aguas e estas, sendo obrigadas a contornar o obstaculo em curvas, vão lapidando a pouco e pouco, por incidencia perpendicular, a barreira encontrada. Esse panorama marginal deu motivo a uma nova medida de comprimento para a navegação. De um ponto a outro marcam-se tantas praias tantos barrancos, ou como dizem, estirões. O estirão é um pedaço de rio mais ou menos em linha recta, abarrancado.

Na região, o percurso de certos affluentes é tão caprichoso e tanta a sinuosidade do seu leito que a viagem por agua, em certos logares, leva tempo triplicado e os navegantes depois de horas de viagem voltam a passar muito proximo do ponto de onde par-

tiram. Esse contorno caprichoso do leito dos rios dá origem á formação do *sacado*. O rio, encontrando no seu percurso menor resistencia em um ponto qualquer da terra marginal, alli actua e vae penetrando aos poucos até alcançar o seu proprio leito mais adiante. Esse processo encurta o caminho, visto que a parte que ficou despresada faz muitas curvas e percorre maior distancia até encontrar o logar em que sae o novo braço do rio. A parte sacada é ilhada e conserva agua por algum tempo no antigo leito, até o momento em que a sedimentação feche, tanto a bocca de entrada como a de sahida, occasionando a formação de um lago nas aguas represadas. E' a porção de terra destacada, constituida, como vimos, pelo leito abandonado e o braço novo, que toma o nome de *sacado*. O *sacado*, ou ilha nova, como ficou dito atraz, tem existencia precaria; transforma-se, assim que a sedimentação fecha as boccas de entrada e de sahida, em um lago interno. Nesses lagos, as mais das vezes, encontra-se o melhor pescado da região. Em lingua geral o *sacado* toma o nome de *puca*. Eis porque, é commum ouvir-se: Juruá-puca, Purús-puca, etc.

* * *

A margem consolidada offerece claramente á visada 3 camadas vegetaes. São perfeitamente differentes e se destacam pela côr e pelo porte. A mais proxima do observador é rachitica, constituindo-se por uma especie de capim matisado em amarello escuro e



Amazonas — Paiol de Castanha

Amazonas — Paiol de Castanha.



Phot. Bastor

Para

Victorias regias em Monte Alegre.



Amazonas — Acampamento de um balatal.



Amazonas — Extracção da Balata.



semeado a esmo de arbustos isolados ; a segunda já é vegetação mais densa e uniforme, constituindo-se de arbustos mais proximos uns dos outros ; a terceira, inda mais adensada que a segunda, é a matta propriamente dita, quasi impenetravel.

Nessa successão de vegetação, que vae do ralo da caatinga até o cheio compacto da floresta tropical, percebe-se perfeitamente que o solo, á proporção que se afasta do observador, mais se solidifica e se firma, constituindo afinal os chamados *firmes* das florestas, terreno definitivo.

O individuo vegetal que domina a segunda camada é a *oeirana*, cujo esgalhamento só pode ser percebido de perto. Na terceira camada, antes do macisso verde da matta do firme, eleva-se a umbaúba, de folhas verde sujo, manchada de tons alvadios, á semelhança de folhas caducas. E' que as folhas d'essa arvore têm o dorso muito claro, bem differente da outra face e o vegetal visto de longe deixa perceber aqui e alli o tom mais claro das folhas viradas, salpicando a uniformidade do verde do conjuncto.

Nos firmes da Planície os especimens vegetaes de porte magestoso não são raros ; a cada momento apparecem dominando o plano uniforme das copas mais modestas. A nossa conhecida mangueira, plantada á beira dos barracões, assume aspecto verdadeiramente imponente. A impressão é que diminuiu de tamanho, porque é tanto o vulto da ramaria coberta de folhas que a largura e volume da copa fazem suppor que a arvore é menor... De facto ; a mangueira na Amazo-

nia é tão alta como os mais portentosos individuos do sul, tendo, alem d'isso, o perimetro do esgalhado muitas vezes maior que os especimens de outras partes do Brasil. Por lá há muitas arvores imponentes ; uma d'ellas é a "samaumeira". E' uma das rainhas da floresta. Alteia-se em caule robusto muito acima das outras arvores, expandindo-se lá em cima a sua copa rendada em folhas de um verde sombrio. Esse gigante, entretanto, nem sempre pode estadear impunemente sua altaneria. Há quasi sempre ao seu lado um inimigo traiçoeiro : o apuy. O parasita, em forma de cipó, com as suas tenazes de aço suffoca a vida do gigantesco vegetal ao qual se apoia. No seu galgar helicoidal attinge o fuste da planta e de lá desprende um cortinado de folhas. Essa cabelleira verde contrasta singularmente com a folhagem da arvore parasitada, já anemica. O apuy vae lentamente apertando na sua laçada o caule do gigante, toma-lhe toda a superficie e é tal o seu abraço ferreo que, dentro em pouco a samaumeira, sem poder emittir mais brotos, sem geito de ampliar o volume do caule e dos galhos, suffocada, morre. E' a lucta do rato e do elephante. Quem vê de longe a belleza traiçoeira do apuy não pode imaginar o drama pungente de destruição que elle symbolisa. Há, todavia, uma face de compensação ; o apuy não é invencivel. O parasita ás vezes engana-se, e, ao encostar-se á seringueira, confiado na sua potencia, não espera a derrota, que é inevitavel. E' a sua vez de soffrer. A arvore da borracha parece perceber o perigo e entra a engrossar desmedidamente. Antes que o apuy firme as suas gavi-

nhas de polvo, a seringueira augmenta de grossura e rompe-lhe os tentaculos.

A samaumeira em florescencia cobre-se completamente de flores amarello-douradas, dando a impressão de uma cabelleira loura a oscillar sob o afago tepido do sol...

A *samauma* é outra arvore menor, cujas flores servem como excellente material para enchimento de colchões e travesseiros.

Na Amazonia o cedro tem o porte muito mais vultoso que em outro qualquer logar. A consistencia da sua fibra tem outra resistencia e o emprego que se lhe dá em todas as obras de marcenaria, justifica a confiança dos conhecedores.

Há uma enorme variedade de arvores na região, não conhecida no resto do Brasil. Entre ellas a *massaranduba*, a *muiragiboia*, a *muirapiranga*, a *muirapinima*, o *pau rosa*, são especimens de resistencia granitica. Alem da fibra resistente as madeiras citadas são de belleza rara. Vimos moveis feitos em *muiragiboia* e *muirapiranga*, assim como bengalas e outros objectos em *muirapinima* que se fossem apresentados em exposições, obteriam preços vantajosissimos. A *muiragiboia* tem o rajado escuro, em fundo amarello-ouro. As listas são largas e fazem os mais caprichosos volteios. A *muirapinima* é acastanhada, com listas finas mais claras e tem a particularidade de quebrar em lascas.

Na flora amazonica existe um cipó chamado *mucunam*, que é um eterno olho d'agua. Em Matto-Grosso, depois, encontramos o mesmo cipó, nas regiões do

norte, convisinhas da planície. É um cipó nodoso que percorre grandes distancias enleando as arvores do caminho. Basta cortar um dos seus nós e applicar a boca para matar a sede com agua limpida e saborosa.

* * *

Entre as palmeiras possui a Amazonia, talvez, a mais vasta colleção conhecida. E quasi todas são aproveitaveis: umas para a construcção das habitações, outras para a alimentação. Entre as primeiras encontra-se a pachíúba, a jacy, a ubim; entre as segundas o assahy, a bacaba, o bacopary, o copuassú. Euterpe Edulis é o nome scientifico de uma palmeira conhecida na Amazonia pelo nome de Assahyseiro. E' muito parecida com a tamareira, com estructura delicada e com estipe recto e delgado. Ordinariamente o assahyseiro cresce em touças, nas quaes se contam de doze a mais caules que sobem até quatro metros de altura.

O assahyseiro tambem cresce em certos logares do Maranhão, onde é conhecido pelo nome de jussara, nome tupy que não assenta bem na arvore ao qual foi dado — jú-amargo, sara ou içara-espinho. O assahyseiro nem tem espinhos e nem tem os fructos amargos.

O caule d'essa arvore tem côr cinzenta e nota-se de espaço a espaço uma especie de gomme, mais ou menos largo, que vae diminuindo de tamanho á medida que é observado proximo ao apice da haste. A folhagem é de uma côr verde pallida, ostentando-se gra-

ciosamente em forma de leque. As folhas, si bem que sejam de compleição delicada, têm a feição commum ás demais palmeiras e mantêm-se numa suave e uniforme curvatura concentrica.

O palmito do assahyseiro é excellente comestivel. A Yara, pela sua belleza de linhas, presta-se para a ornamentação de parques e jardins.

Os seus fructos são em cachos que pendem em roda da haste, abaixo da folhagem, e que têm forma attraente pela disposição exquisita de sua implantação. Os fructos são redondos, adherentes uns aos outros, ligados por filamentos em forma de antennas, com quarenta centimetros de comprimento. Taes antennas são os pediculos que partem de um pedunculo commum centralizador da carga do cacho e que sob a acção do peso toma a disposição mais interessante possivel: tem o aspecto de um chorão.

Os fructos, antes da maturação, são de côr verde clara; quando sazoados ficam de tom roxo escuro. Estão envolvidos numa pellicula pouco resistente, ligada a uma massa de diminuta espessura e mais ou menos secca, de côr tambem roxa. Abaixo da pôlpa existe um tegumento fibroso que directamente envolve o caroço. Os fructos, quando maduros, desprendem-se facilmente das antennas e então, livre da carga, o esqueleto do cacho toma o aspecto de uma vassoura, e, como tal, presta excellente serviço. Durante algum tempo na capital do Pará a Limpeza Publica utilisou-se das vantagens d'essas vassouras *sui-generis*.

O fructo maduro do assahyseiro encerra principios ferruginosos, hydrocarbonados, calcareos e azotados. E' elle um grande regenerador das forças. Aconselham os entendidos que o fructo não deve ser usado em clima frio sem o uso do exercicio para provocar a sudação. E' natural que na Amazonia a sudação sendo expontanea o uso do fructo é corrigido naturalmente pelo clima.

A palmeira do assahy cresce e se desenvolve em qualquer terreno, mas, as suas propriedades se modificam de accordo com a natureza do solo: ora é mais ferruginoso, ora mais phosphatado. Em quaesquer das hypotheses é sempre de bom paladar. O terreno mais apropriado para sua cultura é o de barro vermelho. O assahyseiro é tão resistente que se mantem virente dentro d'agua. Nas epocas de alagações do Amazonas, quando o tronco da arvore fica mergulhado n'agua, os seus fructos servem de alimento ao celebre peixe electrico (*gymnotus electricus*). Dizem os naturaes que o peixe usa de suas descargas junto ao caule submerso para provocar a queda dos fructos maduros.

Em toda a Amazonia prepara-se com o fructo do assahyseiro a bebida denominada "assahy". E' simples o preparo. Esmaga-se a pôlpa carnuda que envolve os caroços com as proprias mãos e deixa-se em maceração. Resulta um liquido espesso e de côr rôxo-escuro. Bebem os affeiçãoados accrescentando assucar e farinha. Somente com assucar é uma bebida bem agradável. O liquido colora fortemente os labios e a pelle e quem sabe si essa sua particularidade não poderia servir para

aplicações tintoriaes... Melhor que o assahy, para o nosso paladar é a bacaba, tambem fructo de uma palmeira parecida com o assahyseiro. A bacaba tambem é redonda, de pôlpa externa, porem mais clara. Produz um liquido um pouco mais denso e com aspecto da cangica do milho branco, conhecida na Bahia pelo nome de *munguzá*.

* * *

Outra palmeira conhecidissima alli é o Buritiseiro cujo nome scientifico é *Mauritia Vinifera*. Na Bahia chamam-na Buri. E' abundante em toda a região amazonica e em parte do Maranhão, Piauby e Bahia.

O seu caule é recto, sem espinhos, sendo o apice coroadado de abundantes e bellas folhas verdes que se abrem em forma de ventarola na extremidade dos longos peciolos. A folhagem é dotada de substancias utilisaveis para a fabricaçãõ de papel resistente. Os peciolos são longos e grossos, encerrando em seu amago excellente cortiça, muito branda e fibrosa, que substitue perfeitamente a sua similar do sobreiro. No proprio peciolo encontra-se materia prima para a fabricaçãõ do papel.

O buritiseiro dá fructos em extraordinaria abundancia, agrupados em cachos de forma conica e de um e meio a dois metros de comprimento. Esses fructos, quando maduros, apresentam a côr encarnada escura, com o tom amarellado. São revestidos de um tegumento escamoso, bem unido, que lhes empresta on-

dulação graciosa. O fructo tem a forma ovoide, medindo de seis a oito centímetros de comprimento. A sua pólpa é de côr amarella, encerrando substancias nutritivas, tonicas, diureticas e digestivas. Os effeitos do buriti são notaveis nas enfermidades do figado e rins e para facilitar a eliminação dos calculos biliares. Nas nephrites e irritações da prostata os resultados são apreciaveis.

O oleo, extrahido das partes glutinosas, é finissimo, condimento de primeira ordem e que substitue perfeitamente o oleo de oliveira. Esse mesmo oleo pode ser usado com vantagem para a lubrificação de machinismos delicados.

Na Amazonia usa-se da pólpa do fructo como mucilagem, refresco usado por muita gente. Dizem os naturaes da região que a côr amarellada da gente do lugar é devida ao uso do buriti, quando a verdade é que o pigmento amarellado dos habitantes d'alli é uma consequencia do impaludismo larvado e de diversas formas de verminose. Ao contrario do que se suppõe, o buriti concorre com o seu valor alimentar e therapeutico para melhorar o indice de saúde dos que habitam a planicie amazonica.

O grêlo da arvore é um alimento excellente, muito tenro, de gosto agradavel, não sendo em nada inferior aos mais afamados palmitos.

A semente do buriti é envolvida num perisperma, um pouco resistente, de côr tambem amarella e que como o fructo, tem a forma ovoide. Este caroço é material precioso para a fabricação de botões, pequenos

objectos para engastamentos e mimosas joias. E' porque se presta para a torneação, recebendo os mais finos polimentos e acceitando as côres mais variadas. Outra vantagem que possui é a grande elasticidade, o que lhe permite acceitar a estampagem em altos e baixos relevos, por simples pressão de cunhos especiaes. Os residuos das sementes são todos aproveitaveis: os residuos da fabricação dos botões são comestiveis e os do pó, produzidos pela torneação, constituem adubo de primeira ordem, dada sua riqueza em phosphatos.

Do fructo do buritiseiro confecciona-se um doce de primeira ordem e que se presta por sua natureza liguenta ao arranjo esculptural; tal doce já por nós foi apresentado, quando falamos em Santarem.

A seguir a este capitulo falaremos sobre a jarina, palmeira que por suas propriedades especiaes e importantes merece um destaque á parte.

* * *

A lista das fructas não acaba ahi. O bacopary é uma fructinha amarella de casca quebradiça. Contém uns caroços cobertos por pôlpa branca, de gosto um pouco acre.

O copuassú não tem termo de comparação com outra fructa brasileira ou estrangeira. Assemelha-se, no feitiço, ao fructo do cacau, entretanto, é muito maior e não tem gomos, sendo avelludado liso e de côr acinzentada.

O cheiro do copuassú é tão activo, que, sem exagero, um fructo perfuma uma casa inteira. Partida a casca espessa encontra-se o conteudo constituido por caroços cobertos de pôlpa liguenta e alvissima. E' com essa pôlpa que se prepara um dos melhores refrescos que temos saboreado.

Outra fructa silvestre gostosa é a sôrva. E' uma bolinha amarello-esverdeada, cuja pôlpa interior quasi não tem caroços. Come-se a dita fructa como se come a uva ; basta aperta-la levemente entre os dentes para que a casca se destaque. Esta, quando a fructa está muito madura, desfaz-se. Nesse estado a sôrva pode ser engulida com casca e tudo : d'ahi, talvez, o seu nome. Outra fructa, somente do Amazonas e Pará, é o *pajurá*. Tem a casca pintada, com pontos cinzentos bem escuros. Descasca-se com facilidade e a pôlpa é de massa densa e agradável ao paladar.

* * *

O rio Amazonas, trabalhado por uma corrente magestosa, apresenta sempre a superficie agitada. Somente nos paranás e igarapés, braços de rio sem sahida, é que as aguas são repousadas. No percurso de Belem a Manaos, a todo o momento, sente-se a resistencia da correnteza. Em certos logares uma embarcação pequena está sujeita a grandes perigos. Nos afluentes o perigo augmenta por causa das arvores cahidas, transportadas principalmente nas enchentes. Sahindo do amphitheatro do Solimões para penetrar

nos tributarios, parece, diminuido o scenario, que se começa a viver em mais intimidade com a natureza. Ao deixar a amplidão liquida do maior rio do mundo, onde as margens fogem no horizonte distante e a embarcação fica como isolada, o scenario define-se melhor; aproximado bruscamente toma-nos de golpe, e, a matta verde, que nos abraça de perto, dá as boas-vindas no canto dos passarinhos...

As correntes tributarias são de rios formosissimos; entretanto, vezes há que a placidez costumeira se transforma em selvageria: é quando chega o inverno. As aguas collectadas com as chuvas, não podendo fugir ao limite fixo das terras, revoltam-se, anciosas pela liberdade. E' que ellas, escorregando pelo declive natural do leito, impetuosas mais e mais á medida que se enriquecem com o liquido dos confluentes, adquirem velocidade incrível, e, na loucura da corrida, desmontam barrancos, destroem plantações, carreando no seu tropear destruidor arvores e terras... E' o momento de panico para a navegação. Na faina rude da derrubada, a corrente, vezes há que encontra resistencia em arvores formidavelmente enraizadas — os soberbos cyclopes vegetaes — travando-se então o combate. E as aguas, ao depois de lapida-las aqui e alli, soberbas e rumorejantes, crescem, cobrem as ultimas ramagens da arvore abatida, como se puzessem uma lousa tumular sobre o cadaver de heroico pelejador... A scena repete-se a cada passo e a nova superficie das aguas, depois do embate, apparece pontilhada de estacas, á maneira de cruces de um grande cemiterio. Cresce

mais o leito, lenta e serenamente, apagando os ultimos vestigios da lucta portentosa. O nativo não se engana ; alli fica o termo da viagem para o incauto seduzido pela amplidão da superficie das aguas, aparentemente sem perigos. Os paus ficam á espreita, velados pelas dobras da massa liquida... O caboclo dá um nome expressivo ao logar, paliteiro. Em verdade, a embarcação pequena ficará alli espetada ao primeiro descuido do pratico, á maneira de pedaço de miôlo de pão em um palito...

JARINA — MARFIM-VEGETAL — TAGUA — COROZO

Ha uns sessenta annos que alguns seringueiros nas florestas da parte norte da Republica do Equador fallaram pela primeira vez de uma especie de palma especial que encontraram em grande abundancia, cujo fructo era uma noz que parecia, em forma e cor, com a cabeça em miniatura de um negro. A estas nozes chamaram "negritos" e ao serem feitas novas investigações descobriram que as amendoas depois de seccas completamente se pareciam com o marfim do dente suppondo-se ter a mesma textura. Logo fizeram embarque d'essas nozes para a Europa afim de serem experimentadas. De prompto verificaram os entendidos que o material se prestava maravilhosamente para a fabricação de botões e outros artefactos, porque, desde que a noz esteja bem secca pode ser serrada, talhada, torneada e se presta facilmente á impressão e a receber todas as côres da tinturaria.

Desde então a noz marfim ou "taguas" tornou-se um importante producto de exportação do Equador. Todo anno este paiz faz embarque de mais de 20.000 toneladas deste producto, no valor de 1.799.000 dolares, mais ou menos, enquanto o Panamá e a Colombia augmentam sua produção.

O preço alli do producto vendido ao negociante ou exportador varia de 2 a 3 "sucres", mais ou menos meio dollar por quintal.

Os Estados Unidos compram annualmente cerca de 10.000 toneladas de nozes de taguas, pelas quaes pagam approximadamente 1.500.000 dollares; há neste paiz mais de 40 fabricas que empregam o marfim vegetal, estando invertidos na industria mais de 40 milhões de dollares. A industria alli ajuda, directa ou indirectamente, a mais de 40 mil pessoas. Com a jarina já innumeradas industrias florescem, bastando que se saiba que a maioria dos botões que usamos são feitos com esse vegetal. O maior centro productor em reserva em todo o mundo é a Amazonia e os que procuravam a materia prima não na buscavam lá porque no extremo norte do paiz ainda não se conhecia o rudimentar processo de beneficiamento da jarina. E' uma lastima, pois, somente esse producto salvaria a região da miseria em que ficou vegetando depois da queda da borraça. O Brasil importava do estrangeiro ha bem pouco tempo, annualmente, cerca de tres mil contos de reis somente de botões de jarina, alem de outros artefactos da mesma substancia.

A Jarina é uma elegante palmeira (Yara) da familia dos Phitelephas ou Elephantusa Macrocarpa. É a sua noz a mais preciosa de todas as nozes de palmeiras do paiz. Vegeta este rico especimem em grandes agrupamentos — jarinaes naturaes — occupando enormes areas, muitas vezes de mais de mil kilometros quadrados, sempre em companhia do cautchouc e da arvore da borracha. E' arvore que não tem predileção por um terreno dado: desenvolve-se tanto á margem dos rios, como nos igapós, igarapés, encostas e terrenos altos.

Dentro do continente sul americano desenvolve-se somente numa area circumscripita ao Perú, Bolivia, Equador, Colombia, Venezuela, Territorio do Acre, Amazonas, Pará e norte de Matto-Grosso; nunca foi encontrada fora dos logares citados.

Outro aspecto curioso da arvore é que não tem epoca para safrejar, dando fructos em todos os mezes do anno. No mesmo pé, encontra-se sempre, ao lado do fructo, desde a flôr na sua primeira florescencia até a noz em condições de ser colhida. A Yara é de caule curto, raramente encontrando-se exemplares com mais de tres metros de altura. Só muito excepcionalmente algumas attingem á altura de quatro metros.

O lenho d'essa palmeira é de grande resistencia, talvez maior que o da macahyba; a sua folhagem é de palmas longas, medindo até seis metros de comprimento.

Os seus fructos são fartos cachos, ligados ao caule e dentro de ouriços. Nos ouriços é que se desenvolvem

as nozes em grupos de tres e quatro, revestida cada uma d'ellas de um pericarpo ou capsula de grande resistencia.

Em bôas condições de desenvolvimento e nutrição uma arvore pode produzir annualmente até vinte kilos de jarina.

A *Phitelephas Macrocarpa* é a bussula do explorador da matta amazonica ; onde for encontrada existe a cubiçada arvore da seringa que fornece a borracha. O seringueiro prefere localisar o seu rancho de trabalho ao pé do jarinal, porque da arvore da jarina aproveita a palha para cobrir a sua barraca e a noz para defumar e solidificar o leite da seringueira.

O fructo da Yara, quando ainda em formação, mitiga a sêde : quando maduro solidifica-se apresentando uma pôlpa rica em oleo, saccharose e iodo assimilavel. O oleo retirado do fructo tem a propriedade de ser um excellente correctivo intestinal, concorrendo outrosim para acalmar as irritações produzidas pelo alcool e pelo fumo.

A noz, á medida que se vae tornando solida, toma a côr de opala, que, dentro de quatro mezes, se transforma em alvo de marfim.

A noz da jarina, si é abandonada por muito tempo encerrada no ouriço, é presa de um coleoptero que a destroe. Eis os motivos por que deve guardar-se amontoada, porém libertada do ouriço.

A jarina tem o tamanho de um ovo de gallinha, existindo alguns exemplares de maior tamanho.

A cultura da palmeira é facillima : basta o amainamento das folhas e a limpeza dos velhos pedunculos

ligados ao caule para assegurar augmento da producção e melhor qualidade do producto. Cultivada em terreno apropriado fructifica dos 4 aos 6 annos de idade.

Tem sido aproveitado o valor calorico do côco babassú, entretanto, a noz da jarina tem coefficiente maior em calor que o carvão de pedra. E' tal a sua potencia calorica que não pode ser usado o producto em fornalhas communs; vimos as crivações fundidas de fornalhas das embarcações que pretenderam usar a jarina como combustivel na navegação fluvial do Amazonas.

Todas as republicas nossas visinhas cujo *habitat* comporta a jarina d'ella têm tirado immenso proveito; somente o Brasil continua a olhar esse vegetal como imprestavel, salvo pequenas excepções de abnegados no extremo norte do paiz, principalmente em Manáos.



Vista aérea de Corumbá (M. Grosso).

IX

17



Vista aérea de Corumbá (M. Grosso).





Vista aérea de Ladario (M. Grosso).



Entrada das minas do Urucum, celebres pela porcentagem de 75% de ferro que contém o seu manganéz,

CAPITULO IV

Fauna

A fauna amazonica é tão grande que seria desmedida tollice descrevê-la aqui. O que pretendemos fazer é dar um apanhado geral ; lançar um golpe de vista no mais impressivo que se nos antolheu em viagens feitas nos afluentes do grande rio.

Logo ao iniciar qualquer viagem, em aguas do rio-mar ou dos seus tributarios, chamam-nos a attenção as cabriolas de um peixe escuro e volumoso, circulando agilmente em torno da embarcação em marcha. Trata-se do “boto” já nosso conhecido da agua salgada. Aqui, entretanto, há mais um typo de boto ; além do escuro encontra-se o vermelho, caracteristico do rio Amazonas. Em parte alguma vimos boto vermelho, a não ser na região que descrevemos.

Outro habitante das aguas, já conhecido tambem, é o jacaré. Assume elle aqui proporções enormes, gigantescas. Aparece constantemente revolvendo as aguas ou então a tomar o seu banho de sol, como qualquer moça *chic* de Copacabana, em bellas praias das curvas dos rios. Na embocadura do Juruá, d’uma fei-

ta, contamos cinquenta e dois d'esses amphibios, e, não pequenos.

Outro elemento caracteristico na fauna local é a tartaruga, que ás vezes, é vista no momento accidental da desova, quando sobe pelas praias. A tartaruga d'agua doce é de casca mais lisa e alcança tambem tamanho vultoso ; há individuos de 15 kilos.

Em materia de aves a lista é grande. A arara, os papagaios, os perequitos, os magoarys, as marrecas, o mergulhão, as gaivotas, os tucanos, os tui-u-ús, e uma infinidade de outros especimens de rica plumagem e de carne saborosa, é encontrada a cada passo. Há, todavia, na Amazonia elementos, nesse particular, proprios da *região*. Um d'elles é a garça, que apresenta na *região* muitos typos ; outro é o "jacamim", ave de cores vivas e que canta com repercussão no papo, á maneira de ventriloquo. O "jacamim" possui uma propriedade interessante : é o melhor criador de pintos que se conhece no Amazonas. A sua dedicação para com os filhos alheios é notavel ; não deixa o filho adoptivo um só instante. E, como é ave combativa, nem só toma a cria da gallinha, como tambem a defende de todos os contactos importunos. Tem, todavia, um defeito. Não pode dormir senão bem agasalhado, no alto de uma arvore. E para lá sobe, assim que escurece, deixando os pintainhos agitados, a piar em volta da arvore para onde trepou. O jacamim, lá de cima, assiste contristado aos lamentos dos seus pupillos, mas, não se abala a descer para vir soccorre-los. O gavião sabe d'isso e procura a noite para saciar os seus instinc-

tos carniceiros. Não se atreve a agir durante o dia, porque teme o jacamim, ave tão respeitada que muito gallo de rinha não ousa aventurar-se a uma nova lucta, depois de haver levado uma primeira surra...

O massarico tambem é ave da região, porém, com dois typos differentes: o grande, verdadeiro cão de guarda, por accusar a presença de qualquer extranho com gritos agudos e estridentes; o pequeno, papamoscas, animalsinho gracioso que se domestica, servindo depois, em casa, para comer todos os insectos damnhinhos, entre os quaes aranhas, moscas, mosquitos, etc. O pavãosinho é um animal gracioso que apanha o insecto com segurança absoluta. A mosca pousa no chão e o pavão achega-se cautelosamente, estica o bico e quando dá o golpe é com precisão quasi mathematica. Não escapa um insecto.

Os passaros canoros são multidão. Quando se passa pelos estreitos de Breves, ao aproximar-se a embarcação, o canto dos passaros é em verdadeira orches-tração.

No que respeita á fauna ichtyologica, então, os trabalhos já iniciados scientificamente pelo Museu Goeldi, de Belem, têm revelado uma formidavel colleção de especimens raros, não encontrados em outros *habitats*. Agassiz estudou a fauna ichtyologica da Amazonia encontrando cerca de 1800 especies a mais das conhecidas até então no Atlantico e Mediterraneo. E, no dizer do sabio, tal fauna não é extraordinaria somente pela quantidade, mas tambem pela qualidade. E o interessante é que no Amazonas e seus affluentes

não se encontra um só dos peixes encontrados, tanto na Europa como na America do Norte. Em relação ás outras bacias brasileiras, somente Matto-Grosso, nos rios que são tributarios da potamographia amazonica e cujas cabeceiras convisinham com as dos rios da bacia do Prata, encontram-se alguns especimens do rio-mar. Acredita-se que os ditos peixes em tempo das enchentes, quando as aguas fazem em alguns logares um lago só, commum ás cabeceiras do Amazonas e Prata, passam de uma para outra bacia.

Entre os peixes conhecidos notamos os seguintes, de escama : pirarucú, pescada, aruaná, tambaqui, pirá-tapióca, tucunaré, acarás-bandeira, assú, peua e miri, acari, tamuatá, piranhas de diversas qualidades, aracú, pacú, jaraqui, sarapó, matupiri, peixe cachorro, sardinha, apapá, aramaçá, curimatá, matrinchão.

O peixe de pelle lisa não é apreciado, acreditando-se, entre os caboclos, que produz molestia de pelle. Em São Paulo de Olivença, os indios já em contacto com os civilizados propalavam que tinham o segredo de transmittir aos brancos uma certa enfermidade conhecida pela denominação de *purú-purú*, usando de um peixe chamado pirarara. E' certo que no dito logar observamos muitos doentes de uma enfermidade da pelle que não pudemos identificar, mas, acreditamos ser produzida por alguma deficiencia hepatica ou renal. A pirarara é um peixe todo manchado e talvez d'ahi venha o abuso de transmittir ella a dita enfermidade da pelle, que, diga-se de passagem, realmente tem o mesmo aspecto de manchas esbranquiçadas no doente.

Entre os peixes lisos o Amazonas possui excellentes especimens e já o Hospital da Candelaria, no Acre, cuja direcção é americana, vem aproveitando muitos d'elles em dietas, principalmente para as parturientes. Entre os lisos encontram-se os seguintes : surubi, mapará, piramutaba, pirarára, bacú, sete-barbas, pirábandeira, pirá-nambú, pirahiba, arraia, etc. Dentre todos os peixes destaca-se o pirarucú, peixe de tamanho descommunal e que pode chegar até dois metros e meio de tamanho. Supprime o uso do bacalhau em toda a região, sendo conservado secco para a alimentação, em mantas que muitas vezes chegam a dar 80 kilos em cada individuo. Pirarucú quer dizer peixe-urucú (pira : peixe) ; urucú é um fructo silvestre que dá uma tinta avermelhada e que servia para os indios tingirem o corpo. D'ahi o nome de peixe-urucú, peixe avermelhado como o urucú, por ser o pirarucú avermelhado tambem. Tem elle a cabeça grande e terminada em focinho (sudisgigas ; vastus gigas) e o corpo cylindroide. O ventre é claro e o dorso mais escuro, acreditando os caboclos que a côr do pirarucú se torna mais escura á proporção que a agua escurece ; de facto o peixe é mais escuro nos rios escuros.

O seu systema natatorio é curioso : no terço inferior tem duas barbatanas natatorias poderosas, perto dos orificios branchiaes. Possui tambem natatorias anaes, mas, não nas tem dorsaes. Os contornos, tanto superiores como inferiores da cauda em forma de leme, são franjados de barbatanas cartilagosas. A lingua do pirarucú já é conhecida em quasi todo o Brasil. E'

de osso no interior, attingindo 20 centímetros de comprimento. Serve para ralar guaraná, pois, substitue perfeitamente a lima ou grósa, usada para tal mistér.

Outro peixe curioso da planície é o peixe-boi. O seu nome vem do facto de possuir focinho como o boi, tendo os labios grossos e carnudos. A particularidade do peixe-boi é a de possuir na cabeça duas barbatanas e em baixo d'ellas mamas que produzem leite semelhante ao da vacca, branco e fluido. Não conhecemos o gosto do tal leite; dizem alguns conhecedores que é de sabor agradável.

Os naturaes da região usam para a pesca de certos especimens de processos proprios, taes os da fisga e do arpão, porem para os outros peixes menores empregam a tarrafa, a rede, o espinhél, a linha e o caniço.

A pesca do pirarucú, esse colosso, é *sui-generis*, pois, o arzol commum não resiste á violencia dos seus arrancos. Usa-se de processo parecido com o da pesca da baleia, de cunho puramente regional. Tem certa semelhança com o systema usado nos mares polares para a pesca do grande *cetaceo*, mas, dado o pouco recurso de que dispõe o caboclo, é um trabalho muitas vezes perigoso e que não deixa de ser elegante. Usa-se de um arpão. Os pescadores dirigem-se em canoas para os logares escolhidos, procurando sempre o largo. Pára a "igaité" e lança a "poita", ficando o companheiro remador *marombando*, para que a embarcação não se afaste do logar escolhido. Logo que o fremito especial, produzido pelo peixe á superficie da agua, apparece, o caboclo, a prumo sobre a proa da leve *piroga* que o con-

duz, não distrae o olhar da superficie d'agua. Há pescadores que já estão com o olhar tão exercitado que descobrem o pescado a grandes profundidades. Assim que o percebem lançam o arpão, cuja haste está solidamente amarrada com uma corda de grande extensão á prôa da embarcação. A *montaria*, ordinariamente, leva dois tripulantes : um é o arpoador e outro é o remador e piloto. Este tambem tem que ser um pescador perito e homem calmo e agil. O arpão, lançado pela mão firme e segura do arpoador, atravessa como uma bala a agua e penetra a fundo nas carnes do pirarucú. Nunca o operador erra o alvo ; o que pode acontecer é não ser bem attingido o animal. Desde que o peixe sente as carnes varadas pelo instrumento, dispara em carreira louca, agitando as aguas tranquilladas do remanso. E' o momento do maior perigo. O arpoador tem que soltar a corda, á proporção que o peixe se desloca. Um momento de descuido basta para que a canoa vire. O trabalho não é feito somente pelo arpoador, que vae a prôa ; o piloto, á pôpa, tem que manejar o leme e os remos com pericia e presteza. Um pequeno descuido de qualquer dos dois bastaria para a perda, tanto da canoa como de peixe e todo o material de pesca, que não é pequeno. Não falamos dos perigos que correm os homens porque elles já estão acostumados a taes accidentes e sabem livrar-se dos maos pedaços, á proporção que elles se apresentam. O pirarucú na sua desenfreada carreira reboca a montaria a torto e a direito, até o momento em que fica extenuado. E o pescador vae aos poucos colhendo a corda, procurando cançar

o animal. Quando o peixe não mais puxa a corda, demonstrando exaustão, colhe-se toda a corda e o pescador mata o pirarucú, a pao, na borda da embarcação. Surge, então, novo problema. O pirarucú é tão grande e tão pesado que seria imprudencia tentar puxa-lo para dentro da leve igaité. O nativo lança mão de um meio pratico : joga duas cordas compridas para o galho de uma arvore que se debruce para o rio. Numa das pontas amarra o peixe, pela cabeça e pela cauda, servindo a outra ponta para ser puxada. Nessa ponta os dois homens fazem tracção e promovem a elevação do peixe até que o mesmo fique justamente em cima da canoa. Vão então arriando lentamente a corda até que o pescado fique no fundo da embarcação. Muitas vezes esse processo não é usado, preferindo os pescadores levar o pirarucú a reboque. O systema é, pois, um guindaste original.

O pirarucú é hoje exportado até para outros Estados do norte, porque muitos do nordeste com elle se habituaram quando viveram no Amazonas ou Pará.

Pelos dados do "Instituto de Expansão Commercial" o Brasil, em 1929, importou, só de bacalhau, 37.780 toneladas, no valor de 78.607:000\$000, ou sejam 1.931.000 libras-ouro; entretanto, se fosse aproveitado o pescado do Amazonas, tal ouro não emigraria. O Governo Federal nacionalisou a pesca, prestigiando o trabalhador nacional, mas, até agora não houve quem comprehendesse a riqueza dos nossos rios em pescados, principalmente os da bacia amazonica, onde o pirarucú pode e deve substituir, perfeitamente, o bacalhau im-

portado. Podemos afirmar, como conhecedores do sabor do pirarucú, que este está muito acima do bacalhau.

* * *

O pescador leva geralmente para a sua faina : linhas, bicos, boias, o cacete para matar o peixe grande, uma pequena faca, o *urú* (cesta de uma especie de vime e com tampa, onde leva o isqueiro, a palha de "tauari" e o fumo) e, muitas vezes a matula.

Relatámos o processo usado para a pesca do pirarucú e agora procuraremos expor outros processos. O *tucunaré* é pescado por dois processos : o da "pinda-uauáca" e o da "pinda-siririca". Este ultimo é o processo escolhido. E' o processo do caniço e linha em o qual o anzol é revestido de pennas de arara vermelha. O *tucunaré* tem uma predileção especial por um peixinho vermelho e o caboclo, usando do ardil de revestir o anzol de vermelho, consegue enganar facilmente o peixe, que suppõe estar tragando o seu pitéu preferido. Usa a penna por ser ella mais leve e mais vistosa. Alem d'esse engodo o pescador, para chamar a attenção do *tucunaré*, faz um barulho especial com os labios batidos um no outro, procurando imitar o proprio peixe quando persegue a presa.

O processo para a pirapitinga e o tambaqui é a *gaponga*. E' o commum caniço e linha aos quaes se junta uma boiasinha para indicar os movimentos do peixe. A boia fica presa á linha, mais proxima do anzol.

Para outros peixes o caboclo usa de outros ardis. Assim, dizem que o aruaná é sensível ao assobio, desde que este seja prolongado e triste. O acará-assú é atraído á fisga com o estalido da lingua no ceu da bocca. O nativo tem a sua pratica, que vem, naturalmente, da experiencia de toda uma raça atravez de centenas de annos passados e que foi sendo transmittida de paes a filhos pela tradição oral.

CAPITULO V

—

A vivenda

Falámos em habitação lacustre e, realmente, quasi a totalidade das habitações amazonicas, sujeita que está a planicie ás baldeações permanentes do seu immenso lençol liquido, possui moradia especial, á qual se pode, com propriedade, denominar de lacustre.

A casa, mór parte das vezes, eleva-se sobre estacas e é coberta de palha. A madeira usada na residencia dos abastados é a *massaranduba*, o louro, a *muirapiranga*, o cedro. Esta ultima é a preferida, nem só porque resiste tambem ás intemperies, como porque é mais maleavel.

Os desprovidos da fortuna igualmente constroem suas moradias com estacamento solido, mas fazem o soalho e as paredes de *pachiúba*. A *pachiúba* é uma palmeira esguia e elegante que se eleva nos logares alagadiços. Bem do alto expande ella a copa de folhas simetricas, tal como se fossem desenhadas a compasso. O caule é recto e altaneiro, destacando-se em claro do verde escuro das outras arvores. Os constructores usam-na da seguinte maneira : abrem ao meio em todo o comprimento do caule e reúnem as partes concavas ás con-

vexas, á maneira de telhas. Como a palmeira não tem cerne, presta-se bem a esse arranjo. Constroem assim paredes e assoalhos solidos e duradouros.

As habitações dão acesso, quando de certa importancia, por trapiches, estacamentos assoalhados á pachiúba, construidos á maneira de pontes que avançam rio a dentro, permittindo dest'arte a atracação das embarcações a vapor.

A cobertura das moradias é geralmente feita de *carandahy* ou *jacy*. São duas palmeiras tambem de pequeno porte, cujas folhas têm a configuração em leque. Essas folhas tecidas em ripas de pachiúba constituem uma trama impermeavel ao sol e ás chuvas. O tecido é tão bem feito que se assemelha ao da esteira, substituindo com vantagem a telha ou outro qualquer material, visto ser mais fresco e mais facil de arranjar-se. A cobertura assim confeccionada resiste até dez annos, entretanto, os ratos e gatos e principalmente os morcegos encarregam-se de lhe abreviar a duração. Afim de afugentar alguns d'esses animaes costumam collocar por baixo da coberta e nos logares de accesso uma trepadeira espinhosa, a *tiririca*, cujas folhas têm bordas cortantes, temidas principalmente pelos morcegos, os mais damninhos dos animaes destruidores de forros e telhados.

Coberta que esteja a casa, as calhas e os angulos são calçados com folhas de zinco, afim de ser facilitado o escoamento das aguas e poupados os muros de arrimo. Em habitações, inda mais modestas, a cobertura é de *ubim* ou de *carandahy*, palmeiras apropriadas.

Alem da casa de residencia existem tambem os ranchos, logares para a espera da caça ou pernoito de viajantes. Esses ranchos têm o nome de *tapiris*. São arranjos de momento, mas que muitas vezes se transformam em residencias de todo o anno. Isso se dá quando o habitante é incapaz de um esforço. De facto ; somente um doente ou uma pessoa extremamente preguiçosa dispõe-se a viver ao tempo, em *tapiris* sem o minimo conforto, tendo ao lado, na matta, todo o material para construir uma habitação confortavel.

Os typos de habitação que acabamos de descrever são os mais communs, porém, existem alem d'elles os mais variados modelos de predios de construcção semelhantes aos das cidades. Há seringaes que, ainda hoje, timbram em ter vida igual á das capitaes. Compreende-se que o habito da mocidade dos tempos aureos forçasse uma vida de grande fazenda em muitos seringaes de ricaços. Desappareceu muita riqueza, todavia, os vestigios d'ella inda são encontrados aqui e alli, na volta de um rio, ao descortinar-se as construcções muitas vezes faustosas de alguns seringaes.

CAPITULO VI

A pesca da tartaruga

A tartaruga é um amphibio já conhecido pela arte culinaria do sul do paiz. A tartaruga do mar fornece, alem d'isso, material excellente para confecção de certos artigos, havendo no Brasil, em Alagoas, uma industria que promette fructos optimos. A tartaruga do rio, entretanto, parece que nunca foi experimentada pela industria; até agora é usada somente como alimento, de que se suppre toda a região amazonica.

O animal chega a attingir idade muito avançada e os individuos muito volumosos, consequentemente velhos, não são muito procurados. A tartaruga saborosa é a de typo medio, de carne ainda tenra e clara. Uma das coisas mais interessantes e characteristics da Amazonia é a pesca d'esse amphibio.

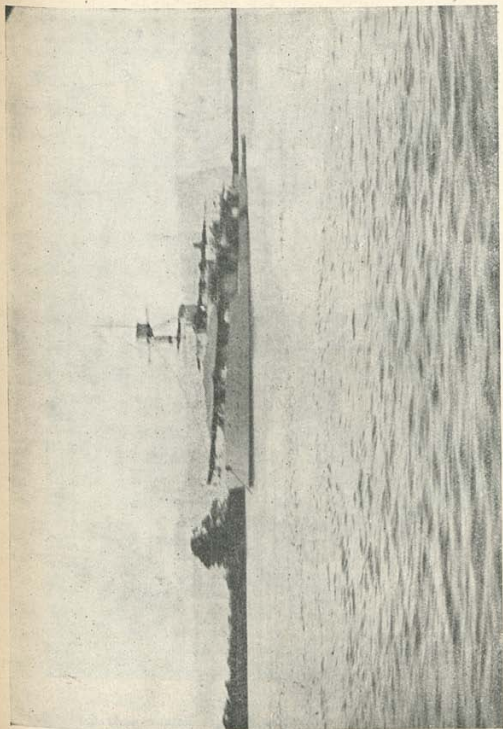
Pescam-no geralmente com arpão. O tal instrumento é chamado *jatecá* e é menor e um pouco differente do usado para o pirarucú. E' uma especie de lança. A parte pontuda e perfurante é destacavel e adapta-se ao cabo por meio de um alvado, semelhante ao olho da enxada. Para maior firmeza o cabo e o arpão propriamente dito são amarrados com linha forte, conhe-

cida na região pelo nome de linha americana. Ao cabo dá-se o nome de arpoeira.

O arpão serve para a pesca da tartaruga, principalmente nos "igapós", especies de braços de rios, cujas aguas ficam paradas. A pesca é feita no momento em que as aguas dos rios começam a se escoar, durante a vasante.

Pode-se apanhar a tartaruga, tambem, por intermedio de um arranjo denominado *pary*. E' constituido por uma cerca ou palissada feita de varas, circunscrevendo um recinto em aguas de bastante profundidade. O lugar escolhido é o das cabeceiras dos lagos. A collocação das varas deve deixar espaço de permeio. Na cabeceira opposta do lago é que se inicia a operação denominada de "batição". Consiste em bater com varas grandes e rijas a superficie do lago, procurando assim afugentar o amphibio para o lugar onde se encontra o *pary*. Desde que a caça entra no cercado, lá é retida por meio de varas e portas adrede preparadas. Nesse momento são introduzidas as canoas no recinto fechado e inicia-se a arpoação. Alguns pescadores preferem fazer um girau encostado á palissada, sendo este feito com varas fincadas e com um piso apropriado. O girau serve para a permanencia do arpoador, que de lá visa as tartarugas, poupando-se ao trabalho do transporte das embarcações para dentro do *pary*. Ao tal girau chamam *pary-meneca*.

A operação de arpoamento das tartarugas, tanto feita das canoas como do *pary-meneca* é interessantissima, sendo como é um desporto de agilidade e precisão.



O monitor Parnaíba no porto de Corumbá.
(Photo Rezende Rubim).



O consul da Bolívia e o representante da "Noite" com um pé no Brasil e outro na Bolívia. Este é o Arroio Conceição, fronteira entre os dois países.

(Photo Rezende Rubim).

A pesca da tartaruga tambem pode ser feita por meio da flecha, no curso dos rios, ao começar a vasante. Para essa pesca agrupam-se os pescadores nas bocas dos lagos em numero que attinge muitas vezes a cincoenta. Os pescadores ficam em pé á proa das montarias, com os arcos retesados, em posição, attentos ao signal de presença da tartaruga — uma leve ondulação da superficie espelhante do rio. . . O pescador pratico não se engana e a sua flecha parte certaíra, atravessando o casco da tartaruga, entrevista muitas vezes a regulares profundidades. O interessante é ser o animal attingido, ás vezes, por muitas flechas ao mesmo tempo. E como o trabalho constitue um divertimento, por ser um torneio de resistencia, equilibrio e golpe de vista, presta-se a toda sorte de exhibições, galhofa e alegria.

Com a pesca feita pelo processo do pary obtem-se grandes resultados ; há momentos de serem apanhados mais de mil exemplares e cada um d'elles pode ser vendido até por doze mil reis. D'ahi deduz-se que um pescador diligente não precisa pensar em outro modo de vida.

Há uma outra maneira de apanhar as tartarugas. Aproveitam-se os residentes do momento da desova, quando os animaes saem dos lagos á procura das praias, onde cuidadosamente cavam buracos e depositam os ovos. O amphibio, assim que sae do lago, fica á espera da vasante completa, no remanso, e, quando a praia fica completamente a descoberto, sobe e entra a desovar. A desova é feita em covas feitas pelo proprio ani-

mal com a cabeça e as patas. Assim que põe os ovos cobre cuidadosamente o logar com terra removida com a parte inferior do casco, voltando depois para a agua. O caboclo conhece de longe a praia escolhida pelo animal para a postura ; é que a tartaruga, rastejando, deixa o caminho assinalado para os olhos praticos por uma faixa lisa, contrastando com o aspecto da areia granulosa das praias altas. Muitas vezes, accidentalmente, ao passar por uma praia, no periodo das vasantes, percebe-se claramente o signal da subida do animal. O caboclo assim que descobre a praia, fica á espreita, escondido nos remansos, aguardando a escalada de outras tartarugas. Não tarda muito a espera : dentro de pouco tempo apparecem novos exemplares que sobem agilmente pelas praias. Nesse momento o pescador não tem um instante a perder : lança-se rapidamente em perseguição do animal, procurando alcança-lo em terra. E ao pega-lo vae emborcando com presteza os exemplares, fazendo o possivel para imobilizar o maior numero. Basta tão simples operação. O animal emborcado não pode mais fugir, visto que o casco acuminado não permite ás patas curtas firmeza bastante para desvira-lo. D'essa maneira fica o pescador com dois proveitos : colhe os ovos e apanha as tartarugas.

O ovo da tartaruga é um petisco muito apreciado em toda a região do Amazonas e do Pará. Tem sabor exquisito, sendo de consistencia farinacea e não endurecendo com a cocção. Usam-no como do ovo de galinha : para a comida nos pratos communs e para do-

ces. Há pessoas que preferem o tal petisco ao ovo comum. Quanto á carne da tartaruga tem paladar realmente agradável, sendo alguns pratos, feitos no casco, muito saborosos. A prevenção que se tem á carne da tartaruga cede em seguida, logo após ao uso d'ella... E' positivamente melhor que muita iguaria usada pelos *snobs* das mesas do littoral. O assado, preparado no proprio casco com a farinha da região, chamada d'agua, tem paladar especialissimo. A sopa de tartaruga do mar, afamada no Rio, não chega aos pés do assado falado. E existe um molho especial no extremo norte que empresta um sabor apimentado *sui generis* aos arranjos culinarios da Amazonia : é o *tucupy*. Um pato novo feito com o molho de *tucupy* é a mais gostosa maneira de arranjar o dito piteu. O *tucupy* é feito com o caldo da mandioca e leva outros ingredientes.

Em materia de alimentação nós temos muito a ensinar ao estrangeiro ; não precisamos importar exquisites, quando em nosso proprio paiz temos coisas verdadeiramente raras, e que bem aproveitadas seriam manjares procurados pelos proprios europeus, que tanto se gabam de possuir o que há de melhor.

CAPITULO VII

O regatão

Não há quem viva na Amazonia que desconheça o "regatão". Como o nome indica é um elemento de regateio, corporificado em um barco, desde a montaria mais modesta até o navio a vapor com regalias de *steamer*, e que faz o commercio nos rios da região. O negocio é feito a troco de mercadorias, sendo portanto a mais primitiva forma de commercio.

O regatão sobe os rios levando toda a sorte de bugigangas, parando aqui e alli, em trabalho continuo de catechisação, afim de impor aos espiritos rudes e desconfiados dos seringueiros a mercadoria que traz para negocio.

A embarcação é geralmente emissaria de uma casa de Belem ou Manaos. Nesses casos é movida a vapor, possuindo certa commodidade, principalmente para o encarregado do negocio, sempre um espertalhão de marca.

Nada mais interessante que assistir ás compras, assignaladas por troca de expressões pittorescas, verdadeiro duelo, em que o interesse de cada qual mais negaceia, procurando ludibriar o outro.

Chega o Coronel, dono do logar em cujo porto o barco atracou. Conforme as posses que tem o visitante é a sua indumentaria ; ou vem de tamancos ou de botinas. Cumprimenta aos de bordo, que por sua vez lhe dão a ultima cotação da borracha, as novidades telegraphicas e politicas de interesse local, convidando-o para ficar á vontade. Depois de um introito, de certa maneira constrangedor, o visitante declara as suas intenções : ou não pretende cousa alguma, por ter encomendas ou contractos anteriores, ou então pede os preços e dirige-se em seguida para o "commercio". O "commercio", ou logar onde se encontram as mercadorias a bordo, é um verdadeiro bazar de feira. Em limitado espaço confundem-se milhares de artigos ; alli vê-se, dê's o pequenino alfinete até o arpão de pescar pirarucú ; da mais ordinaria fazenda mescla á seda mais fina ; em promiscuidade, espelhos, perfumarias, vestidos feitos, sabão, sapatos e botinas, cigarros e fumo em rolo, balas e polvora — tudo arranjado em monte polychromico. No porão vem o sál, o assucar, o peixe salgado, a farinha e a cordoaria.

O pretendente apalpa, cheira, profere queixas, finge que vae embora. O commerciante, por sua vez, tambem se lamenta por causa da crise, insiste no preço dado, vae buscar as facturas já preparadas para o caso e, por ultimo, vendo a reluctancia do comprador, puxa os cabellos e declara afinal que vae ficar arruinado. O matreiro comprador nem sempre fica commovido, mas, em muitas occasiões acaba abalado por tantos protestos de sinceridade apparente. Pede, então, mais aca-

nhado, a lista da mercadoria adquirida. O regateiro satisfaz immediatamente o pedido, todo a desdobrar-se em amabilidades. A esse acto expressivo de commerciar o seringueiro empresta o nome de *ciganagem*. De facto ; não poderia ser escolhida melhor denominação para tal especie de negocio, pois, o cigano é o mais traiçoeiro dos commerciantes.

O freguez, de posse do talão de compra, desembarca a mercadoria e despede-se. O regatão desatraca e rumo novos logares, dando ao sahir, de accordo com a praxe, uma serie de cumprimentos em apitos. Nelles existe toda uma convenção. Há, para tal, a combinação mais variada : um apito curto e dois longos ; dois curtos e um longo ; um longo, um curto, outro longo ; enfim, uma serie interminavel de arranjos, qual combinação algebrica. Cada um d'elles representa uma firma. O comprador ao ficar com a mercadoria dá a garantia da sua palavra de que embarcará, na descida da embarcação, tantos kilos de borracha ou productos de suas propriedades, correspondentes ao valor do artigo que comprou. Com tão pequena garantia sobe o regatão, á procura de novos compradores.

Nem sempre o comprador cumpre o promettido ; fallencias houve devidas tão somente á quebra de palavra de proprietarios de barracões. E já se aponta aquelle que não deve merecer confiança. Geralmente o Comandante ou pratico conhece, nem só os meandros da navegação, como tambem o criterio dos moradores do rio onde navega. E' elle que melhor informa ao incauto qual o barracão onde se deve atracar. O commum da

gente simples e rude dos altos rios é levar a serio os compromissos assumidos ; o cumprimento á palavra dada é sagrado. A esse respeito podemos contar um facto que illustra bem a tradicional seriedade do habitante d'aquellas paragens, apesar de já contaminadas pelo elemento adventicio.

Ao subir o Juruá, proximo a Cruzeiro do Sul, certo dia, em noite avançada, foi a nossa embarcação obrigada a parar afim de attender a um pedido do barranco. Vimos uma luz que se afastava da margem, em busca da nossa embarcação. Era uma canoa com um tripulante, trazendo este á mão o costumeiro pharol viajero. Tratava-se de um syrio, pedindo afflicto que lhe acudissem com o medico, que sabia viajar na nossa lancha.

— *Bargunta dactur qué vé meu mulhé?*

O medico desembarcou e foi soccorrer a pobre mulher, conseguindo medica-la depois de andar um bom pedaço, matto a dentro. Era um caso de accidente no curso de uma gestação. O doutor consolou o homem, mas, de si para si, percebeu que o caso era gravissimo. Pela attitude do medico o syrio entreviu a seriedade da doença e continuou a marchar, tristonho, até chegarem á lancha, que esperava na borda do barranco. O pobre homem, então, com a voz embargada pela comoção explicou :

Eu *nã bode baga... gomprende?!...*

O medico nem pensara em remuneração ; consolou-o e embarcou, rumando a lancha o rio acima.

Ao voltar do Acre, eram 10 horas da manhã de um bello dia, quando os da embarcação viram um homem a gesticular, dentro de uma grande montaria. O Com.^{te}, notando que a embarcação trazia borracha, manobrou a aproximação. Dentro em pouco foram chamar o medico. Era o José Syrio que queria lhe falar. Assim que o pobre homem viu o doutor procurado, foi gritando alegremente :

— *Jusé dem balaфра. Mulhé tá punido. Draz bro-cê purracha.*

A carga da montaria foi vendida á propria lancha por dois contos e tanto. Assim pagou um homem rude um favor que lhe fizera um profissional, no exercicio de um dever que lhe impunha a caridade. A senhora escapara milagrosamente, mas, mesmo que assim não acontecesse, aquelle homem, integrado ao meio, onde a maioria é de homens de honra, cumpriria a sua palavra.

Veio-nos á lembrança esse episodio porque não foram poucas as vezes que o regatão parou, a pedido de habitantes do rio onde navegavamos e, em todas ellas, o medico que attendia não ficava arrependido do socorro que prestava. Estamos convencidos que o nosso sertanejo é um homem visceralmente honesto. E a sua honestidade estende-se aos outros que aqui venham viver. O ambiente do interior do paiz, principalmente no norte, é de tanta honestidade que lá não medra a velhacada das grandes cidades. O estrangeiro que entra com o espirito de ganho, muitas vezes levado ao

exagero, arrepende-se rapidamente dos habitos de origem.

* * *

A embarcação que acabamos de descrever constitue o que se chama grande regatão e tem seu centro de acção em Belem ou Manaos. Alli, naquellas praças, quando pertence a qualquer casa commercial, destaca-se uma parte da mercadoria existente e quasi sem vendagem, para o commercio dos altos rios, muito remunerador. Há outros typos de regatão que retiram a mercadoria das mesmas praças em consignação, e, ainda outros, que fazem o sortimento a credito. Entre os ultimos enquadra-se toda a serie das embarcações pequenas, desde a lancha rebocadora de batelão (chata), até á pequena canoa chamada no logar de montaria. Todas as embarcações de regatão transportam passageiros e quando estes são freguezes não se lhes cobra o transporte.

Um costume da região, que depois fui verificar ser commum a Matto-Grosso, é o transporte da chata ao lado, na borda da lancha, e não atraz, com cabo de reboque, como é habitual em outros logares.

A chata ou batelão já é feita especialmente para o transporte de mercadoria; tem um pequeno camarim cheio de prateleiras, servindo de mostruario e possui suas duas escotilhas com capacidade para muita carga. Há batelões que transportam mais de cem contos em mercadoria.

Alem do camarim o batelão^m possui sala de jantar, onde existem ganchos apropriados para armação de redes. A mesa do centro da dita sala tem movimento para cima com apoio de duas columnas, de forma a permittir durante a noite maior campo disponivel para os viajantes armarem suas redes. No grande regatão existem dois camarins destinados, um ao commandante e outro ao proprietario ou seu agente. Os passageiros accommodam-se, quasi sempre, na sala das refeições ou nas bordas de passagem. O recinto da sala é aberto de bordo a bordo, sendo por isso ventilado e sujeito ás intemperies. Nesses casos, quando há chuva, abaixam-se as sanefas de lona, que nem sempre dão garantia aos dorminhocos e á propria embarcação. Viajando em taes condições pelo Solimões apanhamos um temporal na altura de Manacapurú, já nas proximidades de Manáos. O vento era tão forte e a agitação da agua tão intensa que, ao ser arriada a sanefa da sala de refeições, a embarcação quasi virou — adernou tanto que causou panico entre os passageiros. Essa mesma lancha, a “Yaquirana”, veio a naufragar mezes depois, no mesmo logar e em identicas condições, morrendo muitos dos nossos companheiros da viagem anterior. E nunca esqueceremos que entre os sacrificados se encontrava o nosso amigo, o saudoso Com^{te}. Palheta, victima da sua dedicação e coragem. Como se vê, viajar no Amazonas nem sempre é em mar de rosas. De outra feita, proximo a Teffé, a chata, de torna viagem, vinha carregada de lenha procurando a margem, afim de vencer com mais facilidade a corrente, quando ba-

teu em um pão e começou a fazer água. Isso ás duas horas da manhã! Levantamos todos, passageiros e tripulantes e tivemos que correr á chata e descarregá-la a braços, inquietos, ouvindo o ronco da correnteza do Solimões, cercados pelas trévas de uma noite sem estrellas... Uma outra vez, ás 11 e meia da noite, o Com.^{te} Palheta nos chamou á proa da embarcação.

— O Snr., que é viajado, não vae assustar-se tanto com o que vou lhe dizer. Vê aquelle ponto escuro á direita? Pois, um pouco para cá, naquelle logar mais para baixo, iremos passar dentro de dez minutos. Si a canna do leme *aliviar* um pouco, tanto para bombordo como para boreste, estaremos perdidos. A' direita há pedras perigosas; á esquerda o rebojo inda é mais perigoso.

Confessamos sinceramente que ficámos inquietos. E voltámos á rede, sem dizer palavra aos outros passageiros, que antes entretinham palestra comnosco. Alguns momentos depois sentimos a lancha estremecer em todo o seu comprimento; a embarcação parecia que iria desconjunctar-se nas obras mortas e o cavername todo rangeu até á quilha. O panico foi geral, enquanto a lancha afundava na água e subia oscillando. O telegrapho á proa, enviando ordens ás machinas trepidantes, com seu ruido de campainhas estridentes, emprestava ao incidente um aspecto de confusão e alarma indescriptiveis. Todos correram alarmados á proa, presentindo o perigo. Logo depois, entretanto, o passo perigoso foi vencido pela pericia do saudoso Com.^{te}

Palheta. Voltámos todos confiantes aos nossos logares e a “Yaquirana” continuou a sua marcha em aguas mais tranquillias.

* * *

No Amazonas e no Pará ninguém viaja sem rede. E' commoda, tanto para transportar como para o repouso em clima quente. Logo ao cahir do sol são ellas armadas em ganchos ou em columnas de ferro, com o auxilio de cordas. Muita gente tambem arranja o mosquiteiro, para livrar-se das *pragas* ou mosquitos; outros, todavia, estão acostumados ao zunir e ao ferrão dos insectos e não procuram defender-se dos seus ataques.

Quando há accumulo de passageiros o recinto destinado á dormida, com suas redes armadas em todos os sentidos, assemelha-se, mal comparando, ao matto cerrado, tal o entrecusamento de punhos de redes de um a outro extremo do salão. O somnolento que se dirija á sua maca tem que fazer verdadeiros prodigios de equilibrio, para chegar ao ponto desejado. E' que, logo depois de estarem todos accommodados, a passagem com as necessarias cautelas é difficil. A oscillação do barco e a necessidade que tem o que passa de abaixar-se e esgueirar-se entre tantas redes crusadas, difficulta enormemente a locomoção. Não é raro, nessas occasiões, um pobre diabo ser acordado bruscamente por valente estremeção, dado por um qualquer que não respeita o repouso alheio. Acrescentem-se a isso as mil

vezes que a embarcação pára, occasionando movimento e conversa justamente no logar em que estão os que dormem. Os apitos, a faina da atracação, o barulho das machinas para diante e para traz, tudo a maltratar os ouvidos de quem pretende repousar...

* * *

O traje normal naquellas paragens é o dolma e calça de mescla. Muitas vezes o dolma é substituido pelo paletot de pyjama. O complemento é o par de tamancos, utilissimo accessorio em tal região, principalmente nas embarcações, diversas vezes lavadas de um bordo a outro pelas chuvas torrencias. E a chuva não é o maior transtorno: o que mais incommoda é a propria baldeação, ás 5 ou 5 e meia da manhã, obrigando o individuo em repouso a levantar-se apressadamente, procurando agasalhar o que lhe pertence e ameaçado de ficar litteralmente ensopado pela agua dos baldes.

Há pessoas que viajam mais ou menos elegantes: são os novatos, conhecidos á primeira vista, nem só porque usam meias, como tambem porque não param de gesticular afflictivamente á caça de mosquitos, piuns, motucas e abelhas, muitas vezes hypotheticos. A "motuca", tambem conhecida por "cabo-verde", é uma especie de mosca de côres vivas e que tem tamanho maior. Ataca somente durante o dia, procurando os logares menos defendidos, como a nuca, o calcanhar, etc. A

motuca não ferrôa em logar coberto pela vestimenta. A sua picada é dolorosissima ; assemelha-se quasi á do maribondo, sendo, entretanto, uma agulhada mais rápida. O "pium" é mosquito menor que o encontrado commumente, mas, o seu aguilhão ao penetrar produz immediata reacção local ; a pelle fica edemaciada e o logar da picada acuminado, secretando um liquido como agua. A coceira que produz a ferroadada do pium é tão desesperadora que a victima, insensivelmente, lança mão das unhas para acalmar o prurido. Essa é a razão por que nos logares picados surgem feridas duradouras. Mesmo a picada que não foi contaminada pelas unhas deixa, depois de passado o periodo agudo da dor e da coceira, um signalzinho preto, assignalando justamente o logar onde penetrou o aguilhão do hematophago.

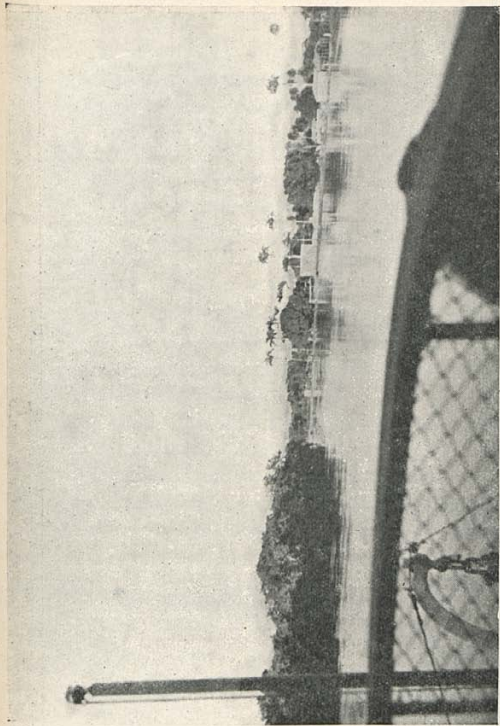
A gente da terra não se dá ao trabalho de proteger o corpo contra as picadas dos insectos. E', em verdade, admiravel a insensibilidade da população local. Parece até que os insectos conhecem a gente do logar, porque quasi nunca a atacam. O natural, por isso, anda sempre de "sapatos de cachorro", isto é, descalço. Realmente ; o trabalhador alli que usar calçado não encontrará apoio em barrancos escorregadios e ingremes. Devido ao habito dos pés sempre despidos o caboclo possui uma conformação especial de artelhos. O pé achata-se e os dedos tornam-se recurvos, á semelhança dos das aves trepadouras. Os nossos pés civilizados ao tentarem de escalada de um d'aquelles perigosos barrancos não obterão firmeza e a queda do individuo é certa. Com o calçado, então, o perigo é maior.

Tentámos, certa vez, subir o barranco de São Felippe. Começamos de botas ; no meio do caminho ficamos descalços ; no final da escalada já nos arrastavamos de gatinhas...

* * *

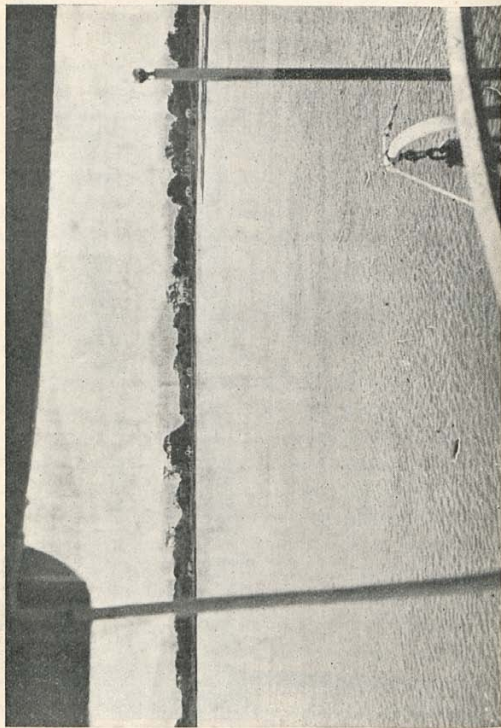
A alimentação nos regatões é sujeita ás contingencias do momento. Há periodos em que existe fartura e variedade ; outras vezes nem só é deficiente como enfastiante a comida. São muitas as occasiões em as quaes um pobre christão não quer ouvir falar, nem por brincadeira, no “Dr. Tracajá” e no “Pirasca”. E’ que elles dominam a situação.

O tracajá é uma qualidade de tartaruga, porém, menos gostosa e de carne enjoativa. Os nativos dizem que tal carne produz erupções cutaneas naquelles que abusam do petisco. Pirasca é a denominação vulgar do pirarucú, quando secco. Já é nosso conhecido. Quando falta alimentação fresca entra em scena o pirarucú secco ao sol. E’ uma conserva apetitosa, entretanto, como manjar obrigatorio de todos os dias torna-se insupportavel. A melhor comida do mundo, aliás, sendo usada todos os dias ao almoço e ao jantar, transforma-se em repugnante alimento. E a conserva, com maiores razões, presta-se á repulsa do paladar educado, depois do uso continuo : o seu gosto particular satura com mais facilidade as cellulas gustativas. O caboclo encara pilhericamente a situação, o que não acontece



São João á vista.

(Photo Rezende Rubim).



Chegada a Porto Joffre.

(Photo Rezende Rubim).

com o "brabo", ou novato, deshabituaado de comer tão exquisitos manjares.

O tracajá, como a tartaruga, alem de fornecer carne, possui ovos comestiveis. Dão a estes ultimos o pittoresco nome de pilulas. Quando comidos em excesso produzem embaraços digestivos, por serem ovos muito gordurosos. Comprehende-se o perigo de tal alimentação em populações assoladas pela malaria, molestia que deixa o tubo gastro-intestinal em pessimas condições. D'ahi a expressão moquejadoura do seringueiro: "as pilulas do Dr. Tracajá são muito boas para as sezões"...

A tartaruga não é tão repellida como o tracajá. Somente os novatos não apreciam a carne d'aquelle amphibio, desconhecedores do sabor da tartaruga e do valor alimentar que possui.

Quando subiamos o Juruá houve momentos em os quaes comprehendemos a situação lamentavel de quem é obrigado a tragar diariamente o nosso conhecido amigo tracajá. Passamos, então, quasi uma semana, comendo o indefectivel amphibio. Já conheciamos as pancadas caracteristicas dadas pelo cosinheiro no casco do animal. Nas proximidades das onze horas e das cinco da tarde ficavamos alerta; assim que se ouvia a primeira pancada era um grito geral: — Hoje o prato variou; temos o "365"...

Não é tanto assim; não se passa 365 dias do anno comendo tracajá. O nosso desabafo, realmente, tinha a sua razão de ser, depois de 7 dias de uso da mesma comida. Chegámos ao 8.º dia preoccupados. A's 10 e

meia da manhã a inquietação era geral : nenhum dos ruidos conhecidos fôra ouvido. O que iria sahir d'alli ? Já estávamos a lamentar a prevenção de todos contra a carne do tracajá ; poderia muito bem acontecer que ficassemos tanto sem o repudiado "365" como sem outra alimentação... Até as 10 e 45 o cosinheiro não havia desferido a pancada sacramental de machadinha no casco do nosso amigo. A's 11 horas ninguem se conteve ; depois de olharmos significativamente um para o outro, num só movimento, precipitamo-nos pelas escadas a baixo, procurando saber o motivo da tardança da "boia". E deparámos um quadro agradabilissimo : em cima da mesa da cosinha estava sorridente á nossa espera um leitão assado, rodeado das classicas rodellas de limão. A manifestação ao mestre Cuca foi estrondosa e o alivio geral.

* * *

Como estávamos falando em materia alimentar convem lembrar umas particularidades da cosinha amazonense e paraense ; uma d'ellas é a *mixira*, preparada com a gordura do peixe-boi. Usam-na das mais variadas maneiras, como condimento. Outra novidade da região é o molho de tucupy, do qual já falamos. Alem do tucupy existe o *tacacá*, mistura onde entra o molho de tucupy.

CAPITULO VIII

A borracha

Muitas especies vegetaes brasileiras produzem a borracha, destaca-se, entretanto a "Hevea", denominada seringa, da familia das Euphorbiaceas, nativa em todo o valle do Amazonas. Tal valle é avaliado em 1.000.000 de milhas quadradas, quasi a metade da Europa.

Tem de 25 a 30 metros de altura a arvore da seringa e o diametro de 0,60 a 1,50. A produçãõ do latex inicia-se do 5.º ao 10.º anno da existencia da arvore, que produz, em media, de 40 a 60 grammas por dia e 3 a 4 kilos por safra, havendo muitas arvores dos altos rios que chegam a dar 7 kilos. O latex contem até 50% de borracha. A arvore de melhor qualidade, todavia, nasce no Estado do Amazonas, nos altos da planicie. Essa foi a razão por que a posse do Acre pelo governo federal descontentou todos os amazonenses, privados assim da região mais rica de toda a planicie, no que toca á borracha. A seringa tambem é nativa nas proximidades do rio-mar, porém sem o viço dos especimens dos altos rios.

E' do leite da arvore, retirado por processos primitivos, que se confecciona a borracha. Para tanto, o seringueiro, armado de machadinha ou facão, chamado terçado, embrenha-se no matto para o trabalho. Leva umas latinhas, preparadas com um espeto, para serem fincadas nas arvores, latas que o commercio offerece á venda nas praças da Amazonia. Assim que o seringueiro encontra a arvore, entra a golpea-la em traços obliquos, procurando conseguir que os golpes fiquem parallellos uns aos outros e dirigidos para um talho central, feito no comprimento do caule. Todo o leite que cae dos entalhados menores escorre para o golpe central, em cuja extremidade inferior o seringueiro finca a latinha. O desenho dos golpes feitos assemelha-se aos das nervuras de uma folha, com a nervura mediana e as secundarias parallelas entre si, dirigidas para a nervura central. Assim que o trabalhador finca a latinha, denominada na região por tigelinha, sae á procura de novas arvores. A seringueira é nativa e por isso brota aqui e alli, as vezes em logares muito afastados um do outro. O bom seringueiro percorre leguas a pé, pois, os grupos de arvores encontradas são distantes uns dos outros e obrigam o trabalhador a fazer trajectos caprichosos e longos. Há caminhos que são intransitaveis, principalmente quando o seringal é novo e pouco trabalhado. Seguir uma estrada de seringa é sujeitar-se á trabalhadeira da lucta em caminhos invios e cheios de surpresas desagradaveis. E, como o trabalho não é para qualquer, o homem que resiste a elle é um heroe.



O serviço da seringa, tanto no Amazonas como no Pará, é feito por nordestinos, mormente pelo cearense, esse bravo patricio acostumado a todas as difficuldades. E o facto de ser quasi sempre encontrado o cearense na dura faina da fabricação da borracha fez com que se intitulasse todos os seringueiros de cearenses. E assim que qualquer proprietario de seringal diz com a maior naturalidade: tenho tantos cearenses no fabrico Cearense é synonymo de trabalhador. E este nordestino, geralmente, tem o espirito de aventuras, forçado que é, tambem, pelas seccas periodicas da sua terra, a procurar outras paragens mais amenas. O Ceará, no inverno, é um oasis de verdura, mas, no verão é um deserto cheio de infelicidades. No tempo aureo da borracha a Amazonia foi o "El Dorado" para aquelles que não encontravam na terra natal os recursos para a subsistencia. Não foram poucos os que encontraram a fortuna, tendo entrado maltrapilhos. Houve tambem muita desillusão, como era natural. As febres cobravam um imposto excessivo aos recém-vindos e o Aripuanã, Jamary, Ammonea, quasi toda a zona do alto Madeira, o celebre Machado, e muitos outros logares, guardam em suas terras innumerous cadaveres de fracassados. Conta-se que, mesmo depois, nos trabalhos de construcção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, morreu tanta gente a ponto de ser avaliado o numero dos mortos pelo numero de dormentes da linha. Isso é exagero. O que é verdade e ao mesmo tempo um attestado do valor da nossa gente é a debandada do estrangeiro contractado e a persistencia do nacional. Poude

ser concluída a linha ferrea com o brasileiro, pois, o estrangeiro baqueou.

A febre palúdica, em verdade, tem sido o maior obstaculo ao desbravamento da vasta zona equatorial. Não fora ella e a região mais rica do Brasil estaria densamente habitada. Voltemos ao assumpto de origem. O seringueiro, como diziamos, vae fincando as latinhas em todas as arvores que encontra sempre marchando para a frente, á procura de outras arvores. Elle não poderia ficar á espera que o leite escorresse. Vae continuando o seu caminho, fazendo o mesmo serviço em todas as seringueiras do trajecto. Na hora da comida, isto é, muito tarde, o seringueiro come a sua passôca, ou outra cousa que traga, acompanhada muitas vezes de uma caça fresca abatida no momento pela sua "44", companheira inseparavel. Depois do repasto, quasi sempre no fim da picada, volta para apanhar as latinhas que já devem estar cheias de leite. O latex da seringueira, quando em contacto com o ar, torna-se viscoso, quasi solidificado. O trabalhador, de volta, vae apanhando as tigelinhas que deixou fincadas e despejando-as em recepiente maior. E' esse leite que depois vae ser defumado pela queima de um coco especial de palmeira, transformando-se na borracha. O processo é facil. Toma o operador de uma haste de madeira roliça, apoiando-a em duas forquilhas, entre as quaes e no chão está sendo queimado o côco a que nos referimos. Bem no meio da vara, que fica collocada horizontalmente sobre as forquilhas, o seringueiro vae derramando o latex, imprimindo ao mesmo tempo á

vara horizontal um movimento rotatorio. O leite, á proporção que cae, entra em contacto com a fumaça que se eleva da queima do côco e coagula. Solidificada uma camada, derrama o operador outra camada e assim successivamente até acabar a reserva de latex que guarda na vasilha. As camadas ficam superpostas, formando, afinal, uma bola, que adquire muitas vezes peso superior a 20 kilos. Terminada a operação resulta um espheroido achatado nos dois polos, justamente nos logares onde penetrou a vara horizontal. Essa bola, com a exposição ao ar, toma cor escura, quasi negra. O seringueiro, ao terminar o serviço, retira a vara roliça para confeccionar outra "pelle" de borracha, nome dado na região á bola a que nos referimos. Cada trabalhador age o tempo que acha conveniente, voltando ao barracão do patrão somente para entregar o fabrico, pois, é um aggregado que trabalha com liberdade. Quanto mais produz mais ganha. O patrão dá os instrumentos e mantem no barracão casa de commercio para fornecer aos trabalhadores tudo o que desejam. E' excusado dizer que o fornecimento é a credito, pagando depois o aviado em borracha. Essa a razão por que muitos trabalhadores ficavam eternamente presos ao seringal; o proprietario cobrava pela mercadoria fornecida aquillo que queria e o seringueiro entregava o producto fabricado ao preço da cotação official. Nesse arranjo é que residia a vantagem para o proprietario. Houve muito trabalhador que produziu quantidades formidaveis de borracha e ainda sahiu devendo ao patrão. E isso não era excepção, ao tempo da alta de co-

tação do intitulado ouro negro. Nessa época o producto chegou a alcançar 25\$000 por kilo e pelles havia que alcançavam duzentos a trezentos mil reis. Apesar de alta tão vantajosa os proprietarios de seringal, em alguns logares, arranjavam geito de endividarem o aviado, prendendo-o como escravo pelas suppostas dividas a pagar, até o momento em que o pobre homem não podesse mais mover uma palha, exgottado pela rude faina e pelas enfermidades. Nunca o trabalhador podia reagir, pois, qualquer aviador, dono de barracão, possuia em seus dominios uma força irregular, disposta a todos os crimes. O infeliz que cahisse em tal inferno acabava conformado, quando não podia fugir em canoa apanhada furtivamente num desvão da margem do rio em que vivia. Eis o motivo das rixas constantes dos seringaes, quasi sempre terminadas com assassinios que deixavam recordações tristes em todas as populações dos altos rios. E' verdade que o ambiente no seringal brasileiro foi sempre mais humano. No seringal boliviano as coisas passavam-se com cores mais negras e ás vezes tragi-comicas. O processo na Bolivia era parecido com o do nosso paiz, porém, com aspectos muito mais pittorescos. Lá, o aviado ia pedindo ao patrão a mercadoria que necessitava e quando chegava ao ajuste de contas, o trabalhador, rude e analphabeto, era expoliado de uma maneira *sui-generis*. Dizia o patrão :

— Unos pantalones que usted me pidió y otros pantalones que li di a usted — dos pantalones...

Assim por diante. A somma, afinal, chegava a ficar accrescida de 50%, sem que o pobre matuto percebesse o conto de vigario em que cahira. Não ficava ahi o esbulho. O infeliz inda era roubado ao ser feita a somma total. Sommava-se assim : 2 e 2 *hacem* 22 ; 5 e 5 *hacem* 55. O que ficou relatado parece lenda, entretanto, é a pura verdade. E explica-se facilmente. Geralmente o proprietario do seringal estrangeiro era um homem afeito ao convivio dos seus aggregados, quasi todos indigenas acclimatados entre os brancos. Muitas vezes o seringueiro do boliviano era apanhado, bem dizer, a laço. O tal processo boliviano não poderia medrar no Brasil, onde o nosso sertanejo, por mais ignorante que seja, tem discernimento bastante para perceber a fraude. O do nosso paiz, como vimos, era a violencia, a imposição pela força, ás quaes não poderia fugir o sertanejo sem defesa. Mesmo assim, em semelhante situação de inferioridade, o explorado chegou muitas vezes a tomar do seu "44" para defender o direito que lhe assistia. E era temeridade tal attitude. Houve tempo em que os seringaes entretinham verdadeiros regimentos em pé de guerra. Ninguem desconhece que ao tempo da questão do Acre, quando o exercito brasileiro transportou-se para o campo da lucta, já os residentes no lugar, seringueiros, tinham liquidado a pelea com os seus proprios recursos. Cabe-nos, agora em parenthesis, louvar a brava actuação do nordestino ao defender tão dignamente os seus direitos na chamada questão do Acre. O grande Euclides da Cunha diz algumas verdades no seu "Purús versus Bolivia". Expli-

quemos. As terras despovoadas do actual Acre, em sua grande parte, pertenciam ao Estado do Amazonas, todavia, uma pequena porção era patrimonio boliviano. O habitante d'esse tracto de terra, em sua maioria seringueiro, usava de um processo curioso para tomar posse da terra. Do marco final da ultima terra habitada partia elle em canoa, com o relógio na dextra. Marcava a hora de partida e, de accordo com a combinação feita com os outros, tinha direito a percorrer um certo lapso de tempo, por exemplo, duas horas, e marcar com um signal apropriado na margem o termino do trajecto. Todo o caminho percorrido considerava propriedade sua, respeitada por todos os outros. O seringueiro não sabia que estava, insensivelmente, penetrando em territorio estrangeiro. Para elle a terra devoluta que occupava era legitima propriedade sua, e, quando o boliviano veio reclama-la, achou-se no direito de defende-la a bala. Na sua simplicidade, os marcos que fincara, com os seus caracteristicos, eram definidores de um direito liquido e certo. E, em parte, a simplicidade do nosso sertanejo tinha um *que* de beleza. E' que, em direito, as bemfeitorias pertencem aos que as fizeram e o seringueiro havia desbravado toda a região, luctando com toda a sorte de difficuldades, inclusive a do indio feroz. Uma região até então abandonada, tornara-se com o seu trabalho um nucleo de progresso e uma fonte de rendas para o paiz. O nordestino reproduziu d'essa maneira as bandeiras do tempo da nossa colonisação, escrevendo com o proprio sangue uma epopéa digna de figurar na historia do paiz, já

tão cheia de heroismos. A Federação foi em socorro dos seus filhos e o saudoso Rio Branco, com tacto verdadeiramente notavel, soube contentar a Bolivia sem descontentar o habitante da região. O que Rio Branco não soube ou não quiz perceber foi a injustiça praticada ao Estado do Amazonas, lançado á margem com os onus de tudo, sem que até agora lhe fosse paga a indemnisação que reclamou pela mutilação de parte do seu territorio para constituir o territorio do Acre. O nosso governo, aliás, sempre descuroou os problemas de interesse vital para o Brasil. Haja vista o acontecido na região falada. Si os poderes publicos houvessem a tempo cuidado de chamar ao nosso convivio a immensa multidão de selvagens da região acreana, á semelhança do que se fez em Matto-Grosso, no *hinterland* brasileiro denominado "Rondonia", teriamos evitado o exterminio dos nossos irmãos das selvas e essa gente, integrada ao nosso meio, estaria hoje adensando a escassa população lindeira com a Bolivia. E precisamos, enquanto é tempo, pensar na riquissima zona acreana, entregue a prepostos do governo, nem sempre dignos dos logares que occupam. Retirar do Amazonas uma boa parte do seu territorio para entrega-la a politicoides é uma inconsciencia. Não se pode aventar o desgoverno que reinava no Estado septentrional; cada parcella autonoma tem prerogativas, porem, com restrições em certa latitude de governo. As intervenções do governo federal estão descriminadas, tanto na Constituição da velha como da nova Republica. Intervir para mutilar o territorio do Estado é novidade que não conheciamos.

O novo estatuto constitucional manda indemnizar, (1) tanto ao Amazonas como a Matto-Grosso com uma miseria qualquer, para ser aproveitada em obras em beneficio para os dois referidos Estados. A verdade é que esse dinheiro há de ser explorado pela politica até o dia em que possa ser empregado em beneficio, não dos Estados interessados, mas de meia duzia de felizardos que tenham boas relações com o centro.

O Acre não tem despertado a cobiça do estrangeiro por ser somente uma terra fertil; nesses interesses entra muito conhecimento da região, que, dizem os entendidos, deve possuir muito petroleo.

* * *

Em verdade o trabalho de desbravamento do Acre inda foi mais expressivo que o dos paulistas, no tempo das bandeiras. E' que, no Amazonas, luctou-se com mais um factor temivel — a febre. Dir-se-á que, tambem em São Paulo e outros logares do sul, as febres dizimaram muitos aventureiros. Não negaremos isso. Chamamos a attenção, entretanto, dos homens de boa fé para a differença de clima e para o paludismo da bacia amazonica, de aspecto gravissimo. Para nós, o bandeirante moderno tem mais significação, mesmo porque é elle um producto genuinamente brasileiro, cruzamento entre elementos das primeiras populações nor-

1) Constituição de 1934.

destinas, e que, a pouco e pouco, vae definindo seus traços em caracteristicos estaveis, assignalados as mais das vezes por qualidades altas de apúro.

* * *

A borracha confeccionada nos seringaes é levada a Manáos ou Belem para, então, ser encaixotada e exportada. Viaja do seringal até as ditas praças, a granel. Os rios da bacia possuem para tal serviço innumerous vapores apropriados, destacando-se entre elles os de uma companhia ingleza, concessionaria da navegação no grande rio e seus tributarios — “The Amazon River Navegation, Co. Ltd.” Na immensa rede fluvial da bacia trafegam 165 vapores de 100 a 400 toneladas e mais de 500.000 embarcações varias, da canoa á lancha de gazolina.

Toda a tripulação d’esses vapores é brasileira; elementos seleccionados, muito acima do engajado no Lloyd Brasileiro.

Alem da “Amazon River” trafegam vapores de companhias outras, de casas commerciaes interessadas nos negocios da borracha.

A borracha, assim que chega ás praças referidas mais atraz, é armazenada em logares apropriados e logo depois encaixotada. A operação do encaixotamento, é controlada rigorosamente. Dois homens armados de ganchos recurvos físgam a bola de ouro negro e um d’elles, então, parte a pelle ao meio. Tal operação visa

a verificação do conteúdo. Pode acontecer que, somente a parte exterior da pelle seja de borracha e o interior venha recheiado de impuresas. Em tempos da valorisação do producto muito seringueiro enchia as pelles de pedras e outros materiaes pesados, afim de obter maior preço.

A superficie do corte da pelle de borracha apresenta-se em camadas superpostas, assignaladas nas intersecções pela cor negra, que contrasta com a tonalidade branca amarellada da borracha verdadeiramente dita. Tal aspecto é devido á solidificação no acto de defumar, ficando os espaços de permeio entre as camadas de borracha em destaque, com a côr negra.

A febre da borracha tremeu por muito tempo na Amazonia e toda a região, naquelles momentos, nadou em ouro. Faziam-se negocios com simples palavras; os intermediarios ganhavam fortunas, enquanto o trabalhador, o seringueiro, ficava enterrado no barranco, em regiões em que a febre não poupava.

* * *

A borracha tem muitos typos. São os seguintes: borracha fina, considerada a melhor do mundo; borracha entrefina; sernamby virgem; sernamby rama. Essas são as classificações do nosso serviço commercial para o exterior, porem, na região conhecem outros typos: o caucho e o sernamby de caucho. A borracha fina é tambem chamada "fina Pará" por ser o porto

do Pará o ultimo porto brasileiro de onde sae o producto. A denominação é injusta porque do Estado do Amazonas sae a maior e melhor borracha do Brasil.

O sernamby é o residuo da solidificação da borracha e o caucho uma especie inferior. O residuo do caucho é que tem o nome de sernamby de caucho.

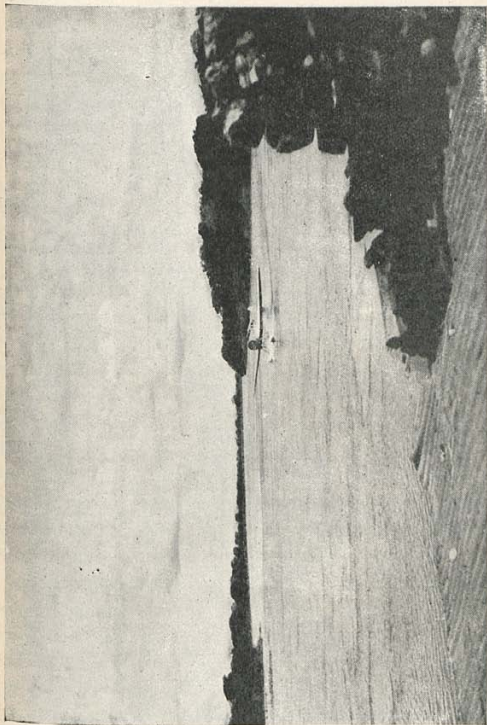
A borracha dos dois grandes Estados do norte é insubstituivel. Assistimos, a tal proposito, a um facto significativo. Visitavamos uma fabrica de artefactos de borracha na Suissa e, quando chegavamos ao deposito do material, o cicerone, querendo resaltar a boa qualidade do material empregado, chamou a nossa attenção para as latas em que guardavam a "fina Pará" e para o chão, onde estava um amontoado confuso de material :

— A do pavimento é de Ceylão, ingleza ; a outra é do Brasil.

E o homem não sabia que estava em frente de um brasileiro. Ficamos satisfeitos por havermos verificado que mesmo em uma fabrica ingleza não poderiam prescindir da materia prima nacional. Isso porque, apesar da nossa incuria, tendo permittido ao inglez a plantação das nossas sementes na India, a borracha ingleza insubsistente, quasi não dá liga, necessitando de amalgama com a do Brasil. Dizem que a arvore, longe do seu *habitat*, degenerou, apesar dos cuidados que dispensam os inglezes ás suas plantações.

Depois do colapso da borracha a Amazonia vive das recordações. O crime de deixar sahir quantidades vultosas de sementes para a Inglaterra deu como resultado a miseria de dois grandes Estados da Federação.

O governo federal tem concorrido sempre com o melhor dos seus recursos para valorisar o café, entretanto, inda não teve a idéa seria de salvar a borracha. E', aliás, o que se observa sempre quando o problema joga com Estados cuja representação politica não pode influir na *fabricação* do presidente da Republica. Desde que adoptamos o regime federativo em 89 São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, permanentemente, e outros Estados mais felizes, accidentalmente, vão impondo ao centro aquillo que lhes interessa, em detrimento dos outros Estados mais necessitados, que viviam até ha bem pouco tempo a mendigar do estrangeiro o auxilio que o governo federal tinha a obrigação de lhes fornecer. Foi essa a razão por que se desmandaram os governantes do extremo norte. Aquelles Estados estão hoje em condições de quasi insolvabilidade, porque a Federação nunca lhes assitiu e nem tão pouco se preocupou com o que lá pudesse acontecer. O governo federal somente se dignava olhar para aquellas bandas quando precisava da arrecadação, ou quando pretendia impor qualquer afillhado, a quem o povo da região demonstrasse repulsa. Foi assim que Manáos soffreu um bombardeio, cidade aberta como é, somente para satisfazer o capricho de uns politicos que queriam tomar de assalto o governo do Estado. Não falamos demais. Basta reportar-se aquelle tempo e verificar a



O avião da carreira pousando em Porto Joffre.
(Photo Rezende Rubim).



Os celebres estreitos do rio Cuyabá, o Uacurutuba.
(Photo Rezende Rubim).

repugnancia com que o povo de Manáos recebeu o candidato imposto pelo Rio de Janeiro. Manáos bombardeada, com muitos dos seus filhos mortos em consequencia de um despejo de granadas as 5 horas da manhã, preparou-se nas caladas da noite com os elementos que possuia e expulsou os aventureiros. Depois d'esse gesto de brio inda pretendeu o governo federal intervir, no que foi obstado pela magistratura local, revoltada por tanta miseria. Isso foi em 1910. De lá para cá as coisas peoraram. Felizmente o Estado Forte está corrigindo as differenças de tratamento entre os Estados; todos agora estão no mesmo pé de igualdade.

Não podemos negar o valor de São Paulo e de outras parcellas da Federação, sabedores que somos do contingente vultoso de numerario e de trabalho que depõem na balança commercial do Brasil; o que nos revolta é a pouca assistencia que se dá no paiz justamente aos mais necessitados. Salvar o café é uma obra de patriotismo, mas, nem por isso o acto de amparar a borracha deixaria de ser um gesto de legitima defesa para o proprio Brasil.

O governo central teria recursos para influir no mercado e valorisar o producto. Em principio conviria amparar o trabalhador. Para tanto a compra em larga escala, a preço fixo, por tempo determinado, do producto e o seu armazenamento. Bastaria a certesa para o productor de que collocaria a sua mercadoria por um preço razoavel e por tempo relativamente longo para que o commercio da região ficasse fortalecido. Ao go-

verno federal competiria a venda do producto e a organização dos elementos subsidiarios para dar vasaõ á mercadoria retida. Taes elementos seriam : fundação de fabricas de artefactos e gravação do producto a exportar, de maneira a que o nosso mercado interno bastasse para consumir toda a producção nacional. Ao nosso ver é esse o unico processo intelligente de salvar a borracha, differente d'aquelle usado por certo governo federal e denominado pomposamente de "Commissão de Defesa da Borracha" e que deixou recordações tristes nas duas praças do norte. Devemos nos bastar a nós mesmos, não no sentido fossil de cruzarmos os braços e esperarmos que do ceu venha o feijão da nossa subsistencia, mas, procurando amparar o que deve ser amparado e deixando a pieguice de admiração boçal ao estrangeiro, quando elle nos olha somente com o interesse do commerciante ganancioso. E não faz mais que sua obrigação de gente sagaz e integrada ao ambiente de vida moderna.

A natureza é tão prodiga no nosso paiz que, mesmo com a queda da borracha, o Amazonas conseguiu encontrar outro producto para supprir parte da falta occasionada na sua balança commercial — a balata. E' esta materia prima retirada tambem de uma arvore da planicie. Gommosa e mais consistente que a borracha a balata é encontrada nos altos rios, sendo nativa principalmente no rio Branco.

O processo de retirada da balata é completamente differente do usado para a borracha. O balateiro equipado para o serviço assemelha-se a um cavalleiro an-

tigo. Leva nos pés, á maneira de esporas, um aparelho com um espigão como ponta de florete. Serve o tal aparelho para a escalada da balateira. O trabalhador sobe fincando ora um ora outro esporão na mudança do pé ; quando um pé fica firme, fincado que está o esporão, muda o outro pé mais para cima. Assim consegue o balateiro subir até o topo da arvore, que é muito alta.

* * *

Os seringaes estão despovoados, quasi desertos, porem, o homem que ficou ainda conserva aquella fé que o deslocou da terra natal em busca da fortuna. Para elle o "El Dorado" voltará um dia, certo que está de ser a terra das admirações de Wallace, Orville Derby, Humboldt e Agassiz o futuro celleiro universal.

SEGUNDA PARTE

MATTO GROSSO

CAPITULO I

A transcontinental do futuro

QUEM, das bandas de S. Paulo, pretender abordar pela primeira vez Matto-Grosso, recebe de chofre, na conversa dos desanimados, uma ducha de agua fria. Para esses o grande Estado central é o Far-West brasileiro, onde a força é lei e o homem um egresso, fugido das prisões e dos castigos. Para um tal estado de coisas concorre a ignorancia dos que vivem no litoral, sem se aperceberem dos inauditos esforços empregados pelo homem do interior para integrar-se no ritmo da civilisação nacional. Outras vezes a má impressão vem de ouvir o proprio nativo, relatando façanhas rocambolescas e de factos contados por adventicios á procura de noticiario sensacional. Matto-Grosso não é o que se pensa : é um Estado progressista, que tem sabido elevar-se com os seus proprios recursos. Não têm sido poucas as vezes que o governo federal alli interveio, a pretexto de restabelecer a ordem, concorrendo como sempre, cada vez mais, para a desorganisação politica local.

O Estado foi até há pouco tempo um dos enteados da Federação, onde se procurava somente fontes de renda. E, nas condições geographicas em que se encontra a grande parcella do paiz, lindeira com algumas nações estrangeiras, tem sido o centro obrigado a assistir-lhe, ultimamente, com a fixação de forças militares em Campo Grande e outros pontos do Estado, beneficio por um lado e por outro diminuição da autonomia local, por haver surgido assim uma especie de Estado dentro do Estado.

* * *

A parte sul de Matto-Grosso é um prolongamento de S. Paulo. Vive, de facto, subsidiaria do Estado litoraneo, para felicidade dos mattogrossenses que dest'arte aproveitam da seiva paulista. O traço de união entre os dois visinhos, o elemento de ligação, é a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, construida pelo governo federal. O seu traçado é um dos mais arrojados gestos politico-economicos do Brasil republicano. Caso finalizem o traçado com a chegada dos trilhos a Corumbá, a princesa do rio Paraguay, ter-se-á alcançado a meta de consolidação da amizade com a Bolivia, facilitando assim a construcção da transcontinental, que seria a mesma estrada prolongada neste ultimo paiz, de Corumbá a Santa Cruz de la Sierra. O Ministro da Viação quando esteve em Corumbá, ultimamente, prometeu o prolongamento para breve ; os estudos já estão sendo

feitos e os credits já foram registrados pelo Tribunal de Contas. (1)

A Noroeste foi batida com o fim de solucionar o estado de abandono em que jaziam nossas fronteiras vivas, isso no que respeita ao lado estrategico, e de promover o desenvolvimento de grande parte de Matto-Grosso, actualmente em ligação directa com S. Paulo, quando no passado entretinha sua vitalidade por intermedio dos rios Paraguay e da Prata, satellites politicos de nações de lingua espanhola.

A Noroeste se inicia em Baurú, em terras bandeirantes e termina em Porto Esperança, na barranca do rio Paraguay, depois de 1.310,236 klms, de percurso e de innumeradas obras de arte em seu leito. A situação premente em que foi construida a estrada não permitio mais cuidado com o leito, razão por que, até bem pouco tempo atraz a parte final do trecho, na zona do pantanal, assente em terreno fôfo e baixo, soffria as continuas baldeações das enchentes do rio Paraguay. Ultimamente vem a administração da estrada cuidando de levantar os trilhos na parte acima referida, já estando concluido um trecho na parte terminal.

A estrada é de bitola estreita, servida por material rodante deficiente. A exigencia do commercio da região comportaria mais movimento e a direcção da Noroeste bem no tem sentido, pois, já se fez o ramal de Jupiá e cogita-se de servir a zona com maior frequencia, tanto de trens de passageiros como de carga.

(1) Já se iniciaram os trabalhos da Estrada, estando, provavelmente, a pique de se lançar os dormentes em Julho de 1939, entre Corumbá e Santa Cruz de La Sierra pela "Comissão Mixta Brasil Bolivia".

A parte da estrada que galga a serra de Maracajú, onde assenta a cidade de Campo Grande e o trecho de descida da mesma serra até Aquidauana, sujeito ao trabalho herculeo de obras de engenharia, constituem um attestado do valor do nosso esforço. A ponte sobre o rio Paraná, divisa dos dois Estados, abraçando-os, com 1.050 metros de comprimento e arcabouço metalico protector, é uma das mais perfeitas realizações da engenharia patricia.

O caminho ferreo serve a zona noroeste, em São Paulo assignalada desde sua inauguração por progresso vertiginoso. Desde então as cidades surgiram como que por encanto e suas terras, até o momento quasi virgens, entraram a ser trabalhadas pela colonisação. São as celebres glebas roxas que enriqueceram os paulistas e hoje, a perder de vista, ostentam a belleza verde dos cafesaes ao longo de todo o traçado ferreo.

Na penetração d'esse longo caminho de civilisação o balisamento foi sendo feito de tantos em tantos kilometros por cidades, que a principio eram simples acampamentos e que, da noite para o dia, tornaram-se importantes centros de commercio e de mundanismo. Até a margem do Paraná, em chão paulista, e de ahi em diante até Campo Grande, em terras mattogrossenses, as cidades são novas, semidespidas algumas, outras já adornadas e pujantes de progresso. Lins, Pennapolis, Biriguy, Araçatuba, Tres Lagoas, Campo Grande, são de fundação recente. Mais adiante — Aquidauana, Miranda — já têm suas tradições firmadas, apesar de não possuirem o mesmo ritmo de progresso das ci-

dades novas. E' que ja viviam, bem dizer de recordações, quando foi lançada a Noroeste, contemporaneas que são da invasão da nossa terra pelas forças de Barrios. Foi nesse mesmo lugar que se representou um dos quadros mais heroicos da resistencia brasileira, immortalizados nas paginas vivas e vibrantes do Visconde de Taunay — a Retirada da Laguna.

* * *

Não pretendemos descrever o trecho paulista do caminho de aço, já muitas vezes abordado por outros, procuraremos descrever succintamente o traçado em terras mattogrossense, da ponte sobre o Paraná até a ponta dos trilhos em Porto Esperança, no rio Paraguay.

A primeira cidade encontrada em terras mattogrossenses é Tres Lagoas, em plano achatado e arenoso, bem traçada em angulos rectos á feição de grande cidade. Por enquanto ainda é uma cidade em evolução : de S. Paulo vem-lhe o oxygenio de que vive, dada a sua situação, quasi ás bordas do rio Paraná. Tres Lagoas foi erigida em séde de municipio em Agosto de 1915 e de então para cá vem progredindo regularmente. Está ligada, nem só pela estrada de ferro, como tambem por estradas de rodagem : a Santa Rita do Araguaya (327 klms.) ; Rondonopolis (841 klms.) ; Cuiabá (1.145 klms.) ; Santa Rita do Rio Pardo (180 klms.) ; Sant'Anna do Parahyba (200 klms.) ; Jatahy, em

Goyaz (420 klms.) ; Porto Independencia (20 klms.) ; Urubupungá (36 klms.) ; Patrimonio Vestia (89 klms.) ; Campo Grande, via Santa Rita do Rio Pardo (436 klms.).

Uma particularidade interessante para quem entra no Estado de Matto Grosso é a necessidade de serem os relógios atrasados, pois o fuzo horario faz uma differença de uma hora.

De Baurú, inicio da Noroeste, a Tres Lagoas, via-se dois dias e uma noite e chega-se á noite do segundo dia á primeira cidade mattogrossense. Já se encontram em Tres Lagoas algumas construcções modernas e interessantes e a "salla de visitas" do Estado, promete ser em futuro proximo uma cidade digna do nome que lhe emprestaram.

Da barranca do Paraná a Campo Grande o scenario muda. Quando a viagem é feita durante o dia o viajante, envolvido por uma densa nuvem de pó, observa a mutação do chão arenoso pelo vermelho arroxeadado que, afinal, fixa-se no sanguineo das estradas. O matto é ralo : estamos na zona do gado. Todas as cercanias, até o termino da estrada, prolongando-se para o norte até Coxim e para o sul até Maracajú, Bella-Vista, Porto Murtinho, nessa parte de Matto-Grosso são grandes campos de criação de gado vaccum. Nas proximidades de Campo Grande existem os afamados campos de Vaccaria, quasi todos pertencentes a membros de uma só familia. Dentro das lindes de Matto Grosso, somente no Pantanal, na Nhecolandia, encontram-se pastos superiores aos da Vaccaria. A viagem para Campo Grande é fatigante. A monotonia das duas cores dominantes

— o verde amarellado da vegetação e o vermelho da terra — cançam e amolentam quem observa, diminuindo-lhe os talentos da analyse e como que o adormentando no somno da indifferença. A aproximação de Campo-Grande melhora um pouco tal estado de fadiga. E' que, começamos a galgar a serra de Maracajú e o ar, de morno, transforma-se em temperado. Os accidentes da viagem são tambem mais interessantes : aqui e alli surge um riacho, uma ponte a transpor, uma descida pedregosa, enfim, uma distracção nova para o olhar fatigado pela monotonia.

Campo Grande já é uma cidade importante ; nucleo de convergencia de diversos municipios proximos. A cidade é bem traçada em ruas largas, sendo algumas calçadas a Mac-Adam. Possui um jardim muito gracioso e residencias de primeira ordem. Nada fica a dever ás modernas cidades paulistas do ciclo do café. Sendo Campo Grande a séde da Região Militar e lá estando localizados alguns milheiros de soldados, o elemento de farda avulta dentro da população civil. Amambahy, o bairro dos quartéis, está se transformando em outra cidade, com todo o conforto. A localização em Campo Grande da Região Militar trouxe grandes beneficios ao lugar. Derrama-se assim, mensalmente, uma somma respeitavel de dinheiro no commercio local. A sua permanencia, entretanto, veio trazer, tambem, desvantagens. Nem todos os chefes militares têm sabido guardar a posição a cavalleiro das rixas politicas locais. E, mais : a fixação de tão grandes contingentes federaes no sul do Estado tem concorrido para amparar o espi-

rito separatista de alguns politicos sem escrupulos, creando dest'arte serios embaraços á administração do Estado. E' que, só o facto de permanecer em Campo Grande a séde da Região, faz com que os habitantes de lá se julguem com direitos que as outras partes do Estado, no seu entender, não possuem. A força federal influe para tal estado de coisas á maneira de acção catalytica ou acção de presença, pois, nem sempre o elemento militar participa directamente para a situação do espirito de regionalismo dominante no logar. O campograndense sente-se naturalmente orgulhoso do seu progresso, sem perceber, todavia, que grande parte d'elle lhe vem da visinhança com Maracajú, Bella Vista, Nioac, Aquidauana e Pontaporan. Os municipios proximos são ligados por estradas a Campo Grande e a unica sahida que têm para os seus productos é pela bella cidade serrana, plantada á beira da Noroeste do Brasil. Não queremos dizer com isso que Campo Grande não tenha vida propria ; a cidade já possui elementos bastantes para esperar do futuro uma situação invejavel. As suas cercanias são todas afazendadas e a localização de algumas colonias de japonezes tem concorrido para melhorar o padrão de vida dos habitantes, até ha bem pouco tempo dependentes do producto paulista.

A região campograndense, aliás como toda essa parte do sul do Estado, é cosmopolita. Quasi todo o contingente humano é nascido em outras plagas. Para tanto concorre a facilidade de acesso por intermedio de S. Paulo, o Estado por excellencia colonizador. Alem d'isso

as fronteiras proximas, principalmente a do Paraguay, contribuem muito para que o sul do Estado seja, como é, uma região onde o elemento de fora esteja sempre em maioria.

De Campo Grande vae-se á fronteira paraguaya em um dia, por estrada de rodagem, existindo um serviço regular de omnibus para a cidade fronteira, Pontaporan, séde do municipio do mesmo nome. No local existe, de facto, somente uma cidade com dois nomes e duas linguas (ou melhor, uma lingua em que o portuguez anda de braços com o espanhol e arvezado de momento a momento pelo guarany). O lado brasileiro chama-se Pontaporan e o paraguayo Pero Juan Cabale-ro; a divizão entre as duas republicas é uma rua, a mais importante do logar.

De Campo Grande partem outras estradas importantes para outras cidades sédes de outros municipios; sendo o local o centro rodoviario de toda a zona sul de Matto-Grosso. Campo-Grande já possui cerca de 15.000 habitantes.

* * *

Sahindo de Campo Grande e continuando a viagem pela Noroeste a primeira cidade que se encontra é Aquidauana. Desce-se a serra de Maracajú e o que se observou na subida admira-se em sentido contrario. Deixa-se em pouco a terra arroxeadada para encontrar o solo arenoso.

Aquidauana, á margem do rio do mesmo nome, está edificada sobre areia e na base da serrania. E', por essa razão, uma cidade quente. Não tem progredido muito ; Campo Grande absorveu toda a vitalidade das cidades mattogrossenses da Noroeste. Apesar d'isso o municipio tem progredido e, ultimamente, o commercio tem-se desenvolvido por causa da industria das xarqueadas. Aquidauana é muito bem traçada e a construcção já se vae orientando por tendencia francamente moderna.

* * *

Logo após Aquidauana, que está a meio dia de viagem de Campo Grande, encontra-se Miranda. E' ainda mais acanhada que a primeira, porem, tem vista muito mais agradável. A rua que margina o caminho ferreo é debruada de bons predios e as ruas transversaes são entrevistas em rectas seguras e bem lançadas. Miranda surgiu de um presidio levantado pelo governador Caetano Pinto de Miranda, em 1797. Tal iniciativa foi tomada para defender o territorio patrio contra a constante incursão do castelhano, vinda do fortim S. José, na margem do Apa. Em 1802, o Tte. Francisco Rodrigues do Prado, em represalia á mallograda tentativa de D. Lazaro ao forte de Coimbra, sahiu de Miranda e foi arrazar o forte de S. José, o que conseguiu fazer victoriosamente. Essa zona de Aquidauana e Miranda é a mesma descripta pelo inolvidavel Visconde de Taunay, na "Retirada da Laguna". Ainda hoje

existem os celebres laranjaes que concorreram para dessedentar os nossos miseros patricios. E por signal que as laranjas de Miranda e Aquidauana são afamadas : são as mais doces e fartas de toda a região. Todo esse sul de Matto Grosso soffreu as consequencias da invasão paraguaya, que se estendeu até Corumbá.

* * *

A Noroeste, de Miranda em diante, percorre a zona do pantanal, cheia de mosquito e poeira. A viagem nada tem de interessante ; antes é um sacrificio ao bom gosto e ao conforto. A zona do pantanal estende-se por grande parte da margem esquerda do rio Paraguay, indo de Porto Murtinho, quasi na foz do Apa, até Poconé, limitando-se pelos planaltos da Vaccaria e Amambahy, alto de serra. Tal região, que á primeira vista pela denominação parece ser um lodaçal immenso, é uma das porções de terra mais ricas do paiz. Isso porque é um paraizo para a criação do gado vaccum. Em toda a região encontram-se grandes represas de aguas carregadas de chloreto de sodio, formando extensos lagos. A existencia de taes lagos é revelada pelo capim *tabôa*, em enormes *tabuás*. O gado destroe o capim, provocando o apparecimento da agua salgada. O general Rondon constatou a existencia de 117 lagoas, sendo 93 salgadas.

Querem alguns explicar a existencia d'essas lagoas com a existencia anterior de um mar mediterraneo na região.

Dentro da região pantaneira estão localizados actualmente os melhores campos de criar do Estado, os da Nhecolandia.

A Nhecolandia possui hoje 600 mil cabeças de gado vaccum, entre os quaes já se encontra muito animal de qualidade. Um dos proprietarios de fazenda alli, intelligente e trabalhador, já introduziu em seus rebanhos a raça Polled Angus, a que, talvez, produz a melhor qualidade de carne. O exemplo do Dr. Gastão de Oliveira é digno de ser imitado.

Toda a região da Nhecolandia pertenceu ao Barão de Villa Maria e hoje está repartida em grande parte pelos seus descendentes. São 150 os estancieros actuaes. Os fazendeiros mantêm tambem xarqueadas, sendo importantes as seguintes: Xarqueada Ottilia, Xarqueada Barrinhos, Saladeiro Corumbá, Saladeiro Rio Negro.

A Nhecolandia possui pastos nativos, encontrando-se hoje os seguintes capins: branco, felpudo, mimoso e grammas chatas. Nos baixios existem arrozaes nativos. O unico trabalho para o criador em tal região é o da ferra e o cuidado nos momentos das enchentes, quando o gado deve ser levado para os *firmes*. O progresso da pecuaria no logar tem concorrido para o melhor padrão de vida do residente local apresentando a Nhecolandia actual todo o conforto possivel.

Achamos necessario fazer um parenthesis para a descripção de parte da zona privilegiada do pantanal porque consideramos a Nhecolandia como um verdadei-

ro paraizo, entre as tristezas de outras terras suas visinhas.

* * *

A zona final do trajecto da Noroeste, lançada sobre a terra frouxa do pantanal, tem occasionado muitos prejuizos á Estrada. Até há bem pouco tempo, toda a vez de enchente do Paraguay o transito ficava interrompido, fazendo-se a baldeação de carga e passageiros vindos de Corumbá, ou para lá indo, em Salobra, muito antes de chegar á ponta dos trilhos. Tal situação exigia uma medida radical e foi o que se fez : a actual administração já procedeu ao levantamento do leito em grande parte do percurso, antigamente alagadiço, e já iniciou novas obras para levar avante todo o serviço necessario.

A viagem durante o trajecto final até Porto Esperança não é nada agradável. O trem marcha ao cahir da noite e atravessa verdadeiras ondas de mosquitos e o passageiro fatigado por tão longa viagem não mais se interessa pelo que possa ser visto á margem do caminho.

Não sei porque Porto Esperança foi baptisado com tão bonito nome ; é um logar sem vida e onde os mosquitos são particularmente vorazes e de um tamanho fora do commum. Existe um celebre mosquito branco que tem a capacidade especial de atravessar com o ferrão qualquer tecido. Não vale em Porto Esperança

resguardar-se com meias e roupas grossas ; o mosquito branco vence todos esses obstaculos e introduz na victima um ferrão agudissimo que deixa lembranças por muito tempo. Certos passageiros obrigados a pernoitar em tal logar relataram-nos que foram constrangidos a comer dentro de grandes mosquiteiros, pois, fóra, seriam levados a tragar mosquitos, inconscientemente, com as garfadas que levassem á bocca. Parece que estamos exagerando, entretanto, essa é a opinião de todos os que passam por Porto Esperança. Ao nosso ver o nome do logar deveria ser "Remate de Males", á semelhança de uma certa cidade do Amazonas. A impressão agradável de quem chega á ponta dos trilhos da Noroeste é a de ver-se livre do pó, do jogo terrível do trem e estar dentro em pouco, depois de um banho reconfortante, a bordo de navio limpo e confortavel. Só o facto de enxergar o magestoso rio Paraguay, depois de haver vivido alguns dias em ambiente permanentemente empoeirado, já é um grande consolo.

O vaporsinho que faz o serviço de travessia, subindo o Paraguay até Corumbá é, quasi sempre, o "Fernandes Vieira", pertencente a Empresa Migueis. Outras embarcações chegam tambem até a ponta dos trilhos, taes as da Empreza Boabaid, sem, entretanto, manterem serviço regular.

A viagem é feita á noite. Quando o trem chega no horario, sae-se de Porto Esperança ás 8 ou 9 horas, chegando-se a Corumbá no dia seguinte, tambem entre 8 e 9 horas da manhã.

Hoje já há um serviço regular do Syndicato Condor que traz os seus aeroplanos de S. Paulo até Cuiabá em um dia e horas. Inaugurou-se recentemente um serviço com o tri-motor Rio-Corumbá que muito facilitará o intercambio com a Bolivia, por intermedio do Lloyd Aereo Boliviano.

CAPITULO II

Corumbá

A viagem de Porto Esperança a Corumbá, subindo o rio Paraguay, nada tem de interessante. O conforto que se sente é o de haver deixado para traz o trem com toda a sua serie de torturas.

O rio ora espraia-se, ora aproxima as margens, não como no Amazonas, mas, com o cunho regional do banhado, em o qual, a vegetação marginal muitas vezes submerge, deixando á vista as copas rachiticas de arvores pouco desenvolvidas.

Sae-se de Porto Esperança á noite e chega-se no outro dia pelas 8 ou 9 horas da manhã em Corumbá. Passa-se, pois, somente uma noite e parte da manhã seguinte a bordo e o tempo disponivel para observar é pequeno.

Subindo o rio, já se vê, a viagem desloca pouco ar, sendo essa a razão de se sentir tanto calor.

O primeiro ponto densamente habitado que se encontra é Ladario. A aglomeração confusa do casario ao alto e no espraiado as construcções do Arsenal de Marinha, já dão idéa das intenções patrioticas do governo cuidando dos pontos estrategicos, Ladario

faz pouco tempo inda era um reducto cercado de muralhas, com diversas habitações no recinto, ao qual denominavam de Arsenal. A tendencia do governo é apparellhar essa base de defesa dos recursos necessarios para uma emergencia de guerra. A verdade é que até 1930, enquanto as outras nações iam se guarnecendo com os elementos necessarios á sua defesa o Brasil continuava a dormir, fiado não sabemos em que, com as fronteiras abandonadas e os pontos vulneraveis tidos como logares de degredo, onde o official somente procurava e esperava o momento de pedir sua transferencia para gozar a vida em outro logar mais propicio aos divertimentos. E' certo que tal mentalidade veio mudando a pouco e pouco, principalmente na Marinha, onde o elemento de acção entra mais em contacto com as nossas necessidades, por compara-las mais a miude com o que se faz lá fora. E, justiça se faça, desapparelhada como tem sido a nossa Marinha de Guerra, é um verdadeiro milagre a situação em que se mantem. A distincta officialidade faz timbre em manter as linhas das suas tradições, apesar do abandono em que ficou por longos annos. O Exercito havia sido mais feliz e mesmo assim, de vez em quando tomava da arma para revidar qualquer problematica offensa aos brios da classe.

Em Ladario existem alguns vapores milagrosamente fluctuando, devido á dedicação dos que ficam a cuidar de tantas velharias. Actualmente já o governo federal parece que vae percebendo melhor a situação em que jaz Ladario e cogita de altos commettimentos já estando a installar alli um parque de aviação e já

tendo incorporado á flotilha o monitor Parnahyba, que honra a construcção naval brasileira.

De Ladario a Corumbá, por agua, são 15 a 20 minutos. Chamam-na de cidade branca e, com effeito, merece tal designação. Está situada a cavalleiro, em uma eminencia calcarea que lhe empresta o tom alvadio caracteristico. Vestida assim em tom argenteo, reverberando aos golpes rudes do sol, Corumbá, a prinzeza do rio Paraguay, apparece para quem chega, ao dobrar da volta do rio, tal como se fora uma joia cheia de facêtas, faiscando ao dourado dos raios do astro-rei.

A cidade está construida, como dissemos acima, em uma elevação. A parte que fica ao nivel do rio é a destinada ao commercio : lá estão as casas mais importantes do logar, a Alfandega, os estaleiros, etc. Alcança-se a parte alta da cidade por duas rampas principaes : uma partindo da Alfandega e outra das proximidades de um estaleiro e que termina na praça da Matriz. A rampa da Alfandega, muito bem arranjada, é uma curva que suavisa a subida, indo terminar no ponto mais central da cidade — o crusamento da rua Frei Mariano com a Avenida Candido Mariano. Esta avenida é uma linda via publica, debruando o alto do barranco, toda arborisada de palmeiras reaes e de onde se descortina o panorama do rio em todos os quadrantes. Corumbá é traçada em xadrez e as suas ruas são largas e bem abauladas. Quasi não existe calçamento. Todas ou quasi todas as vias publicas são pavimentadas com um calcareo esbranquiçado, comprensado com machi-

na de rolo, apropriada. Tal calçamento substitue perfeitamente qualquer outro, resistindo á acção das aguas e tendo a vantagem de não armazenar muito calor em clima como o de Corumbá, onde o calçamento á pedra é desaconselhavel.

A cidade possui boas edificações, sendo de notar que se emprega muito a pedra nas construcções por ser muito facil a aquisição d'esse material; a pedra e a cal são encontradas em diversos logares das cercanias da cidade. Corumbá possui uma sociedade muito bem formada. E as tradições de patriotismo e hospitalidade da gente da terra são conhecidas; desde o momento em que o cuiabano Antonio Maria Coelho e sua columna de bravos expulsou da bella cidade mattogrossense os invasores paraguayos que Corumbá ficou sendo um reducto de brasilidade.

Por occasião da guerra que o Brasil e seus alliados sustentaram contra o Paraguay, Corumbá não era mais que uma villa militar de dois mil habitantes. O seu commercio era feito exclusivamente pelo rio Paraguay e muito diminuto. A navegação d'esse rio fora favorecida pela installação da Meza de Rendas em 1853. Tudo desmoronou com a invasão do inimigo, que, com a sua proverbial severidade, afugentou quasi todo o elemento nacional que entretinha o progresso, pondo em fuga os poucos habitantes do logar. Foi retomada a 13 de Junho de 1867 e novamente desoccupada em consequencia da variola que grassara violentamente nas forças paraguayas. Somente em 1870, com a permanencia da divisão do então general Hermes Rodrigues da Fonse-

ca, é que a população foi-se reconstituindo, restabelecendo-se a villa por lei de 7 de Outubro do mesmo anno, restaurando-se o municipio de Corumbá, regalia desfeita anteriormente em 1869. De então para cá o municipio vem progredindo sem interrupção, só tendo havido solução de continuidade depois da inauguração da Noroeste do Brasil. Diminuiu o avanço de Corumbá porque Campo Grande ficou sendo o entreposto principal do commercio, que passou a ser feito pela estrada de ferro. Apesar disso, Corumbá, si não tornou aos dias de seu fausto passado, mantém um ritmo de progresso invejavel e promete voltar aos dias aureos de outros tempos, por ter uma situação privilegiada em face do commercio boliviano. Pela sua situação especial, fronteira com a Bolivia e proxima do Paraguay, Corumbá é um centro cosmopolita em o qual se encontram filhos de todos os Estados e de todos os paizes. E não é essa uma população transitorria ; são elementos radicados ao logar e que contribuem com seu trabalho para o bem commum. Já se percebe alli o crusamento entre os diversos elementos de fora, o que empresta a Corumbá uma mentalidade de cidade grande. Tal situação criou um ambiente especial durante a guerra do Chaco ; os descendentes de bolivianos e os dos paraguayos ficaram como que neutralizados pelo ambiente brasileiro, que irmanou a todos.

Corumbá está a 130 metros de altitude, aos 18.º 59'30" de latitude e 14.º 55'34" de longitude. O seu clima é quente, amenizado pelas brisas vindas do sul, que durante o inverno levam o termometro a 0º e as

vezes abaixo. Em 1932 alcançámos em Corumbá a temperatura de 2 abaixo de 0. Isolada como está em um macisso calcareo no meio do pantanal, comprehende-se que esteja sujeita, tanto ao calor senegalesco, como ao frio intenso.

De Corumbá a Puerto Suarez, na Bolivia, vae-se em automovel em duas horas. A estrada em territorio brasileiro é bem conservada, construida pelo 6.º de Engenharia do Exercito. O trabalho foi feito até o arroio Conceição, divisa entre os dois paizes. Do lado da Bolivia o caminho é pessimo, apesar do terreno se prestar para uma estrada de primeira classe. O governo boliviano está agora construindo a estrada com cuidado.

Puerto Suarez é um burgo pobre, sendo, entretanto, séde de uma guarnição boliviana, a 5.ª Divisão. A sua vida toda depende do contingente militar que lá estaciona; o resto da população, muito pequeno, é insensivelmente levado a seguir o padrão de vida do soldado. Existe communicação para a Bolivia tambem por agua, via usada pelas casas commerciaes que fazem o intercambio com o paiz visinho. Durante a guerra do Chaco algumas casas do Brasil fizeram grandes negocios, dizendo-se que uma d'ellas, de um syrio de Corumbá, conseguiu vantagens apreciaveis. Os bolivianos são considerados em Corumbá como irmãos, para tanto concorre a fidalga pessoa de D. Carlos Chavez, consul da Bolivia, a quem toda a cidade préza e admira.

O commercio de Porto Suarez e de suas circumvizinhanças depende, quasi exclusivamente, de Corumbá. Somente algumas coisas de luxo são compradas na vi-

sinha republica ; isso porque os direitos de taes artigos lá são pequenos e o artigo francez é offerecido ao consumidor mais barato. D'ahi a procura do brasileiro, que consegue quasi sempre burlar a vigilancia dos guardas da fronteira.

A communicação de Corumbá com Ladario é feita por intermedio de uma boa estrada de automoveis : são 10 minutos de viagem. Ladario é um districto de paz de Corumbá e tem uma população de cerca de mil e quinhentas almas. Possui muito boas construcções e é a séde da Flotilha da nossa Marinha de Guerra e do Arsenal. De passagem não podemos deixar de assignalar aqui o grande numero de doentes do mal de Hansen que observamos em Ladario. E' um descuido imperdoavel, deixar-se a séde de uma guarnição militar entregue ás devastações de tão terrivel doença.

Corumbá possui ainda outros passeios interessantes. Entre elles figura em primeira plana o do Urucum. Dista 21 kilometros da cidade e a estrada é das melhores. Urucum é um thesouro inexplorado ; lá está, possivelmente, a maior mina de manganez do Brasil. Muitas companhias têm tentado explorar taes riquezas, mas, parece que o commettimento requer, não só o emprego de grandes capitaes, como tambem o momento propicio de valorisação do producto, pois, somente o frete consumirá quasi a totalidade do lucro. Assim dizem os entendidos. Cogita ultimamente o governo de explorar o Urucum, pretendendo arrendá-lo. O accôrdo entre os dois governos — federal e estadual — concorre assim para solucionar uma velha aspiração

corumbaense. Enquanto espera a actuação do capital vae Urucum vivendo da lavoura. As suas terras são excellentes, principalmente para a canna e o café. E os proprietarios, os esforçados irmãos Carcano, mantêm em sua propriedade na base da serra, em plena floresta, accommodações para veraneio. O lugar é dos mais aprasiveis, agasalhado pela sombra de innumerar arvores fructiferas entre as quaes sobresaem as mangueiras seculares. Os habitantes de Corumbá já se habituaram a procurar o Urucum, tanto para os passeios dominigueiros, como para a estadia dos mezes mais quentes do anno, momento em que a velha fazenda é um dos sitios mais agradaveis do Estado. Acresce que, dada a fartura de aguas limpidas e correntes, tem-se sempre no Urucum um bom banho, tanto em banheiro expressamente preparado, como em uma piscina, um tanto primitiva, mas, utilissima nos momentos de calor.

As aguas do Urucum são medicinaes. Não são poucos os soffredores de rim e figado que para lá têm ido e voltam curados. Descem as aguas do morro, onde se encontra a maior quantidade de manganez. Em exame summario procedido nas mesmas encontrou-se, alem do ferro o enxofre. As fontes de aguas mineraes em Matto-Grosso são muitas e algumas d'ellas já têm sua frequencia entre a propria gente do Estado. E' pena que os poderes publicos não levem a serio tanta riqueza.

Urucum possui outra riqueza — a sua terra. Poucas vezes temos visto verdura tão boa e tão florescente como a que alli vimos. E a fructa não fica atraz, mantendo os irmãos Carcano um pomar de primeira ordem.

Corumbá possui também clubs modernos, entre os quaes sobresaem o Corumbaense e o Riachuelo. Aquelle possui uma sede social digna de figurar na capital da republica. Tem o Corumbaense campos de desportos e uma piscina nas bordas do rio Paraguay. E é conveniente que se saiba que o rio Paraguay tem uma particularidade perigosa : é um dos rios do mundo que agasalha o maior numero de piranhas. Ninguem desconhece que a piranha é um peixe voracissimo. Um cardume de piranhas não é para brincadeiras, devora um boi em menos de 10 minutos.

A cidade de Corumbá tem também boas escolas e gymnasios de primeira ordem, constando-nos ser obri-gatoria no municipio a instrucção primaria.

Alem da navegação para Cuiabá, capital do Estado, Corumbá mantém navegação para Caceres, Porto Esperança, como já vimos, e, principalmente, para o Paraguay e Uruguay. Fazem esta linha os vapores da companhia argentina Mianovich e o Lloyd Brasileiro. A companhia estrangeira possui excellentes embarcações, viajando para Corumbá ora o "Ciudad de Concepcion" ora o "Ciudad de Assumpcion". O Lloyd mantém 3 vapores : "Uruguay", "Argentina" e "Paraguay". Os vapores da companhia nacional foram construidos expressamente para a carreira e nada deixam a desejar, ao contrario do que acontece com o serviço costeiro. Tanto os vapores de uma companhia como de outra tocam nos seguintes portos : Porto Esperança, Porto Murтинho, Rosario de Santa Fé, na Argentina, Assumpção e Montevideu. E' por causa d'essa situa-

ção privilegiada que Corumbá possui entre as outras cidades de Matto-Grosso a maior somma de vantagens para se tornar em futuro proximo o marco mais oriental da nossa brasilidade. A proposito de tal situação muitos publicistas já têm insistido pela necessidade da criação do porto franco na cidade brasileira. A significação e o alcance da medida seriam immensas: emprestava-se ao visinho boliviano um porto de sahida para os seus productos, verdadeiro pulmão para a asphyxia em que se encontra aquelle paiz, sem um porto aparelhado no rio Paraguay. Concorreria a medida tambem para desviar muito o interesse dos nossos vizinhos de outras nações, de quem até agora são subsidiarios por causa da nossa incuria.

O descuido dos governantes com Corumbá tem sido grande. Basta dizer que os 2% ouro, arrecadados com grande sacrificio do commercio da cidade para serem empregados na construcção do caes do porto, até agora deram em resultado (depois de muita queixa por parte dos interessados) permanecer ultimamente uma problematica commissão de estudos no local e que irá, a pouco e pouco consumindo o dinheiro destinado a obra de tanto vulto. Assim cuidava o governo federal dos interesses de alguns Estados, quando não podiam impor o que desejavam. O interesse tomado recentemente pelo governo central parece que vae trazer grandes beneficios a Corumbá. Já estão iniciados os estudos para o prolongamento da Noroeste e as minas do Urucum parece que vão ser realmente exploradas. Outra prova do descuido com que se tratava o Estado era o esqueci-



Dourados, lugar historico no rio Cuiabá.

(Photo Rezende Rubim).



A queda do Rio da Casca cuja energia é aproveitada para accionar a Usina Geradora de electricidade para Cuiabá.

(Photo Rezende Rubim).



Borôro com sua preza, depois da caçada.

(Photo Rezende Rubim).

mento em que ficara o prolongamento da Noroeste do Brasil. (1). E levar os trilhos á bella cidade do rio Paraguay, não é beneficio somente para o logar, antes de tudo representa um gesto politico de grande alcance; dia virá que comprehendemos melhor a significação de Corumbá, como chave do hinterland brasileiro, justamente no ponto mais fragil das nossas fronteiras. Incontestavelmente, está em Corumbá o nó gordio da nossa politica continental. Esse caminho que anda e que penetra no coração da patria, indo beijar, depois de percurso quasi todo navegavel, os mananciaes da maior bacia potamographica do mundo — a do Amazonas — é elle, é o rio Paraguay, que parece attrahir as vistas dos povos de lingua hespanhola, dadas as riquezas latentes das terras banhadas pelas suas aguas, sendo como é o prolongamento natural do rio da Prata. E nem foi outra a opinião dos hespanhoes ao tempo das colonias americanas; sempre consideraram elles essa parte do Brasil de oeste como uma parte das suas possessões que os portuguezes apprehenderam. Os nossos maiores defenderam essa parte do Brasil com tanto carinho como o proprio littoral. Ao norte installaram o forte Principe da Beira e o Macapá; ao sul fixaram Coimbra e lançaram as bases de Corumbá. Sirva-nos a guerra do Chaco ao menos como aviso. Será que aquellas terras, tão malsinadas, sejam motivo de discordia tão seria? Preferimos acreditar que anda em tudo

(1) Cogita-se seriamente agora do prolongamento da Noroeste; a palavra do illustre titular da Viação nesse sentido é decisiva. Que Deus conserve ao actual governo com os seus propositos de brasilidade que vem tendo e o dinamismo sadio de que dá provas a todo o momento.

isso um interesse occulto. E, não erramos muito ao affirmar que, desde o baixo rio Paraguay até o Guaporé, deve haver muito petroleo. As lagoas salgadas do Pantanal são um dos indicios.

A importancia de Corumbá já era entrevista pelo saudoso Barão do Rio Branco. Dizia elle que “Corumbá era uma cidade brasileira, em territorio boliviano e capital do Paraguay”...

São 3 os nucleos que condensam a população do Estado de Matto-Grosso: Cuiabá, Corumbá e Campo Grande. Cuiabá, como capital cheia de tradições, conserva todo o elemento do norte e envia para o sul o excedente, concorrendo assim para que as outras partes do Estado conservem o espirito de cohesão. E' essa parcella da população sulina que tem luctado pela união sagrada, quando d'aquellas bandas surge, explorado por politicos regionaes, o problema do separatismo entre norte e sul. Campo Grande é o centro de união do povo do sul e traduz em toda a sua inquietação os seus anceios de grandeza. O propalado movimento separatista alli não é mais que o despeito politico de alguns e a ingenuidade de muitos. Corumbá, como acabamos de ver é, antes de ser uma cidade matogrossense, uma cidade brasileira. Lá não existe o espirito regional das cidades pequenas do nosso sertão; o corumbaense como que entrevê o grandioso futuro de sua bella cidade natal dentro da communhão da patria brasileira... Enfim, Corumbá é uma cidade que prende qualquer espirito de observador. E um

poeta corumbaense exprimiu bem o que merece a “Princesa do Paraguay”, quando cantou a “Lenda Borôro”:

“Deus atirou no espaço um punhado de estrellas...
Uma cahiu a terra. Outras, tardam ainda...
A que desceu, por certo, a mais luzente d’ellas,
Veio e se transformou numa cidade linda ;
Desceu, porque do alto, o Paraguay parece
neste ponto uma joia : escreve em prata um S
que a estrella imaginara, um prendedor ideal,
ligando á serrania o immenso Pantanal ;
E como a muita estrella o ceu azul não baste
cahiu, como um brilhante á procura do engaste.

.....
.....
.....
E Corumbá surgiu por sobre a terra branca,
na alegria sem par, do gentil casario,
— entre o verde dos montes — no alto da barranca,
debruçada, a sorrir para o espelho do rio...”

CAPITULO III

A festa joanina em Corumbá

Há uma festa em Matto-Grosso com muito sabor regional : é a festa de São João. Em quasi todo o Estado festeja-se o santo com entusiasmo, mas, em nenhuma parte com tanta vibração como em Corumbá.

Muito antes de chegar o mez de Junho já o povo começa a se agitar. Em todas as casas as moças preparam os seus vestidos de baile e em algumas os preparativos são mais significativos. E' que, nestas ultimas, arranjam os andores do venerado santo e ultimam-se os retoques para a recepção dos convidados do grande dia.

A noite da vespera do dia de S. João é o momento da festa. Ao cahir da noite a cidade fica avermelhada, aqui e alli, pelas fogueiras caracteristicas. E o estrondo dos fogos não cessa um instante. A' meia-noite, precisamente, os caminhos que vão ter ao rio enchem-se de gente. E a agglomeração é das mais festivas, esperando o momento da descida dos originaes cortejos que levarão o santo ás aguas do rio.

A parte original da festa é justamente essa : levar S. João em charola, ao som de canticos allusivos á festa e mergulha-lo com todo o respeito nas aguas corren-

tes do rio Paraguay. Baptisa-se, pois, o santo ao clarão suave do bello luar de Junho e empresta-se um symbolismo especial ao facto porque o Baptista é tido como protector das moças casadoiras. O cortejo vae e volta do rio acompanhado pelos fiéis e recolhe-se ao logar de onde partiu. E, como são innumerous os cortejos as rampas de descida para o rio ficam tomadas pela interminavel fila de foliões entusiastas. A população da cidade divide-se em duas partes: uma que acompanha os cortejos e outra que se queda á margem do caminho, esperando a passagem dos primeiros. Tanto uns como outros munem-se de fogos, bombas e buscapés que queimam de vez em quando para dar maior destaque e movimento aos festejos. E os gracejos trocados entre espectadores e os que acompanham o santo do dia concorrem para a alegria geral.

O cortejo constitue-se em procissão originalissima. A' frente vem o santo, em andor carregado pelas moças, seguindo atraz a musica e o grosso dos acompanhantes. Tudo caminha ao som de uma melopéa, monotona nos ritmos porem colorida e expressiva. O São João de Corumbá faz apparecer toda a especie de musica; surgem as de corda e as de pancadaria e os arranjos, ás vezes, são curiosissimos, ajudados pelo côro de vozes humanas dos cantores que acompanham os cortejos.

A letra do cantico não é das mais perfeitas mas já está consagrada pela tradição. E são as moças as que imprimem maior alegria aos festejos. Vão ellas puxando o prestito, cantando contentes os velhos versinhos;

Deus te salve, João,
Baptista sagrado ;
No anno que vem
Quero estar casado.

E respondem os moços, immediatamente :

Si São João soubesse
Que hoje era seu dia,
Descia lá do céu,
Entrava na folia...

E o grupo passa entre a multidão apinhada que o saúda aos gritos de "Viva São João", lançando aos ares bombas e fogos de artifício. Nesse momento a algazarra é geral, principalmente quando os dois cortejos se defrontam. Então, manda a praxe que as duas imagens troquem cumprimentos ; os que carregam o andor flectem os joelhos como se quizessem ajoelhar e logo depois entram a voltear em torno um do outro, ao som dos canticos. Em tal instante tudo se nivela ; não há cortejo pobre ou rico. Todas as classes levam a sua imagem ao rio e todas, desde a mais modesta até a mais sumptuosa, recebem dos fiéis as homenagens a que têm direito. A alegria é communicativa e as familias que organisam os prestitos dão em seguida bailes que se prolongam até a manhã do dia seguinte.

Não sabemos de onde vem tal tradição, vista depois em outros logares do Estado, inda que com menor expressão ; o que podemos affirmar é que, encantadora como é, não deve desaparecer dos habitos da hospitaleira cidade mattogrossense.

CAPITULO IV

A viagem Corumbá-Cuiabá

A viagem de Corumbá a Cuiabá, hoje já servida por um hydro-aeroplano da Companhia Condor, que faz o trajecto em 4 horas, levando 7 passageiros, é mais interessante sendo feita nas lanchas da carreira e que, em tempos de vasante do rio S. Lourenço e Cuiabá, demora muitas vezes uma semana.

As lanchas offerecem certo conforto e quem não está apressado deve se servir d'ellas para melhor observar o trajecto. São 150 leguas a percorrer, subindo o rio Paraguay, parte do S. Lourenço e do Cuiabá.

Inicia-se a viagem na zona movel do pantanal, ponteadado pelo bloco calcareo onde assenta Corumbá. O rio Paraguay nesse logar espraia-se, invade as terras fronteiras á cidade, ilhando macissos vegetaes, fazendo multiplas torsões que emprestam encanto *sui-generis* á paysagem. De Corumbá até Castello o pantanal domina. Prolonga-se a oeste até as terras altas da Bolivia e a leste até proximo de Miranda. As suas terras fertes, que dizem possuir petroleo, constituem hoje as melhores fazendas do municipio de Corumbá, na região denominada por Nhecolandia. As ditas fazendas

têm grande criação de gado seleccionado e grandes xarqueadas.

De Castello vae-se a Novos Dourados e Dourados e são 31 leguas por agua, porque o rio dá muitas voltas. Logo em seguida a região muda de aspecto ; alteia-se, assumindo volume maior em Amolar.

Foi em Dourados que se deu o celebre combate com os paraguayos e a columna commandada pelo coronel Antonio Maria Coelho. Os invasores subiram o rio á caça dos brasileiros sendo completamente derrotados.

A viagem, a seguir, assignala-se por diversos logarejos : Limoeiro, Sará, Alegre, Bôa-Vista, S. José e Porto Joffre. Este ultimo porto já é no rio S. Lourenço, sendo fazenda de criação de gado pertencente a um dos Costa Marques. E' pouso obrigatorio do aeroplano que faz a viagem a Cuiabá, parando tanto na ida como na volta para tomar gazolina. A vista da fazenda é muito bonita, vendo-se bôas casas de moradia, entre as quaes sobresaê a residencia dos proprietarios que é um *chalet* de aspecto imponente. Tanto em Porto Joffre como em S. João, localidade mais acima e que pertence a outro Costa Marques, têm vindo diversos amantes de caçadas á procura de sensações novas com a perseguição á onça, assidua na região.

Até Joffre a viagem é monotona e os estirões não são muito grandes, sendo a embarcação obrigada constantemente a dar voltas. As praias surgem a todo o momento cobertas de jacarés. Realmente, o jacaré é a figura obrigatoria de toda a viagem. Encontra-se

desde o filhote até o individuo adulto e muitas vezes torna-se o alvo de todos os atiradores que viajam, o que occasiona o mau cheiro insuportavel para as outras embarcações que vêm atraz e que encontram os cadaveres a boiar ao sabor da corrente. A fauna é riquissima em toda a região percorrida e a percorrer e a multidão de passaros canoros e de aves aquaticas é incalculavel.

Um incidente commum para quem viaja é o encontro com os afamados caçadores de capivaras. O encontro quasi sempre é á noite : fazem elles as suas fogueiras á espera das embarcações compradoras que sobem e descem constantemente o rio. O commercio é feito com o couro, muito procurado nos EE. UU.

A capivara parece-se muito com o porco. Os pés, entretanto, têm os dedos ligados por uma membrana, facilitando dest'arte ao animal o acto de nadar. Vive ella aos bandos nas margens dos rios ou nas proximidades de agua. Tem a cabeça comprida, focinho fino, orelhas pequenas e redondas, olhos salientes. As pernas são curtas e fortes.

Alimenta-se a capivara de vegetaes e o seu nome já o indica : *capi-guara*, em guarany quer dizer comedor de capim.

A capivara já foi encontrada em aguas salgadas por Darwin, na foz do rio da Prata. E' animal de muito folego, dando mergulhos de meia hora, quando perseguido. Nestes momentos lança um grito lancinante, muito differente do seu grunhido habitual. Nas regiões em que não é perseguida amansa, chegando a vir comer na mão.

A especie é polygama : um macho cuida geralmente de 2 ou 3 femeas, que produzem em Setembro de 3 a 5 filhotes. O animal chega a adulto em 3 annos. Em Setembro, periodo da reproducção, os machos ficam com um cheiro forte devido a uma glandula que se desenvolve na linha mediana, entre os olhos e o nariz. Essa glandula secreta um liquido esbranquiçado e leitoso.

O maior inimigo da capivara é a onça e começou a ser ella dizimada pelo homem porque atacava as roças, devastando milharaes, arrozaes e cannaviaes. Depois, de pouco tempo para cá, é que appareceu um americano do norte que teve a idéa de enviar o couro para a sua terra afim de ser estudado. Foi quando se verificou o valor de tal pelle para a confecção de calçados e de canos de botas de montaria.

Muito nativo aproveita a carne para uso culinario, tomando todavia certas cautelas no acto de prepara-la. Assim é, dizem elles, que a carne deve ser cozida de uma maneira especial : não deve ser posta em agua fria para depois ser levada ao fogo e sim mergulhada em agua a ferver e depois sujeita á cocção. Muita gente aprecia o sabor da sua carne e outros aproveitam somente o oleo que a mesma contem e que é usado como reconstituinte.

Hoje o commercio do couro de capivara tem enriquecido muita gente fazendo o Estado de Matto-Grosso grande exportação do artigo pelo porto de Corumbá.

Pouco alem de Porto Joffre entra-se na região estreita do rio, denominada Bananal. A embarcação tem que avançar com cuidados, nem só por causa dos baixios, como tambem porque o caminho é cheio de voltas e muito estreito. Não é raro o choque da embarcação com a margem nas curvas do rio.

O rio ahi tem um tributario, o Pequiry, e, para chegar á foz do Cuiabá faltam precisamente vinte e sete leguas.

Depois de sahir do Bananal entra-se no rio Cuiabá e logo depois alcança-se a fazenda S. João, propriedade do Dr. Oscar da Costa Marques, local de que já falamos acima. S. João é uma fazenda de recursos, possuindo boas casas de moradia e excellentes campos de pastagens. Em tempos lá estacionou uma estação radio-telegraphica que prestava grandes favores ao commercio regional. O governo federal resolveu transferi-la para o garimpo de Poxoreu, onde realmente presta muito serviço e tem dado melhores resultados ao thesouro. Não negamos que em S. João a estação não dêsse resultados pecuniarios ao governo e nem tampouco a necessidade que tinha Poxoreu de um serviço telegraphico, o que admiramos é o processo usado: *despir um santo para vestir outro.*

De Bananal para cima as habitações já começam a apparecer com mais frequencia e a viagem torna-se menos monotona. Passa-se, successivamente, por Ichú, S. Miguel, Furado, S. Pedro, Cercado, S. Antonio da Barra e entra-se nos afamados estreitos de Uacurutuba. São a reproducção, com aggravantes, do já conhecido

Bananal. Aqui a navegação é mais difficil. Sob o ponto de vista paysagistico é encantadora a passagem. Não se cança a vista de apreciar as arvores debruçadas sobre o rio e as curvas com seus effeitos de luz, que assumem as mais diversas tonalidades conforme a hora do dia. Pela manhã e á noite, principalmente ao por do sol o espectaculo é feerico.

Sahindo de Uacurutuba começam a apparecer as usinas. Os cannaviaes prolongam-se então nas barrancas e, de vez em quando, surge uma chaminé. A primeira usina que se encontra é Flexas, propriedade dos Ponce de Arruda e que ultimamente está em franco progresso. A viagem é logo em seguida alegrada com a chegada a Melgaço. Foi ahi que Leverger, Barão de Melgaço, esperou com um contingente de cuiabanos o propalado ataque dos paraguayos. Estes não se aventuraram a tanto, depois da derrota que soffreram em Dourados.

Em toda essa beira de rio, assim que começam a apparecer as usinas e as habitações de certa importancia, conseguem-se com alguma facilidade fructas e uma rapadura excellente, feita com leite.

Em seguida a Melgaço succedem-se os portos com certa frequencia: Sta. Maria, Tamandaré, Itaicy, S. Miguel, S. Sebastião, Praia do Poço, Maravilha, Santo Antonio.

Tamandaré, usina afamada pelo typo de aguardente que fabrica, pertence ao Snr. Miguel Angelo de Oliveira Pinto. Tem a producção annual de milhares de litros de alcool, e de aguardente procuradissima.

Aliás, hoje quasi todo o viciado o que bebe é o proprio alcool desdobrado, isto é, diluido em alguma porção de agua. Tamandaré em Matto-Grosso, principalmente na região norte do Estado, é synonymo de *pinga* ou aguar-dente.

Itaicy é outra usina afamada. E' a mais bem mon-tada de todo o rio Cuiabá, tendo entretanto o defei-to de possuir pouca terra para o plantio da canna. So-mente a chaminé desta usina, construida nos tempos em que o dinheiro era facil, custou setenta contos. A installação toda vale mais de mil contos de reis. Con-tam em Cuiabá que essa usina foi arrematada, devido a um arranjo, por dez contos de reis... A producção de Itaicy, actualmente pertencente ao Snr. Joaquim Corsino, é inferior a de Tamandaré.

Aricá é outra usina de tradicções. Pertenceu em tempos passados á familia Fontes, cujo chefe era a Snra. Da. Maria Fontes, espirito de organização energico. Da. Maria Fontes, ao tempo em que o Estado soffria os permanentes abalos politicos, terminados quasi sem-pre em derramamento de sangue, agia como homem, tendo ido diversas vezes entender-se com os presidentes da Republica, que lhe davam toda a attenção. Hoje Aricá passou a outras mãos, não tendo mais a impor-tancia de antigamente.

Maravilha, a outra usina a seguir, pertence ao Snr. Palmyro Paes de Barros. E' a que mais produz em todo o rio abaixo. O Snr. Palmyro Paes pertence a uma fa-milia que tem participado de todos os acontecimentos politicos importantes do Estado. Elle proprio é um

apaixonado pela politica e a sua actuação tem-lhe valido muito prestigio no municipio de Santo Antonio e no de Cuiabá.

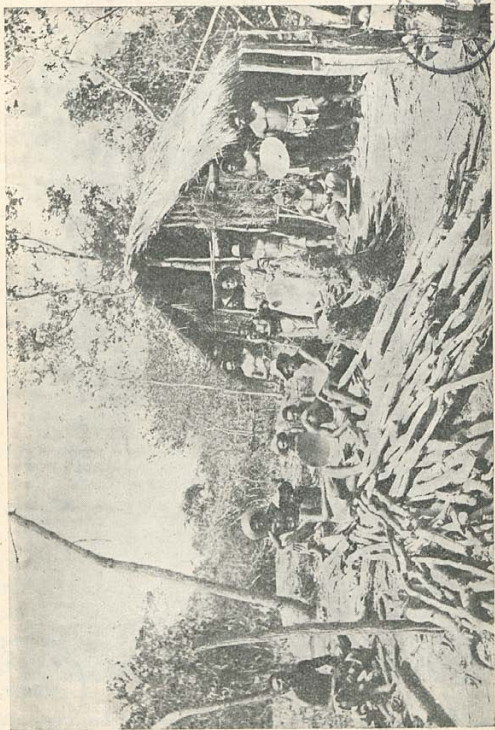
Santo Antonio é a séde do municipio do mesmo nome. Não é local muito adiantado, porem, muito pitoresco. De Santo Antonio a Cuiabá, por terra, são oito leguas em bôa estrada. Por agua, as voltas que o rio dá retardam a chegada, que muitas vezes dura uma semana. Santo Antonio é um municipio importante, pois, em seus limites estão quasi todas as usinas do Estado. Permitta-se-nos, fazendo um parenthesis, falar um pouco sobre a vida nas usinas. São afamadas : contam-se coisas tetricas alli succedidas. E' assim que, em tempos passados, qualquer individuo que prodesse mal na capital ou em outra cidade era recambiado para uma usina, cujo proprietario tivesse fama de energia. E os proprietarios de então eram senhores de baração e cutello em suas terras e cercanias.

A vida alli era simples. Pela manhã formavam os trabalhadores em frente ao capataz e era distribuida a *pinga*, tanto a homens como a mulheres e crianças. Logo depois iniciava-se o trabalho, orientado pelo administrador ou capataz, homem de confiança do proprietario. A qualquer negação do trabalhador, a qualquer palavra mal interpretada, a qualquer trabalho desageitado, o responsavel ia para o tronco. Este era o que o seu nome está indicando : um tronco resistente, onde a victima, manietada, seria chicoteada. Muitas vezes não resistia a creatura aos castigos recebidos e morria no acto da sua applicação. Criou-se por esse



Fundo de um verdadeiro precipício com a profundidade de vinte e tantos metros e onde os garimpeiros ainda curam ouro.

(Photo Rezende Rubim).



Acampamento garimpeiro proximo a Cuiabá.
(Photo Rezende Rubim).

processo uma população de párias, cuja mentalidade inda mais degradada ficava com o regimem obrigatorio da aguardante fornecida diariamente e em jejum e com a alimentação deficiente dada aos infelizes. Tal regimem não havia terminado ha mais tempo porque prestava inestimaveis serviços á politica de então. Qualquer chefe aproveitava-se da situação para perseguir os adversarios, mandando levas e levas de infelizes apanhados á força e que embarcavam á noite para as malditas usinas.

Muita coisa o povo phantasia, mas, o que é verdade é que, inda hoje, encontram-se vestigios d'esses tempos em certos infelizes encontrados por todo o Estado e que tiveram a sua libertação no dia da chegada do primeiro interventor revolucionario, o Cel. Antonino Menna Gonçalves. Sei de uma victima, uma mulher, actualmente soffrendo de tuberculose pulmonar por causa de maus tratos recebidos em uma das taes usinas. Conta ella que de uma feita tendo passado a ferro uma roupa do patrão, este achou que o serviço estava mal feito, por causa da insistencia da patrôa, conhecida como impiedosa. Por essa razão foi a infeliz para o tronco, onde soffreu tantos açoites que desfalleceu. D'ahi surgiu sua molestia actual.

O Cel. Antonino ao chegar a Cuiabá soube de todas essas cousas e resolveu extirpar de uma vez com tal habito. Não se pode negar que o brioso militar foi orientado pelo bom caminho; o que desvirtuou a sua attitude foi a politica local que aproveitou o momento para

incutir no animo do interventor prevenções contra determinadas pessoas. O proprio Antonino procurou muitas vezes corrigir os excessos, demonstrando assim a sua bôa fé. Em todo o caso muita coisa ficou e hoje as usinas já não são o que eram.

De Santo Antonio, como dissemos acima, são oito leguas por terra e existe um serviço diario de omnibus que faz a viagem em tres horas. Quando as lanchas começam a encalhar, o que acontece muitas vezes muito abaixo, em Bananal, todos os passageiros saltam em Aricá, em frente á usina a que já nos referimos, pondo as companhias de navegação á disposição dos passageiros omnibus nesse ultimo logar. No tempo da secca muita gente salta em Santo Antonio para abreviar a viagem.

No tempo das aguas o percurso de Santo Antonio para Cuiabá é feito em horas; no tempo da secca demora dias e o guincho de bordo trabalha dia e noite, firmado o cabo ás arvores da margem para que a embarcação possa avançar um pouco. Os baixios são muitos e serios.

A chegada á capital do Estado de Matto Grosso é curiosa. O rio Cuiabá alli faz uma larga volta e as suas margens debruçam a vegetação cuidada das chacaras no espelho do rio. A cidade é ainda de cunho accentuadamente colonial e o porto é o que Deus lhe deu. Salta-se numa rampa inclinada e que ladeia o bello jardim do porto, feito nas bordas do rio, aproveitando um paredão de sustentação de certa altura

que margina uma porção do rio Cuiabá. Do outro lado d'esse jardim há uma outra rampa que serve para o trafego de vehiculos de carga.

Em face d'essa ultima rampa sae uma avenida de aspecto todo moderno e com edificações bem cuidadas.

CAPITULO V

Cuiabá

Cuiabá, a cidade verde cantada nos versos de D. Aquino Correa, é uma das ultimas demarcações das bandeiras. Tál como Ouro Preto em Minas, deveria ser erigida em monumento nacional. A parte velha da cidade, em a qual cada pedra guarda uma saudade e um symbolo, vive nas suas vias tortuosas e ingremes como tradição imperecível dos Pires de Campos, Paschoal Moreira Cabral e outros das bandeiras vindas de S. Paulo. A cada passo surge uma lembrança, um motivo de recordação. A cidade do ouro, onde, inda hoje, depois das enxurradas, o nobre metal amarello é encontrado nas sargetas, está, entretanto, garridamente ataviada a cada passo pelo urbanismo moderno, que se entremostra qual joia engastada no arabesco da ourivesaria antiga.

Cuiabá é a cidade mais interessante do Estado. Clima ameno e saudavel, sociedade cujo valor cultural já é reconhecido em todo o Brasil; Cuiabá guarda zelosamente os descendentes do povo varonil que fez a grandeza de S. Paulo.

Para lá chegar, vindo do littoral, sobe-se o Paraguay parte do S. Lourenço e do rio Cuiabá.

Logo á primeira vista a cidade demonstra que é bi-centenaria. O porto, bordado de construcções coloniaes, ainda guarda o cunho emprestado pelos portuguezes ao antigo pouso dos faiscaadores de ouro.

A primeira capital do Estado não foi Cuiabá ; foi Villa-Bella, no rio Guaporé, escolhida por capricho de um capitão-general. E tudo partiu do interesse que Portugal demonstrava pelo ouro. Foi assim que o Marquez de Pombal, já conhecedor da ligação potamica das duas bacias — a do Prata e do Amazonas — e querendo defender os terrenos auriferos de Matto-Grosso, de um lado erigiu a fortaleza de Macapá e do outro o forte Principe da Beira, este nas barrancas do Guaporé. Entretanto, acharam os governantes portuguezes que o trabalho feito não bastava e por isso chegou a Cuiabá a 12 de Janeiro de 1751, o capitão de infantaria D. Antonio Rolim de Moura Tavares, o que chegou a ser vice-rei do Brasil quando conde de Azambuja. Foi Rolim de Moura que, depois de procurar com afinco um logar para a séde da futura cidade, erradamente escolheu o sitio denominado Pouso-Alegre, logar alagadiço, á margem do rio Guaporé. Foi então lavrado o auto da fundação da “Villa Bella da Santissima Trindade de Matto-Grosso”, a 19 de Março de 1752.

Muitas localidades disputaram a séde da capital, mas a teimosia do portuguez foi invencivel. Entre taes localidades estava Cuiabá, que apesar de não atten-

dida, mesmo depois da fundação de Villa-Bella, entrou a progredir assustadoramente, dado o seu clima secco e salubre e principalmente ao trabalho intenso de cata ao ouro no seu e no chão visinho.

Villa-Bella nunca pôde progredir, mesmo com o auxilio official ; as inundações do Guaporé eram o menor entrave. Conta Castelnau de enfermidades terribes reinando no logar, entre as quaes uma denominada *maculo*, e que ainda hoje devasta os habitantes da região, que lhe deram o nome de *correição*. E Castelnau não phantasiou, pois, até hoje, o tratamento usado é o mesmo ou quasi o mesmo citado pelo celebre escriptor : polvora, limão, herva de bicho, aguardente, môlho de pimenta. Muitas vezes mudam o môlho de pimenta pelo *pucumam*, fuligem das chaminés, caustico tremendo por causa da potassa que contem.

Todas essas mazellas concorreram para a decadencia da novel capital, que já estava sendo sobrepujada por Cuiabá. E isso concorreu para que a "Cidade Verde" fosse elevada á categoria de villa e de cidade, sendo esta ultima distincção conferida a 17 de Setembro de 1818. Dois annos depois, em 1820, foi transferida definitivamente a capital para Cuiabá, onde se conserva até hoje. Cuiabá guarda pois muitas reservas de brasilidade, que em tempos idos souberam conservar integro o nosso territorio contra as incursões do castelhano. Foi devido á fibra d'esses nossos antepassados que o Brasil pôde conservar a sua grandeza territorial de oeste, até hoje sem solução de continuidade.

Cuiabá foi elevada á villa em 1.º de Janeiro de 1727, por ordem do governo portuguez e effectivada pelo capitão general Rodrigo Cesar de Menezes, então governador de S. Paulo. “Foram as minas descobertas em 1722 pelo sorocabano Miguel Sutil, e situadas na paragem á qual os antigos sertanistas deram o nome de “Tanque do Arnesto” que determinaram o povoamento das terras vizinhas da collina do Rosario. A fartura d’essa *mancha* explica o arraial que *no mesmo sitio, todo coberto de matto cerrado e grandiosos arvoredos*, na phrase do chronista Barbosa de Sá, cinco annos depois de começado já possuia duas igrejas, tres ruas mal alinhadas e cerca de tres mil habitantes”. (Estevam de Mendonça).

Cuiabá foi fundada em 1719. O arraial, foi, por interesse do fisco portuguez, elevado á categoria de villa em 1727, como dissemos acima.

“Reunidos os bandeirantes da turma de Paschoal Moreira Cabral, resolveram enviar a S. Paulo o capitão Antonio Antunes Maciel, não somente com o fim de participar ao governador de S. Paulo, D. Pedro de Almeida Portugal, o descobrimento das minas do arraial de N. S. da Penha de França, como tambem da aclamação de Moreira Cabral para guarda-mór das referidas minas” (Datas Mattogrossenses de Estevam de Mendonça).

A primeira monção a penetrar a região de Cuiabá foi a de Pires de Campos, em busca de indios a prear, isto no começo do seculo 18. E, realmente, aprisionou alguns Coxiponés. Esta monção, por acaso, topou com

a de Paschoal Moreira Cabral, a quem industriou para obter o mesmo resultado. “No mez de Outubro d’este anno (1722) fez Miguel Sutil, natural da villa de Sorocaba, viagem para sua roça, que havia principiado á beira do Cuiabá... Chegado a este logar a proseguir os fins da sua plantação, mandou no seguinte dia dois indios ao mél, com os preparativos necessarios, que eram machados e cabaças; passado o dia chegaram ao rancho alta noite sem mél algum os dois enviados, contra os quaes, enfurecido, o amo os reprehendeu asperamente por haverem gasto o dia todo sem montaria, a cujas vozes respondeu o mais ladino: Vós vies-tes a buscar ouro ou a buscar mel? e perguntando-lhe o amo se tinha achado ouro, meteu o indio a mão ao seio de um jaleco de baeta que tinha vestido cingido com um cinto por cima e tirou um embrulho de folhas do matto e o meteu nas mãos do amo; abrindo este as folhas achou 23 granetes de ouro, que todos pesaram 120 oitavas, dizendo o indio que achara muito d’aquillo. Naquella noite não dormiram o Sutil e um camarada europeu, chamado João Francisco, por alcunha o Barbado, considerando-se mimosos da fortuna e livres das pensões da pobreza. Apenas raiava a luz do dia quando já o Sutil, camarada e indios que comsigo tinha, estavam postos a caminho seguindo o famoso meleiro, que tão boas colmeias tinha achado.

Guiados por elle chegaram ao logar onde se acha hoje esta villa (Cuiabá), que era todo coberto de matto cerrado e grandiosos arvoredos, no que é hoje chamado “Tanque do Arnesto”, sitio da capella de N. S. do

Rosario, mostrou o índio o seu invento, onde logo foram vendo ouro sobre a terra, apanhando-o ás mãos sem cavar. Recolheram-se pela tarde aos seus ranchos, e Sutil com meia arroba de ouro, a maior parte d'elle cavado em seixos, e o camarada João Francisco Barba-do com duzentas e oitenta oitavas, por ser só e não ter quem o ajudasse." (Barbosa de Sá).

Cuiabá teve primitivamente o nome de Villa Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá e o arraial foi aos poucos sendo habitado pelos garimpeiros vindos do Coxipó, rio affluente do Cuiabá, e onde os paulistas encontraram os primeiros signaes auriferos. Cuiabá dista mais de 500 leguas de S. Paulo. O estabelecimento primitivo na cidade foi devido ao encontro da maior *mancha* de ouro até hoje achada no Brasil, a meia encosta do morro do Rosario, onde hoje está edificada a igreja de S. Benedicto. Tal *mancha* recebeu o nome de lavra do Sutil, por causa de haver sido encontrada pelo mesmo, como relatamos acima. Os primeiros povoadores da cidade vieram de S. Gonçalo Velho.

As primeiras habitações da cidade localisaram-se no correjo da Prainha, hoje quasi secco e que é a vertente de duas elevações da cidade actual. Uma das elevações, a mais suave e prolongada, vae do correjo até as alturas do bairro do Bosque, o mais alto ponto da cidade; a outra é um morro logo atraz da dita Prainha, onde hoje fica a sub-estação do serviço de luz, e que se prolonga do lado opposto com os bairros chamados Caridade e Areião.

Os primeiros habitantes ficaram na Prainha, o lugar mais baixo da cidade, porque alli o ouro era mais facil de ser encontrado, assim como a aguada estava á porta. Nesse tempo o corrego da Prainha, hoje um filete d'agua sem importancia, era navegavel por pequenas embarcações.

Aos poucos o arraiál foi se estendendo e hoje a cidade, do Bahú ao Porto Geral tem mais de meia legua com 15.825 habitantes e 3.371 predios.

A construcção foi obedecendo aos obstaculos encontrados no terreno e hoje está edificada em altos e baixos com os caprichos que tal topographia pode oferecer. Apesar d'isso a situação em que se encontra Cuiabá, sendo francamente pittoresca, empresta ao conjunto um aspecto interessante e agradável. Ultimamente, do governo Mario Corrêa para cá, tem sido remodelada, obedecendo, entretanto, ao criterio de respeitar o que já é uma tradição e um habito. Aliás, Cuiabá é uma das cidades do Brasil onde se conserva com orgulho o espirito regional. Em tempos, devido ao elemento de fora ser sempre ou quasi sempre nocivo, criou-se alli uma denominação pejorativa para o filho de outros Estados. Chamavam-no de *páo-rodado*. Presentemente já desapareceu em parte tal prevenção.

Explicava-se tal estado de espirito dos habitantes do logar. Cuiabá, isolada como ficou por muito tempo, quasi sem communicações e intercambio, habituara-se a viver com os seus prorprios recursos e encarava o que chegava como um elemento que viria perturbar-lhe sua vida patriarchal. E a verdade é que os cuiabanos

quasi sempre tinham razão. Muitos foram os filhos de outras terras que não souberam corresponder á fidalguia com que foram recebidos. Em compensação outros houve que chegaram no grande Estado central a occupar posições de relevo e a influir decisivamente para o seu progresso. Entre elles está o inclito Leverger, Barão de Melgaço, francez de nascimento, e que deixou na historia de Matto-Grosso tradições impreciveis.

Cuiabá possui em suas cercanias passeios interessantissimos. Um d'elles é o de Jurú-Mirim. São 7 leguas de estrada bôa no tempo da secca e um banho agradável no rio Coxipó, em lugar pouco habitado e de aguas limpas e transparentes.

Outro lugar de passeio e muito procurado é o Coxipó da Ponte, a 10 minutos da cidade, onde veraneiam os cuiabanos. A povoação de Coxipó da Ponte fica á margem do Coxipó, quasi no seu desaguar no rio Cuiabá. As cercanias da cidade, alem d'isso, são occupadas por chacaras e sitios aprasiveis, muitos dos quaes são verdadeiras fazendas onde a vida é agradabilissima. E a propria cidade é um verdadeiro bosque de arvores fructiferas. Talvez por essa razão um poeta do Estado haja intitulado a cidade do seu nascimento de "Cidade Verde".

A capital de Matto-Grosso guarda ainda certa tranquillidade em sua vida, o que não se nota mais na maioria das cidades littoraneas. Assim é que alli a familia retém com zelo as suas tradições patriarchaes, não cedendo certas prerogativas.

A cidade é dividida pelo rio que tem o mesmo nome. De um lado ficam o 1.º e o 2.º districto, comprehendido aquelle pelo centro urbano e este ultimo pelo porto. Do outro lado do rio está o 3.º districto, que se prolonga até o lugar denominado Vargem-Grande, arraiál muito pittoresco e procurado para passeios. De um lado para o outro do rio faz-se a communicacão por meio de uma barca-pendulo, de propriedade particular. Todas as margens do rio são occupadas por chacaras e uma parte denominada 3.º, por ahi haver permanecido durante algum tempo um 3.º regimento do Exercito, é occupada actualmente por gente pobre que lá organisou suas chacaras e vae vivendo com certa folga. Eis porque em Cuiabá a pobreza se mantem com certo conforto e não pode se queixar dos tempos difficeis. Accresce que na cidade a vida mantem-se relativamente modica, podendo viver todos que queiram trabalhar um pouco. Aliás, ultimamente a procura do operario era intensa : todos os trabalhadores haviam sido desviados para os garimpos proximos do centro, onde um trabalhador diligente pode tirar em um dia o equivalente em ouro de 4 ou 5 dias de trabalho em outros mistéres.

* * *

Uma coisa interessante de Cuiabá e que chama logo a attenção de quem chega é a antiguidade dos nomes das ruas, ainda com o sabor colonial. Rua de Cima, Rua de Baixo, Rua do Meio ; Becco Sujo, Becco Quen-

te ; Rua da Piçarra, Bairro da Bôa Morte, Bairro do Bahú, Bairro do Lava-Pés ; Cruz Preta, Areião, Mandioca, Quilombo, Rua dos Porcos, Rua da Caridade, Rua da Esperança, Bairro do Rosario, Campo d'Ourique, etc. Tudo são nomes portuguezes que ficaram, apesar de alguns *snobs* viajados e sem comprehenderem muito o que significam essas tradições, quererem mudar aquillo que o povo em sua grande maioria e sabedoria teima em continuar a chamar pelos mesmos nomes que ouviu dos paes e dos seres queridos. E' muito commum em Cuiabá ouvir-se o seguinte dialogo :

— Sabe o Snr. dizer-me onde é a rua Pedro Celestino ?

E o interlocutor fica embasbacado até que um outro mais sabido venha tira-lo do embaraço, explicando que tal rua é a Rua de Cima.

Ao nosso ver os nomes antigos não deveriam ser mudados. Elles guardam em si muita significação e vieram de muitas gerações atraz, exprimindo o que o povo sentia. Exprimem muito mais que os nomes actuaes, politicos em sua maioria, e que mudam com os governos, sem que o habitante citadino tenha tempo de guarda-lo na memoria e estima.

Uma outra coisa curiosa em Cuiabá é o entrosamento das familias : em verdade, rara é a pessoa na terra que não esteja aparentada em toda a cidade. O isolamento a que ficou obrigada a população forçou o casamento entre parentes, criando dest'arte grandes familias no local e que tomaram a si a conservação das

tradições deixadas pelos primeiros povoadores. E foi assim que se formou o espirito regionalista.

* * *

Cuiabá possui ainda hoje, apesar de já a terem desfalcado de diversos beneficios federaes, um lyceu, uma escola de aprendizes artifices, um batalhão federal e uma Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional. O Estado mantém na capital uma excellente Escola Normal e diversos grupos escolares modelos. Possui alem d'isso uma Academia de Lettras e uma Faculdade de Direito.

Tem a capital os seguintes dados em meteorologia e astronomia :

Latitude : 15,38.

Longitude : do Rio de Janeiro : 12,50 W.

Altitude : 235 metros.

Pressão : 745,4.

Temperatura maxima : 41.º

Temperatura minima : 4.º acima.

Humidade : 74,7.

Chuva : 1.600.

Esses dados foram obtidos em cinco annos de observação, até 1930, por Morsback e o Observatorio D. Bosco, dirigido pelos padres salesianos.

Estão cuidando ultimamente na capital de conservar a bella estrada para Campo-Grande, já trafegada

hoje por um serviço regular de "jardineiras". Seria um crime deixarem se acabar as estradas de rodagem para os garimpos e para Campo-Grande. As primeiras constituem hoje a principal via economica da capital; a segunda communica Sul e Norte, concorrendo para aproximar cada vez mais os mattogrossenses.

CAPITULO VI

As touradas em Cuiabá

As tradições deixadas pelos nossos maiores vão aos poucos se extinguindo ao contacto da vida moderna. Uma d'ellas e das mais significativas por ter vindo do ambiente iberico é a tourada.

Foi diversão de reis e dos povos que habitaram Portugal e Hespanha e trazida ao Brasil pelos fidalgos luzitanos, saudosos da mãe-patria e que em tal recreação, hoje considerada barbara, procuravam reviver os momentos da alegria passada no continente de origem.

A tourada sempre foi um torneio de coragem e de dextreza e não era raro o fidalgo de raça que descia á arena para enfrentar com galhardia e em face da dama de eleição, o animal feroz que não perdoava. Cuiabá, como um dos mais antigos marcos da gente portugueza, não poderia deixar de ser um logar escolhido para passa-tempo tão procurado.

E o interessante é que, enquanto os outros pontos preferidos foram aos poucos abolindo tal costume, Cuiabá, apesar de se haver modernizado em outros aspectos, continuou a cultivar com carinho a tourada portugue-

za, emprestando-lhe as modificações curiosas do palco regional.

Uma tourada na capital do Estado de Matto-Grosso é uma festa digna de ser vista por todos os brasileiros.

Realiza-se no Campo de Ourique, praça descampada num dos altos da velha capital e que guarda, tanto na feitura como no título, o sabor colonial.

Em quadrilatero adrede preparado levantam-se os camarotes para a assistencia. Tudo é feito tosca, mas, pittorescamente. Em baixo dos camarotes há o gradeado de caibros onde a arráia-miuda concorre com o seu vozerio e o seu entusiasmo para o destaque do espectáculo. A meio campo existe uma larga entrada para o toureiro e seus auxiliares, ficando num dos angulos o "tronco", logar destinado á sahida dos bois.

Antes de começar a função o amphitheatro já está regorgitando de assistentes e a vista que se descortina é francamente soberba. Os camarotes, com as suas cobertas multicores, matizados pelas *toilettes* apuradas das damas e entremeado de galhardetes é de uma riqueza de colorido que ao fulgor do sol adquire as cambiantes mais diversas. E' quando entra em scena o toureador, acompanhado dos *capinhas* e dos *mascaras*. O toureador e o *Jacuba* são os unicos que trabalham montados, de lança á dextra. A vestimenta do toureador é curiosa: casaca vermelha com peito azul aberto em tres ordens de botões dourados, calça branca, botas e chapu com plumas. O *Jacuba* traz calça branca e blusa vermelha e por cima de tudo uma vistosa capa azul

celeste com estrellas. Traz tambem botas e o chapéu não tem plumas. O papel d'este personagem é o de cobrar as *sortes* do toureador, offerecendo-as antes áquelles que são escolhidos.

Os *capinhas* trajam a calça branca e blusa vermelha e cobrem a cabeça com o chapéu de feltro circulado de fita rubra e a aba levantada á frente. Todos elles têm na mão um bastão de madeira do qual pende um quadrado de panno vermelho.

A entrada do toureador é triumphal. Vem elle a frente, contido o seu cavallo por uma fita segura pelos *capinhas*, que trotam a seu lado. Sendo muitas vezes grande o numero de *capinhas* constitue-se o sequito do toureador em pelotão, em o qual somente o toureador e o *Jacuba* vêm montados.

Os *mascaras* são voluntarios do povo que vão mascarados e com as vestimentas mais diversas concorrer com suas palhaçadas para o divertimento da multidão. Seguem elles á retaguarda do cortejo.

O *mascara* é quasi sempre um corajoso anonymo e que sacrifica a vida em um passe infeliz.

O cortejo é recebido pela gritaria desenfreada da multidão e saudado pelo espoucar de bombas e foguetes. Faz elle galhardamente a volta da arena e recolhe-se a um dos angulos, á espera da sahida do boi. Os bois das touradas em Cuiabá não são os perigosos touros de Hespanha, todavia cumprem satisfatoriamente o seu papel, escolhidos como são entre os melhores *matungos*.

A esse tempo o boi já está no tronco, corredor preparado com paos e com abertura para a arena, sendo esta face fechada com uma porta de ratoeira. A outra face do tronco dá para o *curro*, logar em que ficam os bois. Fica uma corda presa á tal porta de ratoeira e basta levanta-la para que o boi saia para o amphitheatro. Antes do boi sahir já está o toureador e o seu *capinha* á espera do animal, em frente ao tronco. Aquelle mantem-se montado, de lança em riste, e, este ultimo, o capinha, fica com o panno vermelho desdobrado em face do boi e conserva-se em pé, ao lado do toureador. Toda a multidão permanece attenta ao incidente, do qual, resulta muitas vezes uma lucta desigual, em a qual os homens não levam a melhor vantagem. E o habito exige em taes momentos que o toureador quebre sua lança entre os chifres do animal, que vae atacar. Nunca o homem deve fugir. Si assim acontecer será apupado e expulso do campo.

Depois d'essa scena entram em campo os *capinhas*. Vão elles fazer as *sortes*. Antes relanceam os olhos pelos camarotes e escolhem a "victima", isto é, aquelle a quem vão offerecer a sua *sorte*. Dirigem-se para o camarote escolhido e dizem á pessoa "honrada" que ser-lhe-á offerecida a *sorte* que vão fazer. A *sorte* consiste sempre em uma prova de coragem e de habilidade do homem em frente ao animal, nem sempre pacato. Si o escolhido recusa o offerecimento todo o povo assistente, que acompanha com os olhos o movimento, prorompe em estrondosa váia, aos gritos de — aceita... accei-

ta...! O barulho, então, é infernal, para gaudio de todos os que assistem ao espectáculo. Vale tal sorte aquillo que o homenageado quizer dar, não podendo ser inferior a cinco mil reis. No acto da tourada o *Jacuba* não para, aos galopes d'aqui para alli, propondo sortes e recebendo o pagamento das que foram feitas. Tem elle a metade do dinheiro ganho. Quando o *Jacuba* para em frente de um palanque e aponta com a sua lança qualquer pessoa, já sabe ella que terá a honra de paronymphar a proxima sorte do toureador, ou, o que quer dizer o mesmo, terá que desembolsar pelo menos uns dez mil reis, o minimo que se permite para offerta ao toureador.

Depois de uma serie de sortes dos capinhas um silvar de apito annuncia a entrada em scena dos *mascaras*. Estes tambem offerecem sortes, mas, muito mais baratas. Ha sortes de *mascaras* pagas a 500 reis... E' a vez de se entregar o boi "ao mascara". E, em muitas occasiões surgem accidentes muito mais emocionantes com elles, porque não têm a pratica necessaria para se defenderem das investidas do animal.

As touradas duram 3 dias e realizam-se geralmente ao tempo da festa do Divino Espirito Santo. Ultimamente têm sido realizadas tambem quando da festa de S. Benedicto, a mais popular da cidade.

A festa do Senhor Divino, como tambem a do milagroso S. Benedicto, é festa em que toda a população da cidade se enthusiasma. Têm ellas um rei, uma rainha um capitão de mastro. São essas tres personagens

que se encarregam das festas, sendo as touradas muitas vezes entregues a outra pessoa entendedora. Antigamente a festa do Senhor Divino era muito mais movimentada. De certo tempo para cá a Igreja tem impedido muito a festa profana, para dar maior realce aos actos religiosos. Em tempos passados, antes do dia do Espirito Santo, começavam os festejos por uma passeata de cunho carnavalesco. Havia phantasias, sahindo á rua magnificos ranchos sendo os autos acompanhados por jovens montados á cavallo. Cada rancho tinha a sua designação. A passeata movia-se por toda a cidade em meio da alegria geral. Depois do dia da passeata vinha o periodo das esmolas, feito em dias successivos, arrastando grande massa popular ao som de bandas de musica. A esse tempo, mesmo hoje, há missas toda a madrugada e festa as noites em casa do festeiro. Em seguida a todo esse cerimonial é que vinham as touradas. Muita coisa desapareceu, infelizmente, de tudo isso. Apesar de muita diminuição nos festejos, as touradas em Cuiabá, quando se realizam, deslocam toda a população para o Campo d'Ourique, concorrendo para movimentar o commercio. E' que em torno da arena e em suas proximidades, surgem as barracas e os botequins, fazendo transações de toda a sorte.

A população da cidade, depois do tourear, á noite, enche o local e adjacencias do Campo, movimentando muito esse commercio de occasião e concorrendo assim para a alegria geral. Nesse *footing* de todas as noites ostentam as damas as suas melhores vestimentas e os cavalheiros não ficam atraz gastando á larga para pas-

sarem bem os tres dias de festa. Lembramo-nos do que deveria ser a tourada em tempos que já lá vão ; quando os “filhos d’algo” distribuiam a mancheias o ouro facil de Cuiabá, e os capitães-generaes ostentavam, muitas vezes, luxo semelhante ao das cortes dos reis seus senhores...

CAPITULO VII

A região garimpeira - Lageado

Há uma região em Matto-Grosso que vem absorvendo ultimamente a atenção de todo o Estado por causa de seu progresso vertiginoso. E' a região garimpeira de leste, cujo centro de acção se localizou em Lageado, distante 278 klms. de Cuiabá.

Nessa região privilegiada as cidades têm surgido miraculosamente de um dia para o outro e a leva de adventícios que engrossa diariamente o volume da população já fixada cresce sensivelmente. Toda essa gente vem em busca do ouro e do diamante, principalmente do diamante. Grande parte d'ella encontra realmente a fortuna nas terras ferazes de Matto-Grosso, mas, a menor porção, aquella que sempre foi esmagada pela adversidade, jaz desanimada e imprestavel, por ter estado antes mal habituada ao ganho facil e ás promessas fascinantes.

A estrada que vae ter a Lageado vale a pena ser percorrida. Apesar de pessima em muitas partes do trajecto, atravessa regiões interessantissimas, quasi todas pouco trabalhadas e vestidas ainda com as roupagens

que Deus lhes deu. Todo esse trabalho não tem mais que 20 annos e já deu fructos animadores.

E' um engano suppor-se que tudo alli é um cháos, uma tapéra, ao contrario ; na região do diamante não se marcha um kilometro sem que se encontre a habitação humana ou pelo menos o vestigio da actuação do homem. Tem progredido tanto esse rincão do Estado que os poderes publicos ultimamente movimentam-se para solucionar os problemas surgidos com um progresso tão brusco. A crença que se tem no littoral de lá se andar entre indios e feras é uma *blague*, quando não é ignorancia. Em 5 annos Lageado progrediu mais que S. Luiz do Maranhão em 50... E Lageado não é um oasis no meio do deserto. Todo o municipio está cortado de estradas, tanto para automoveis como para carros e cavalleiros e nós percorremos, somente dentro dos limites de Santa Rita do Araguaya, cerca de cem leguas, tanto em automovel como em lombo de animal, encontrando o caminho percorrido semeado de fazendolas, hortas e pomares. A cada passo, sob a perspectiva mais grandiosa, devida ao aspecto montanhoso do logar, retalhado por uma rica rede de rios de aguas transparentes, lobriga-se a agglomeração humana. E o nucleo de hoje será cidade amanhã.

* * *

A estrada que communica Cuiabá com a capital dos garimpos tem 475 kilometros. Em linha recta são 278 e existe um projecto que encurtará a viagem para

328 kilometros. O trajecto é accidentado e o primeiro pedaço d'elle, logo á sahida de Cuiabá, é por entre elevações e depressões até um lugar denominado Salgadeira, na base da serra da Chapada. Essa primeira porção do caminho deveria ser conservada como estrada de tourismo, tal é a sua belleza e felicidade de traçado. Nesse inicio da viagem são muitos os rios a atravessar e inumeras as obras de arte executadas. A estrada contorna os accidentes passando os seguintes rios: dos Peixes, corrego Lage, Mutuca, Rio Claro, Invernada, Paciencia, até chegar a Salgadeira, corrego na base da serra e antigamente logar de uma propriedade do ex-governador Mario Corrêa. Quando a estrada era conservada bastavam 3 horas para chegar a esse corrego, cujas aguas convidam para um banho, porem hoje, sae-se de Cuiabá ao levantar do sol e chega-se lá depois do almoço, quando os atoleiros não prendem o carro até o dia seguinte.

De Salgadeira a Chapada a estrada sóbe sempre, contornando precipicios até attingir o planalto pouco acima de Burity, região arenosa que se vence com alguma difficuldade. O planalto de Burity é justamente o meio da viagem. Nelle está localizado um collegio de protestantes que tambem explora a lavoura. Sahindo do dito planalto começa-se a subir novamente, attingindo-se pouco depois o grande planalto da Chapada. Há um pedaço, na primeira parte do caminho depois da Salgadeira, cavado no flanco da serra, intitulado "Portão do Inferno" e que, a pouco e pouco, vae se tornando intransitavel. Passa-se com o carro roçando o

barranco e do outro lado o precipicio é formidavel. Ahi paramos e lançamos pedras para avaliar da profundidade do buraco escancarado aos nossos olhos. As pedras custaram a chegar ao fundo, entrevisto a grande profundidade, na copa de arvores distantes lá em baixo. Lá já cahiu um *caminhon* carregado, não se sabendo o destino que tomou. Existem outros passos perigosos, amenisados, entretanto, pelo scenario que se offerece ao viajante e curioso, antes de alcançar os novecentos e tantos metros de altitude do planalto da Chapada. A estrada antes de galgar a serra foi construida em leito optimo, quasi todo elle aurifero e firme. O leito da parte serrana não é tão firme e teve que ser adaptado até perto do "Portão do Inferno". Depois desse passo há uma porção do caminho parecendo ter sido creada pela immaginação phantastica de um sonho; é logo após o "Portão do Inferno", quando o carro começa a subir suavemente, cortando o areião. O denteado da serrania ao lado, caprichosamente arranjado em pedras monumentaes pela Natureza, toma os mais variados aspectos, parecendo, ora um valle vulcanico extinto, ora ruinas cyclicas de templos das eras passadas. Muitas vezes o arranjo da Natureza é tão caprichoso que chega a simular castellos com seus torreões, ameias e torres de vedeta. Há uma parte, então, que a visada como que percebe figuras humanas nos passadiços superiores, como a espionar as cercanias devassadas pela vista a grandes distancias. A viagem de Salgadeira a Chapada é feita em 5 horas.

Chapada é um dos mais antigos povoados dos mineradores de ouro e já foi um logar florescente. Hoje é pouso de viajantes e nada mais, apesar de ter um clima saluberrimo. A sua população vive vegetando e se não fosse a descoberta recente de um garimpo diamantifero proximo, em Agua Fria, a povoação tendia a desaparecer. Foi nessa povoação que se estabeleceram os primeiros bandeirantes vindos do Coxipó e contam os chronistas da epoca, do valor dos engenhos e fazendas do logar, onde as terras até hoje são de primeira qualidade. Actualmente o povoado é uma rua central, a da estrada, com alguns caminhos crusados, possuindo igreja e escola.

A estrada sae da Chapada contornando o *plateau*, até o logar denominado Cajurú ou Mariopolis. D'ahi descortina-se um panorama lindissimo. Percebe-se, em dias claros, Cuiabá, a 14 leguas... E da altura em que se encontra o observador o que se descortina na planicie em baixo fica aplainado e o horizonte afasta-se até onde a vista pode chegar. Foi neste logar que o Dr. Mario Corrêa, quando de sua primeira administração, pretendeu fundar uma cidade, chegando a localisar alli uma leva de allemães. Os politicos contemporaneos do presidente de Matto-Grosso não souberam comprehender o alcance do projecto do grande administrador e, hoje, quem por lá passa só encontra as ruinas deixadas pelo tempo e pela rapinagem dos viajantes bandoleiros.

Logo ao sahir de Cajurú a estrada começa a descer a outra face da serra. Entra numa matta intitulada

“matta fria” por sentir-se sempre o ar gelido, mesmo nos mais rigorosos verões.

Terminada a matta encontra-se uma casa em ruínas que possui uma das curiosidades da viagem : vive alli um allemão, quasi selvagem, sosinho, sem companhia ou outra qualquer pessoa, criando gallinhas e cuidando de uma roça pobre. Sujo, miseravel, insociavel, alli se fixou aquelle pária que vive a armazenar os parcos proventos de um commercio de beira de estrada, talvez com a esperança de tornar um dia á sua terra natal com o capital adquirido em tão longo tempo de sacrificios e privações. (1).

Pouco alem d’esse ponto sae a estrada pela esquerda, ramal do rio da Casca, onde se encontra a uzina geradora de electricidade para Cuiabá, fructo da primeira administração Mario Corrêa, e, em verdade, um marco de progresso da gente cuiabana. A uzina aproveita a energia das aguas do rio da Casca, que a estrada para Lageado atravessa adiante em lugar pittoresco, assignalado por uma fazendola servida de monjóllo e onde, pouco abaixo da ponte, podem ser admiradas duas quedas d’agua, uma d’ellas bem interessante. As aguas do rio da Casca são, como quasi todas as da região, frias e crystallinás.

Pouco adiante do ramal para o rio da Casca sae do flanco esquerdo da estrada que seguimos um outro ramal, o de S. Manoel, construido pela Missão Rondon

(1) Faz pouco tempo foi encontrado o cadaver do dito allemão. Foi assassinado barbaramente, durante a noite; o movel do crime foi o roubo.

e que vae ao posto do mesmo nome, na região dos indios Bacaerys.

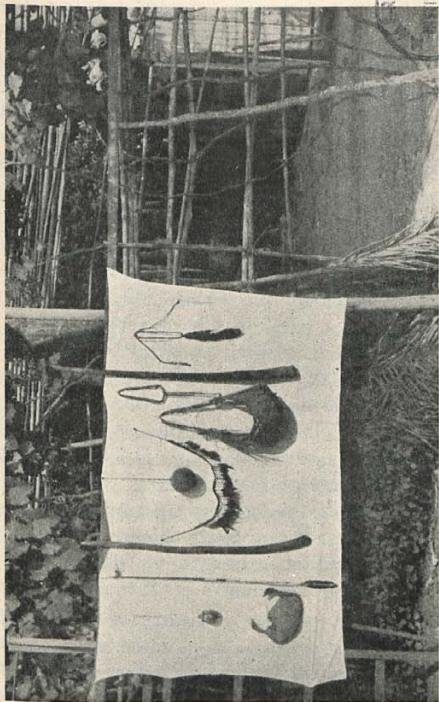
Da estrada S. Manoel até Rio Manso, primeiro ponto a encontrar-se, a estrada vae em sinuosidades, vencendo um areião extenso e que não pode ser transposto pelo automovel nos momentos de grande soa-lheira.

Rio Manso possui uma estação telegraphica e o encarregado d'ella é um homem trabalhador e esforçado. De um ermo elle fez um oasis encantador.

O rio Manso que dá o nome ao lugar, é o mesmo rio das Mortes, de tão triste memoria. Em Rio Manso as aguas passam sob uma ponte e o seu aspecto não é o das outras aguas encontradas: o torvo da profundidade e a fama do sucury que alli tem sido encontrado não convidam o viajante para o banho. Esse rio é o mesmo que vae passar nas regiões inhospitas dos indios Chavantes. Os indios Carajás, habitantes da região proxima, no desaguadero do Manso no Araguaya já estão quasi dizimados pelas continuas excursões guerreiras dos mesmos indios Chavantes. Essa região nunca penetrada é lateralizada a leste pelo rio Manso e entre os paralelos 12 e 14 limita-se a noroeste pelos rios Suya-Missú, Ahuaya-Missú, Liberdade, afluentes do rio Xingú, da bacia amazonica e tambem mais ao sul com a bacia formadora do rio Xingú, no que nos interessa representada principalmente pelo Colueme e seus afluentes, ribeirão 7 de Setembro e Tangare. Consta que foi nessa região perigosa que se perdeu o celebre Coronel Fawcett. Tal acontecimento tem trazido para

a imprensa muita phantasia, crendo-se de então para cá que todo o Estado de Matto-Grosso é uma região perigosa para o homem civilisado. O que podemos attestar é que os logares por onde andamos nunca soffreram incursões de selvagens e os indios que encontramos foram os pacificos Borôros, já identificados com a nossa gente. E' verdade que os Chavantes têm feito incursões até proximo de Sangradouro, no dizer dos habituados no logar, mas, taes ataques aos poucos vão se espaçando, á proporção que a região vae ficando habitada pelo garimpeiro. A acreditar nas mesmas incursões dos Chavantes, taes indios percorrem distancias formidaveis, longe de suas malócas, para alcançarem a região do rio Manso e Sangradouro.

No livro do Padre João Durore, editado em França, o illustrado sacerdote faz suppor que os Chavantes, ou o que quer dizer o mesmo, os aggressôres dos excursionistas e incautos viajantes, são um ajuntamento onde existem pessoas que fallam o portuguez. Conta o Reverendo que a expedição commandada por Bento da Costa Filho e Luiz Duarte, respectivamente avô e tio de uma creança assassinada pelos indios a uma legua de Meruri, encontrou um aldeamento indigena com 154 casas. Ao atacar a referida aldeia ouviram os expedicionarios, claramente, phrases em portuguez — inclusive insultos proferidos por uma mulher. Nesta aldeia foram encontradas a rêde e a camisa do menino assassinado.



Ornamentos e armas dos indios Chavantes

Phot. rara (cedida gentilmente)



A estrada sae de Rio Manso vencendo ainda o areião e alcança uma baixada, alagadiça no inverno. Por essa razão o automovel até o klm. 12 nem sempre percorre o mesmo trajecto. Ora faz uma curva, alcançando as cabeceiras do "Capitão Agostinho", ora sobe a serra-nia de "Capim Branco" e passa pela povoação de Coronel Ponce, já um regular agglomerado de habitantes.

De Coronel Ponce ou de Cap. Agostinho a Cachoeirinha, o primeiro ponto a alcançar, a estrada percorre um terreno frouxo e alagadiço, até o logar denominado Lagoa Formosa. E, realmente, é uma lagoa, mas, que nada tem de formosa. Colleciona ella as aguas pluvias e torna-se assim um foco de mosquitos insupportavel. Mesmo quando se é obrigado a parar em tal logar a dormida é perigosa: corre, vinda não se sabe de onde, uma corrente de ar gelado que tem produzido nos viajantes incautos muitas pneumonias.

De Lagoa Formosa até Cachoeirinha a viagem não é muito longa, porem a estrada tem uma particularidade desagradavel: é sulcada transversalmente de regos em toda a sua extensão, produzindo um jogo particular no carro, incommodo e semelhante ao das ondas do mar. Não há rim que suporte semelhante massagem por mais de 5 minutos e o percurso leva horas...

Proximo ás cabeceiras de Capitão Agostinho contornam-se as nascentes do S. Lourenço, ou Poguba-Xoreu, rio que vae passar em Coronel Ponce. Na depressão occupada pela nascente a vegetação é cerrada, destacando-se o verde escuro do ambiente vegetal de volta, ralo e pobre. Occupam ellas espaço bem grande.

Pouco antes de chegarmos a Canhoeirinha passamos por um logar intitulado Ponte de Pedra, em o qual se encontra umæ ponte lançada sobre um dos ramos do rio Paranyha, affluente do Poguba ou S. Lourenço.

A estrada de autos em Cachoeirinha bifurca-se : um ramo vae para Poxoreu, o outro para Lageado. Descreveremos agora o que segue para Lageado.

E' de Cachoeirinha em deante a estrada de automoveis uma estrada de carros de boi aproveitada pelos autos, devido ao arrojo dos *chauffeurs* e á necessidade que se impunha de uma communicação. Nada fica a dever, entretanto, ao percurso anterior, construido expressamente para ser percorrido por automoveis. Desde o fim do governo Mario Corrêa que as estradas não têm sido conservadas e viajar nellas é dispor-se a toda sorte de perigos e contrariedades. Em taes paragens não é a estrada feita para o automovel e sim o automovel que faz a estrada. Muitas vezes o *chauffeur* rompe o cerrado e vae construindo uma variante, orientando-se por dados conhecidos, fazendo dest'arte uma nova estrada em terreno mais firme. Si assim não fosse há muito tempo estaríamos sem communicações e muitas cidades do interior teriam perecido.

O *chauffeur* em Matto-Grosso é um heroe : luta dia e noite. Sabe quando sae de um logar, mas, nunca quando chegará a outro. Parte um *caminhon* de Cuiabá para o sertão muitas vezes com tres mil ou quatro mil kilos com o conductor e o ajudante e, ás vezes, muitos passageiros em cima da carga, que, si é *balão*, como

pittorescamente chamam a carga que faz muito volume tanto para cima como para os lados, sujeita o vehiculo a virar na primeira depressão forte do terreno, a qualquer golpe desastrado do *guidon*. Avalie-se, conhecidas essas particularidades, os perigos por que se passa a todo o momento ao transpor pontes oscillantes, atoleiros extensos e o terreno de uma estrada constantemente modificado pelas chuvas torrencias e pelo proprio peso dos carros super-lotados que passam diariamente... O *chauffeur* quando sae de viagem já leva um arsenal para as necessidades fucturas e nunca esquece a *matúla*, uma verdadeira dispensa, com todo o material necessario para fazer a comida no caminho. E' que, uma viagem para Lageado, por exemplo, no tempo das chuvas, tem retido muito *caminhon* por mais de 20 dias. Mesmo sem desarranjo em qualquer peça do motor e sem fractura de rodas, só os atoleiros do caminho e as innumeradas difficuldades são o bastante para reter o viajante na estrada por tempo não previsto. O conductor de automoveis nessas regiões tem que ser um homem decidido e com os conhecimentos mais variados: mechanica, cosinha, caça, etc. E, a proposito relatarei um episodio significativo. Certa vez um inglez viajava para Tres Lagoas, tendo partido de Lageado com pressa. No meio da viagem, ao cahir do sól, o auto quebrou uma ponta de eixo motor. O accidente foi em local distante, tanto da ultima habitação atraz como da primeira a encontrar-se. Naquellas paragens as distancias não se contam por kilometros e sim por leguas.

O inglez perdeu a paciencia e quasi enloquece com a *flegma* do mulato seu *chauffeur*. O mesmo inglez, ao relatar depois o acontecido disse que tivera impetos de liquidar alli mesmo o conductor do vehiculo, não o tendo feito porque ficaria sosinho e sem recursos, longe do primeiro habitante mais de dez leguas. Resolveu o estrangeiro conformar-se e entrou no carro, conseguindo aos poucos conciliar o somno. Na manhã do dia seguinte foi acordado pelo moleque que lhe offerencia uma chicara de café quente. A proverbial calma do inglez havia reaparecido e foi com assombro que ouviu do companheiro o convite para reencentarem a viagem interrompida.

Mas, como...?

E o outro explicou : havia desmontado o differencial e retirado o eixo quebrado ; com auxilio de fogo, conseguido com o matto, alongara o mesmo eixo a macho e ageitara a ponta á talhadeira.

O estrangeiro ficou admirado e fez as pazes com o *chauffeur*, a quem deu gorda propina.

Relatamos o facto para exemplificar quanto vale um conductor de vehiculos naquellas paragens invias, em a qual o homem só pode contar com os seus proprios recursos.

De Cachoerinha em diante a viagem é mais accidentada e toda em chão montanhoso. E' justamente neste pedaço, antes de chegar a Cassununga, que se passa pelo espigão da serra, no logar denominado Batory. A estrada contorna neste logar dois picos de serra sendo adaptada na encosta de uma d'ellas. Passa

o carro raspando o barranco para não se despenhar no abysmo á direita, que, no dizer de um viajante “tem uns quinhentos metros no trecho visivel, não se sabendo o resto que profundidade tem”. Acresce a tudo isso que o leito da estrada é escorregadio, em piçarra e barro avermelhado e já está se desfazendo com a acção demolidora das aguas. Transposto esse passo perigoso a impressão é a de quem respira melhor ao sahir de um ambiente mephitico e irrespiravel. A meio caminho, entre Cachoeirinha e Cassununga, encontra-se Sangradouro, colonia dos padres salesianos. O correjo Sangradouro, com o Sangradorsinho de um lado e o Cara de Porco de outro lado, formam o Sangradouro Grande, affluente do rio das Mortes. Como falamos é essa a região mais longinqua das incursões dos indios Chavantes. Não faz muito tempo elles devastaram uma das fazendas das cercanias, matando todos os habitantes. Uma das particularidades d’esses indios é as armas que usam. Quasi nunca utilisam-se de flexas; lançam mão de formidaveis tacapes, que manejam com dextreza admiravel. Um dos sobreviventes, das cercanias da dita fazenda, relata que são tão habéis corredores que alcançam um cavallo a galope. Por essa mesma via de informação viemos a saber que o Chavante não conhece os nossos animaes domesticos, pelos quaes têm verdadeiro horror. O boi tambem inspira-lhe terror, e, na incursão acima citada os indios mataram todos os animaes encontrados, inclusive vaccas e gallinhas. Publicamos uma photographia, cedida gentilmente e que mostra alguns objectos pertencentes aos Chavantes.

Passamos em Sangradouro justamente quando havia signaes dos indios nas visinhanças. Taes signaes consistiam em amarrios de capim alto e collocação de farpas envenenadas, fincadas no caminho. Essas farpas ponteagudas, muito altas, são arranjadas de maneira a poderem penetrar no baixo ventre dos transeuntes. Contou o encarregado das linhas do telegrapho que estava decidido a não mais se aventurar nas regiões em que houvesse signaes de indios. Sangradouro possui installações muito confortaveis, sendo o recinto cercado. Pouco adiante da séde dos collegios fica a estação do telegrapho.

A colonia agasalha os indios borôros, que os padres mantêm no cultivo da terra. A séde possui serraria, engenho e é illuminada a luz electrica.

Foi em Sangradouro, em 1926, que houve um choque entre as forças do Estado e uma parte da columna Prestes. O clima do lugar é muito saudavel e as terras são optimas.

Antes de Sangradouro passa-se por uma ponte que tem uma particularidade. E' feita sobre o corrego da Alminha, em lugar baixo e alagadiço. Nos momentos de enchente a ponte fica 2, 3 e mais palmos debaixo d'agua, interrompendo o trafego. Ha automoveis que acampam dias e dias, á espera de oportunidade para passar.

Adiante do corrego Cabeça de Porco a estrada bifurca-se, isto é, continua a linha telegraphica para General Carneiro e d'ahi prolonga-se até a Barra do Rio das Garças, indo então um ramal para Araguayana e

outro para a Barra do Garças. A linha corta o rio Barreiro e passa pela colonia Taxos (Sagrado Coração de Jesus). De General Carneiro até a Barra do Garças, acompanha a linha telegraphica, de perto, o mesmo rio das Garças.

Depois de Sangradouro alcançamos outro lugar perigoso, pela difficuldade opposta pelo terreno ao avanço, é o denominado Tinteiro, passo do Rio Barreiro. Andando mais um pouco encontra-se a fazenda Villela e uma grande ponte sobre o rio Batovy. Attinge-se, logo após pequeno trajecto, a povoação de Cassununga.

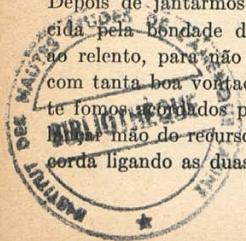
Cassununga é um antigo pouso de garimpeiros que a pouco e pouco foi progredindo, conseguindo depois de muitas luctas ser elevado á categoria de villa. Hoje, é constituido por uma rua central e algumas lateraes, sendo o centro comprador de diamantes das *catras* circumvisinhas até Thesouro, no rio das Garças. O povoado fica numa especie de buraco, e, tanto ao chegar de Cuiabá como de Lageado, é necessario descer ingremes ladeiras para attingir a villa. Essa situação de Cassununga, em uma grande depressão do terreno, facilitou muito a acção da policia quando das desordens alli havidas em tempos passados. Em tal epoca, eram constantes os tiroteios da gente do garimpo e houve mesmo ataques em massa ao destacamento policial lá aquartelado.

Ao sahir de Cassununga em direcção a Lageado, logo na base do planalto que domina a cidade, passa o rio Cassununga, transposto por uma ponte de grandes dimensões. Cahiu essa ponte ha pouco tempo, levando

um *caminhon* cheio de carga para o precipício. Felizmente não houve morte a lamentar. Já foi construída a nova ponte.

A estrada de Cassununga a Lageado foi aberta recentemente, depois de 1930, pela ousadia dos *chauffeurs* e com a boa vontade de um dos prefeitos de então. O caminho usado anteriormente era a estrada cavalleira, com 67 kilometros. Hoje faz-se a viagem com muita difficuldade, vencendo um areião sem fim e obstaculos de toda a ordem. Ao sahir da ponte, em tempo de chuvas, a ladeira que se tem á frente, para galgar, muitas vezes só pode ser transposta com o auxilio de juntas de boi. E, chegados ao alto, a lucta não cessa: o areião frouxo oppõe resistencia á marcha do vehiculo, que nesta lucta muitas vezes mergulha as rodas até os eixos. Esse mesmo caminho continua até Antinha e corrego d'Anta, servido este por uma ponte mais que primitiva.

Antinha é um logar habitado por uma familia de bahianos, gente sempre prompta, como aliás toda a gente do garimpo, a offerecer os recursos que possui para agasalhar quem passa á sua porta. Pernoitamos no logar e foi uma noite que não havemos de esquecer. Depois de jantarmos a carne secca com arroz, offerecida pela bondade d'aquella gente, armamos as redes ao relento, para não desalojarmos os proprietarios que com tanta boa vontade haviam nos recebido. Alta noite fomos acordados por chuva torrencial e tivemos que fazer a mão de recurso usado na região: esticamos uma corda ligando as duas pontas da rede e sobre tal corda



estendemos uma lona. Entramos na barraca improvisada e dormimos regaladamente até a manhã do dia seguinte. Podemos assegurar aos leitores que a dormida é uma das melhores possíveis. E não se admirem. O pouso de quem viaja por estrada de mais de trinta leguas de percurso é sempre aquelle que se encontra. O mais encontradiço é o matto. Muitas vezes dormimos ao ar livre, em pleno matto, e, confessamos, o somno é sempre mais agradável que em qualquer outro logar que se offereça na estrada. Preferimos o matto aos quartos das casinhas do caminho, onde as mais das vezes guarda-se a carne secca, o toucinho e o couro, que não têm perfume agradável. E' por isso que, apesar dos perigos que offerece a matta (onça, cobras) preferimos sempre ficar nella, tomando as devidas cautélas. A proposito contaremos um facto. De uma feita pousamos em Salgadeira, logar de bebedouro de todos os animaes que descem a serra. Alta hora da noite fomos despertados pelos urros das onças. Quando rompeu a manhã fomos verificar que ellas por muito tempo haviam circulado o acampamento. Tudo porque tinhamos esquecido, *por preguiça*, o fogo apagado. Bastaria tal cuidado e um homem sempre alerta para que os bichos se conservassem á distancia.

A passagem pela ponte do correjo d'Anta é um problema dos mais difficeis. As duas cabeceiras são apoiadas nas margens lamacentas do correjo que fica lá no fundo. Descer já é um perigo mas subir é quasi transcendental....

Depois do correjo d'Anta encontra-se o correjo Aldeia. Há que entrar em verdadeiro labyrinth, descendo-se e subindo-se por entre gargantas. Muitas vezes é de toda a prudencia apearem os passageiros para que o carro com mais facilidade vença os passos difficeis. Transpostos mais esses perigos chega-se ao correjo Cae-Cae, cujo nome melhor explica ao viajante a natureza do logar. Estando montado não ha quem passe o tal correjo, a não ser em mula, animal que tem a particularidade de transpor qualquer obstaculo. Já passamos a vau o Cae-Cae, mas, em mula, que venceu as difficulades escorregando em lages de piçarra, limosas como sabão.

Do Cae-Cae segue-se para o correjo do Piau, quasi em Lageado. Começa novamente a lucta, porque para quem se dirige a Lageado encontra uma ladeira em "S" que vae terminar em uma ponte fora do eixo do caminho. Do outro lado a ladeira a galgar não é tão accentuada. Ao se fazer a viagem em sentido contrario, isto é, de Lageado para Cuiabá, o primeiro obstaculo serio a transpor é esse do Piau. Em muitas occasiões, mesmo no tempo da secca, não há força que vença a tal ladeira em "S" e há que recorrer á junta de bois.

De Piau a Lageado são poucos kilometros.

Toda a distancia que acabamos de descrever é de 475 kilometros pelo leito da estrada. Em linha recta seriam 278 kilometros.

No governo Mario Corrêa, o engenheiro Felix Landis fez um estudo da região e não chegou a concluir o seu projecto, que encurtaria a viagem para 328 klms.

O projecto do eng. Landis, apesar de offerecer reaes vantagens, não attendia, entretanto, ás necessidades de um nucleo de população, surgido então e que promettia brilhante futuro. Queremos nos referir a Poxoreu, nucleo que enfeixa hoje muitos garimpos importantes e que tem tirado muita importancia de Lageado. A actual Interventoria está construindo uma nova estrada e nos informaram que passará por Poxoreu.

* * *

Lageado já é uma cidade. Possui ruas regularmente traçadas e alguns predios de construcção moderna. E' a capital dos garimpos diamantiferos, sendo como é, o centro de uma zona de trabalho intenso para a pesquisa do diamante. Hoje é a séde do municipio de Santa Rita do Araguaya, antigamente localizado em Santa Rita, ás margens do rio Araguaya, que faz a divisa com Goyaz.

O municipio de Santa Rita limita-se ao norte com o municipio de Araguayana, a oeste com o municipio de Cuiabá, ao sul com Coxim e Santanna do Parana-hyba e a leste com o Estado de Goyaz.

A maioria da população do municipio é de bahianos. Existe um grande nucleo de maranhenses e de outros nordestinos que, entretanto, desaparece na grande massa de filhos da Bahia habitante do logar.

Todos esses elementos são forasteiros e muitos vêm do Estado natal a pé. Conheço o caso de um cego que

veio marchando de uma cidade do sul da Bahia e de muitos aleijados vindos d'este ultimo Estado e do Maranhão.

Lageado está construida sobre um barro liguento com algumas partes de areião. Foi mal escolhido o logar visto não possuir boa aguada. Realmente existe um filete d'agua, quasi secco no verão, que tem condições de potabilidade, mas, essa agua não dá nem para um terço da população actual. Em consequencia d'essa falta d'agua vivem os habitantes dos poços e como a cidade não tem exgotto, facil é a contaminação da agua de alimentação. E os innumerous casos de infecções intestinaes e principalmente de dysenterias ultimamente apparecidos confirmam tal opinião. O elemento garimpeiro, sendo bahiano, tem tido suas rixas com os outros, porventura fixados no logar. São celebres, por isso, as verdadeiras guerrilhas de que tem sido palco nem só Lageado, como tambem Santa Rita e outros pontos de maior agglomeração. Alem das rixas que sempre surgem entre elles mesmos, de vez em quando brigam com os outros filhos do Estado, principalmente com os cuiabanos, por serem estes ultimos, quasi sempre, as autoridades do logar. Tal prevenção tem criado nos garimpos mentalidade especial. Pensa o bahiano que aquelle pedaço de terra deve pertencer á Bahia, porque a sua população quasi em sua totalidade é bahiana. A verdade, diga-se de passagem, é que o estado latente de animosidade contra o cuiabano tem sido explorado por elementos sem idoneidade moral e que chegaram ao logar para viver de expedientes, aproveitando-se da

credulidade de uma grande porção de analfabetos. O elemento são do logar mantem-se alheio a tudo isso, dedicado ao trabalho e ao progresso da terra em que vive.

* * *

O garimpeiro é, em essencia, um bravo. Lançou-se á aventura de ganhar a vida em logares invios e longinquos. Chega elle sempre confiante e cheio de fé; disposto ao trabalho e á defesa dos seus direitos. Logo depois, uma grande parcella, sujeita ás contingencias da pesquisa do diamante, que nem sempre é compensadora, entra a desalentar-se. E' nessa phase de desalento que trabalha a sereia politica. Vimos em Lageado meia duzia de adventicios desclassificados pretenderem impor sua opinião a toda uma população de trabalhadores honestos, explorando o sentimentalismo regional do bahiano. E diziam os taes catechistas: "devemos expulsa-los porque não são da nossa terra. Por que havemos de consentir que mandem na região que descobrimos?"

Ora, si a verdade manda que se diga que, realmente, o bahiano tem conseguido com o seu trabalho e a sua bravura levar o progresso á toda região leste matto-grossense, nos garimpos, a terra tem retribuido fartamente a sua expectativa, como tambem a gente do Estado o tem recebido de braços abertos e collaborado com elle para a felicidade commum.

Há homens que entraram nos garimpos mendigos e sahiram millionarios, e, isso, da noite para o dia. A

maior parte da leva de garimpeiros que entra no Estado não é fixa : vem com a intenção de enriquecer e voltar ás plagas nativas. Essa a razão por que apesar do progresso ser vertiginoso não offerece, em certos logares, o character permanente e definitivo. Dissemos, em certos logares, porque em outros, onde a terra offerece mais promessas á lavoura, os desilludidos dos garimpos radicam-se ao solo. Não quero dizer que a população fixa seja exclusivamente de derrotados, não ; o que affirmo é que o bom elemento se recruta, em grande parte, entre a propria gente do Estado, sendo a outra parte composta dos bons bahianos que constroem suas casas e cuidam de suas roças, constituindo familia e radicando-se á terra, que sempre retribue com juro os beneficios recebidos. Toda a prevenção contra o cuiabano nasce, afinal, do facto de ser a gente cuiabana, como cerebro do Estado que é a capital, a mais culta e, por essa razão, naturalmente indicada para dirigir.

* * *

De Lageado irradia-se, como dissemos acima, todo o movimento de compra e de fornecimento á uma vasta zona de garimpeiros. São, assim, esses pequenos nucleos, satellites de Lageado, até o momento em que adquirem independencia. D'esta maneira têm surgido as cidades e villas. No caminho para Santa Rita, mais proximo da villa nas margens do rio Araguaya, encontra-se Bonito. O nome assenta maravilhosamente ao

logar. Realmente é uma posição especial a escolhida. E, accresce que possui boa agua potavel e um clima excellente. E' actualmente uma sub-prefeitura do municipio, já tendo um commercio florescente e instalada a luz electrica. Bonito, no nosso entender, tem mais fucturo que Lageado, porque tem boas terras, em parte já aproveitadas.

* * *

De Lageado há uma estrada em construcção para Balisa, garimpo ao nordeste, no rio Araguaya, ultimo ponto da navegacção vinda do Pará, subindo o rio Tocantins e subindo aquelle seu affluente. Em 1934, uma das firmas do Pará iniciara a navegacção procurando intercambio com a região garimpeira. A estrada de que falamos já tem o mais difficil trecho construido, aquelle que vae de Lageado a Alcantilado, um dos mais importantes garimpos da região, situado no rio das Garças. Alcantilado é um nucleo garimpeiro onde o arranjo inda é de acampamento, todavia com tendencia franca para a construcção definitiva. Está o garimpo localisado a 6 horas de Lageado.

Cassununga, que já nos occupou a attenção, hoje já não é o garimpo dos bons tempos ; surgiram outros depois e a velha *corruptéla* perdeu parte da sua fama, deslocada para o celebre rio das Garças. Concorreu muito para a decadencia do lugar a importancia que emprestaram a Lageado, mudando para lá a séde do municipio. Um dos concorrentes serios de Cassununga

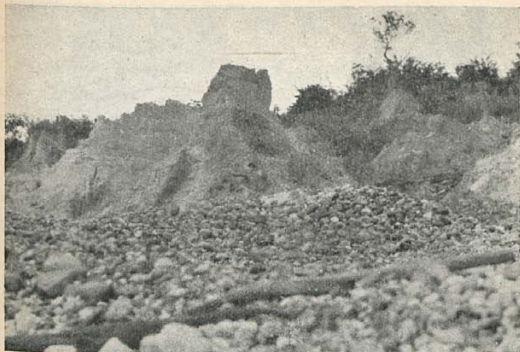
foi Thesouro, que tem adquirido muita importancia ultimamente. Fica este ultimo garimpo situado no rio das Garças, entre a barra do rio Cassununga e o corre-go d'Anta.

A viagem para Thesouro é muito interessante, mas, muito arriscada. Logo á sahida de Cassununga há a atravessar a vau o rio Cassununga, operação que nem sempre é das mais seguras. Não há caminhos para automoveis (1) e o recurso para transportar-se qualquer pessoa é o burro, digo melhor, especificando, a mula. Na passagem do rio Cassununga, quando viajavamos por alli, tivemos que fazer verdadeiros prodigios de equilibrio para transpor os perigos. Tudo porque encontramos o rio cheio, quasi intransponivel. Atraves-sámos com os animaes a nado, tendo descido uma bar-ranca de uns duzentos metros e subido, do outro lado, uma ladeira inda mais ingreme, de uns quatrocentos metros de extensão. Depois d'este começo viajamos melhor, porem, sempre transpondo precipicios e vencen-do atoleiros. Marchamos 6 horas.

Thesouro agasalha seiscentos homens em suas *ca-tras* visinhas e o diamante alli encontrado tem fama de ser um dos mais limpidos e valorizados de toda a região.

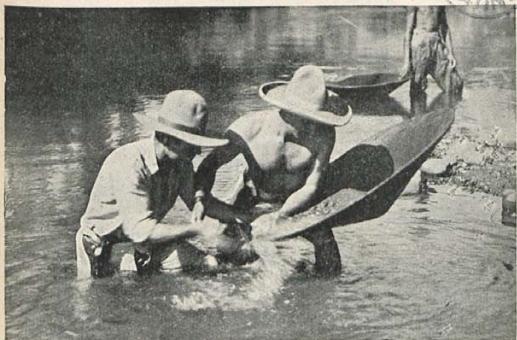
A continuação da estrada para Santa Rita é inda peór. Logo ao sahir de Lageado, a poucos kilometros, existe um passo quasi intransponivel, o da Taboca. Sobe-se aqui para descer logo em seguida, entre mattas e terras de cultura, as unicas das proximidades de La-

(1) Ultimamente fizeram os conductores de vehiculos uma estrada para Thesouro que tem sido muito trafegada.



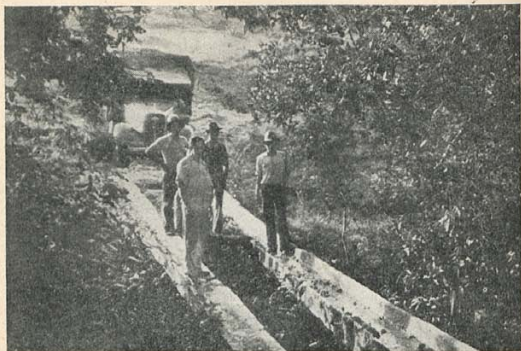
Separação do cascalho. "Atoladeira".

XXIV



"Escrevendo", isto é, parte final da apuração do cascalho para o encontro do diamante. (Garimpos de S. Pedro, Poxoreu).

(Photo Rezende Rubim).



Uma das pontes da região...

(Photo Carloni).



Quêda d'agua no rio Santos, proximo a Poxoreu.

(Photo Rezende Rubim).

geado. O chão humedecido e muitas vezes encharcado nem sempre dá passagem ao vehiculo. O leito da estrada continúa assim até Bonito, aggravando-se a viagem nas serras, onde o leito estreitissimo contorna precipicios e não tem a firmeza necessaria para supportar a permanente passagem de vehiculos, que é diaria. Perigo de deixar a vida nos innumerados grotões do caminho é commum. Depois de Bonito a estrada melhora um pouco, mas, o atoleiro inseparavel não abandona o chão até a entrada de Santa Rita, no corrego Boia-deiro, cuja passagem é difficillima.

Santa Rita foi a séde da comarca. Hoje está decadente vivendo mais de recordações. Apesar do estado de apathia em que se encontra, Santa Rita é um dos poucos logares da região onde a sociedade está consolidada, formada por tradicionaes familias do logar. Alem d'isso tem um clima excellente e agua de primeira ordem, vantagens que não offerece Lageado.

* * *

O garimpeiro é um ser á parte na sociedade. Vive, por mais que possua certa instrucção, assenhoreado por abusões e crendices. E', por natureza, um fatalista. Dedicase ao trabalho, e, muitas vezes vencido pela miseria, não abandona o cascalho; allucinado, enganado por uma ultima esperanza, não larga a *cachaça* da *bateria*. Morre, as mais das vezes, com ella e por ella. E' uma especie de jogador. A sua paixão é maior pela

volupia que lhe dá a visada rapida do *chibiu*, a faiscar rapidamente no fundo da bateia que sustem nas mãos nervosas. E esse momento esperado não é tão procurado pela fortuna, porventura encontrada em um instante, mas, pelo goso de perceber o brilho caracteristico do diamante, a faiscar dentro da bateia.

A ferramenta usada pelo garimpeiro é pouca: picareta, pá, enchada, algumas vezes alavanca e malho, bateia. A bateia é um instrumento com formato de uma bacia e feito em madeira.

O trabalhador procura sempre trabalhar em lugar onde exista agua. Remove o cascalho durante toda a semana e aos sabbados procede á sua lavagem. Esta é feita na bateia. Põe o garimpeiro uma porção do cascalho escavado na bateia e accrescenta-lhe agua, imprimindo ao instrumento um movimento de vae e vem, que vae aos poucos lavando o cascalho e derramando a parte imprestavel do material a lavar. Quando existe diamante, este, como mais pezado, fica no fundo e num dos movimentos da bateia dá o seu brilho atravez da agua que está em cima servindo tambem de reflector.

O trabalho do garimpeiro é sempre estafante e herculeo. Alguns constroem os taes regos d'agua e toda uma serie de arranjos de engenharia rudimentar, onde despendem os ultimos vintens e as energias de que podem dispor. Vimos homens, edemaciados pela longa permanencia n'agua e que, mesmo assim, claudicantes, mantinham-se á soalheira, á procura do sonhado *chibiu* que iria tira-los das aperturas da mediocridade e da miseria.

Nem sempre o garimpeiro trabalha da maneira que acabamos de descrever, cavando a terra com os instrumentos simples descriptos; vezes há que se associam alguns para a exploração no leito dos rios. Para tanto adquirem escaphandros e treinam um homem de folego para occupar o apparelho. O escaphandro desce e o seu companheiro fica em cima movimentando a machina muitas vezes primitiva que fornece ar ao destemido que está lá no fundo. Um outro recebe os baldes de cascalho que o escaphandrista vae retirando do fundo do rio. Por tal processo conseguem os entendidos melhor especie de cascalho e diamantes em maior quantidade.

Hoje o melhor negocio é o do *capangueiro*. Elle é o comprador, intermediario entre as firmas importantes e o trabalhador. *Capanga* chamam a um grupo de diamantes e capangueiros porque trazem sempre comsigo as capangas compradas. O capangueiro é sempre entendido no negocio e muitos d'elles foram trabalhadores que inspiraram confiança aos capitalistas e ficaram comprando por conta de qualquer casa que faz o commercio do diamante. O trabalho d'elle consiste em estar sempre ao par da cotação e dos encontros de pedras. E como em todas as regiões sempre existem muitos capangueiros o trabalhador, assim que tem a felicidade de encontrar o diamante, logo acha muita gente para compra-lo. Nessa transação quem sempre leva a vantagem é o capangueiro, nem só porque aproveita da constante miseria do trabalhador, como tambem porque é quasi sempre um conhecedor profundo

da materia que trata. No fim de contas é a velha historia : o intermediario aproveita mais que o pobre trabalhador e muitas vezes mais que o capitalista.

Nem sempre o garimpeiro trabalha por conta propria. Hoje, em vista da raridade do producto, que já não é tão facil de ser encontrado, o trabalhador entra em accordo com qualquer pessoa do logar, e a ella se associa. Vae o garimpeiro trabalhar e quando acha o diamante divide o producto em partes iguaes pelo seu socio. O onus d'este que não vae trabalhar é o sustento do outro que semanalmente vem á cidade fazer o rancho para a semana seguinte. Quando não é encontrado o diamante perdem os dois : um o trabalho e o outro o dinheiro com a manutenção do socio e a compra das ferramentas necessarias. Trabalhar assim intitula-se *trabalhar de meia praça*. Tal processo serve para demonstrar a honestidade do nosso humilde sertanejo empregado no garimpo : é raro ser lesado o socio capitalista pelo seu socio industrial. Quando um chega a furtar não poderá mais viver em taes paragens. O que rouba ou furta na região garimpeira, morre. Eis porque os disturbios alli são quasi sempre occasionados por ciumeiras, jogo e questões politicas.

Quando o garimpeiro encontra uma pedra reputada *fazenda fina* (de boa qualidade), dá azas á sua alegria com as salvas costumeiras do seu revolver. (1). Os vizinhos do felizardo participam da sua alegria, dis-

(1) Achada a pedra o trabalhador "baptisa-a" isto é, introduz o diamante na bocca, retirando-o em seguida para proferir palavras tremendas... Dis o garimpeiro que isso "dá sorte"...

parando tambem as suas armas e o alarme é geral. E o que *bamburrou* (achou diamante de grande valor) vae em charola com todos os companheiros de alegria até o povoado mais proximo, onde, as mais das vezes, o producto obtido ao remate de longos e arduos trabalhos, é esbanjado em bebidas e *cabarets*, ou entregue ás rapinagens do jogo e das mulheres.

O garimpeiro é philosopho á sua maneira ; conforma-se em perder rapidamente o que adquiriu tambem em um momento de sorte. Pensa elle que, aquelle que guarda com muito cuidado, não será mais bafejado pela sorte. E, a credence do homem do garimpo é tão absurda que o ouro achado nas occasiões de procura do diamante não deve ser guardado. Em caso de acha-lo joga-o immediatamente para traz das costas, em signal de desprezo e para livrar-se do azar que tal incidente encerra. Apesar d'isso o encontro de ouro é commum nas regiões das pedras preciosas.

Geralmente o garimpeiro conhece a mercadoria com a qual trabalha e conhece tambem, praticamente, o terreno que offerece probabilidades para farta recompensa. Vae, quasi com certeza, ao logar onde o diamante está escondido. Nesse sentido podemos contar um facto significativo. E' o seguinte. Perto de Poxoreu dedicavam-se 3 homens ao trabalho de uma *catra*. Encontraram no curso do serviço um formidavel blóco de pedra que lhes embaraçaria a continuação das excavações, justamente no pedaço que promettia mais resultados. Dois d'elles, desanimados, desistiram. O terceiro ficou a *matutar* (scismar) e, finalmente, tomou

uma decisão : foi ao povoado, comprou um cartucho de dynamite, arranjou-o summariamente num orificio adrede preparado na base do formidavel bloco de pedra e fez um rastilho de polvora até certa distancia. Deitou fogo á polvora e fugiu para longe do perigo. O estrondo foi enorme e dentro em pouco voltavamos ao logar do trabalho, encontrando no logar em que antes estava o bloco uma grande caverna produzida pela acção destruidora da dynamite. O nosso homem continuou o seu trabalho de pesquisa e ao cabo de alguns dias encontrou lá no fundo vestigios da proximidade do diamante. Trabalhou mais uns dias e acabou encontrando uma pedra que lhe deu uma duzia de contos de reis, fora as pedras pequenas que depois foi encontrando.

Os signaes reveladores do diamante são as *formas* : ora *ferragens* (magnetito), *pingos d'agua*, que são seixos rolados transparentes ; ora o que chamam *lacre* (hematite vermelha), *pretinhas* e *chicoreas* (hyalo-turmalito, granadas), satellites do diamante.

A venda é feita, como dissemos mais atraz, aos *capangueiros*, conhecedores profundos do ramo e que, ás vezes, de um só golpe de vista avaliam o valor da pedra offerecida. Há d'elles tão peritos que, nem só percebem da limpidez ou *agua* do diamante, como tambem dão quasi com segurança mathematica o peso da pedra apresentada. Chamam, pejorativamente, a esses ultimos de *ourives*, appellido que não lhes agrada. A maior parte dos entendidos em compra de diamantes vem da região mineira da Bahia, principalmente de Lavras. E, o lavrense em um golpe de vista distingue a

fazenda fina, o *chibiu*, o *buzio*, a *chantage* do diamante tinto. Fazenda fina já foi explicado o que é. *Chibiu* é a pedra muito pequena e *buzio* é o residuo imprestavel.

Falamos em diamante tinto e convem que expliquemos o que é isso. Dado o valor maior das pedras coloridas, que são raras, muitos malandros dedicaram-se em tingir as pedras brancas que não tenham grande valor. O trabalho, ás vezes, é tão perfeito e tão fixo, que, somente com o uso de acido é que o comprador vae verificar a fraude. Hoje, alem da balança apropriada e da lente, o comprador anda prevenido, trazendo sempre diversos acidos para a descoberta das fraudes, que não são poucas.

O habito de fraudar veio de fóra, pois, como já assignalamos, o respeito aqui á propriedade alheia é religioso. Eis um exemplo. Como no trabalho do garimpo a doença é commum, muitas vezes o trabalhador é obrigado a deixar o seu cascalho para cuidar da saúde. E, deixar o serviço nesse ponto do trabalho é triste, pois, o que era mais difficil já está feito, faltando somente a lavagem para que se encontre o diamante. Bastas vezes, nem só a doença como tambem outro qualquer motivo obriga o garimpeiro a deixar temporariamente o serviço, justamente quando esperava obter d'elle os fructos esperados. Nesse caso, o cascalho fica a beira do caminho e ninguem toca nelle. Encontrámos, certa vez, verdadeiro morro de cascalho, abandonado, esperando a volta do dono que fora á Cuiabá em busca de saúde. Algum tempo depois o dono do serviço voltou

e retirou, pela lavagem do mesmo cascalho, mais de quatro contos em diamantes.

E' admiravel esse respeito á propriedade alheia em ambiente tão primitivo. Elle não é devido somente ao regime de exclusão do criminoso é, antes de tudo, um caracteristico, uma parcella do character sertanejo. O nosso caboclo pode matar com displicencia, mas, si chega a furtar, é com horror que o faz. Essa a razão por que o motivo essencial do crime de morte nos garimpos é o do zelo pela honra. A honra para o nosso patriocio do interior é um canon. Para lavar a offensa recebida, principalmente si ella attinge o elemento femenino, todos os crimes são justificaveis, pois, só a morte pode vingar um attentado á dignidade de outrem. Assim pensa o nosso sertanejo. São costumes barbaros, mas, convenhamos, possuem alguma belleza...

* * *

De Lageado saem diversas estradas para os logares em que se encontram as povoações de garimpeiros. O municipio está em franco progresso, sendo cortado em todos os quadrantes por estradas e caminhos transitaveis até os mais longinquos logarejos e *corruptelas* (reunião de diversos ranchos).

Alem d'essas estradas para o intercambio entre as povoações do proprio municipio, Lageado, ou, preferentemente, Santa Rita do Araguaya, tem ligação com o municipio de Tres Lagoas, com o de Coxim e

com os Estados de Goyaz, Minas e S. Paulo. Essa ultima via de communicacão é o prolongamento da estrada já descripta que de Lageado vae a Santa Rita, proseguindo depois até Jatahy, em Goyaz, Uberlandia, antiga Uberabinha em Minas, prolongando-se até S. Paulo. Ultimamente, com as melhoras das estradas do sul de Goyaz, principalmente a abertura do canal de São Simão, a communicacão entre o municipio de Santa Rita e São Paulo melhorou extraordinariamente, concorrendo para o trafego intenso que tem, nestes ultimos mezes, aproximado o commercio do grande Estado do littoral da zona garimpeira de Matto-Grosso.

Uma estrada, já citada por nós, vae ter muita importancia no commercio regional — a que vae ter á Baliza. Communicará o municipio com o Estado do Pará, abrindo assim o caminho mais proximo para o mar. O que resta a fazer para sua conclusão é uma parcella sem importancia: o trajecto de Alcantilado até Balisa, todo elle em chapadão. A viabilidade d'essa estrada já foi comprovada; nós mesmos vimos chegar a Lageado 3 *caminhões*, conduzindo uma companhia de ciganos e procedente das margens do rio Araguaya, de Balisa. E' verdade que esse povo transpõe todos os obstaculos, porem, transportando-se em carretas e não em vehiculos a motor e muito carregados, como vimos.

* * *

Antigamente a communicacão de Lageado com Cuiabá era feita via Rondonopolis.

Rondonopolis está situada á margem do rio Vermelho ou Tadarimane, affluente do rio S. Lourenço. A estrada inda existe. Vem de Rio Manso, desce ao sul, atravessa successivamente os seguintes affluentes do S. Lourenço : Tenente Amaral, Saia Branca, Prata e Oibo. Entre este ultimo e o Monte Alegre, inflecte para leste e atravessa o rio S. Lourenço. A travessia é feita por uma balsa. Transposto o rio, a estrada continua com a direcção leste, inclinando-se depois levemente para o sul. Atravessa o rio Atrebiaú e vae alcançar Rondonopolis em curva estreita. D'este ultimo ponto dirige-se francamente para nordeste, para alcançar Lageado, transpondo o rio Poguba.

Em Rondonopolis há uma estrada que segue para o sul. Passa ella as fazendas Jorigue, Burity, Anhumas, esta ultima perto da serra da Giboia. O final d'esse trajecto é parallelo ao curso do rio Jorigue, affluente do rio Vermelho. Logo adiante de Anhumas a estrada faz uma curva á semelhança de um ramo de "S" e, do meio do dito "S" sae uma derivante para Bonito, na estrada Lageado-Santa Rita.

O ramal que vae para o sul atravessa pouco depois o Itiquyra e o rio Correntes, indo a Coxim, séde do municipio do mesmo nome. Tal tronco vae terminar em Campo Grande e tem merecido a attenção de alguns governantes do Estado, porque é um traço de união entre sul e norte de Matto-Grosso. Ultimamente, por iniciativa do governo federal procedia-se a obras de reparos na dita estrada, cogitando-se principalmente de algumas obras de arte inadiaveis, taes as pontes sobre

o Itiquyra, Pequiry, S. Lourenço, Taquary e a conservação da parte serrana. Pensava-se em rectificar parte do trajecto, principalmente o da sahida de Cuiabá. O trabalho estava sendo feito pelo 6.º de Engenharia do Exercito.

No rio Correntes existe um phenomeno interessante: a estrada passa sobre o rio em uma ponte de terra. Ouve-se o barulho da corrente subterranea, que, alguns kilometros depois, torna a surgir do tunel escavado na montanha, encachoeirada e sobre um leito pedregoso.

* * *

Existe outra estrada importante no municipio, a explorada pela firma Salgueiro, estabelecida em Santa Rita, em Goyaz, em frente da cidade do mesmo nome, em territorio mattogrossense.

Explora a citada firma a estrada construida a suas expensas e que vae da povoação onde tem a séde até Correntes. Chamam-na estrada do Salgueiro. A firma cobra pedagio, tendo um contracto com o governo e outro com a Prefeitura local, do qual tem tirado todas as vantagens possiveis. O municipio não lucrrou cousa alguma com a tal estrada, pois, a obrigação que existia para a firma de conservar o percurso Lageado Santa Rita nunca foi cumprida. Como vimos acima viajar no trajecto que a dita firma deveria conservar é um acto temerario, taes os perigos encontrados, devidos ao abandono em que se encontra.

A estrada do Salgueiro acompanha, lateralizando, o curso do rio Correntes, affluente do Itiquyra, que, por sua vez, desagua no S. Lourenço.

Correntes fica a oeste, alguns kilometros, da Ponte de Terra, á margem do rio do mesmo nome.

De Cuiabá a Rondonopolis são 312 kilometros ; a Coxim 609 ; a Campo Grande 896 klms. A estrada do Salgueiro não sabemos que extensão tem.

* * *

O municipio de Santa Rita do Araguaya é cortado em todo o seu comprimento pelo celebre rio das Garças, que nasce ao sul, formado pelos corregos da Contenda, S. Vicente e Café. A sua direcção é noroeste.

Os affluentes principaes desse rio são os da esquerda : Agua Suja, Bandeira, Corrego d'Anta, Cassununga, Batovy e ribeirão Passa-Vinte. Este ultimo passa pela estação telegraphica General Carneiro. O rio Barreiro não leva suas aguas directamente para o Garças ; desagua no Passa-Vinte, antes d'este chegar ao Garças.

O Bandeira, por sua vez, tem alguma importancia e suas aguas tributarias têm alguma significação. A estrada para Lageado transpõe diversos cursos d'agua que desaguam no Bandeira. São elles : o Aldeia, o Cae-Cae, o Piau e o Lageado. Depois de Lageado, em direcção a Bonito, passa-se pelo Taboca, tambem affluente do Bandeira.

* * *

Suppre-se Lageado de quasi tudo o que precisa, de fóra, excepto de gado que o municipio já possui em grande numero. As fazendas são muitas, mas, a terra pouco cultivada, em consequencia do desvio dos braços para os garimpos. A população da região já é regular, entretanto, os braços ainda são poucos para o trabalho do garimpo.

Quasi todos os mantimentos vêm de Goyaz, Minas e de Cuiabá, sendo o passadio no lugar mau. Alem de mau tudo o que se compra em Lageado é caro.

O rio das Garças é o rio diamantifero. Em quasi todo o seu percurso existem garimpos. Os mais importantes são : Café, na confluencia do correjo do Café, Agua Fria, Burity, Tapera, Thesouro, Garimpo Velho, Porto do Bicho, Totó, Bonito (não a villa de Bonito) e Alcantilado. Existem outros garimpos importantes fora do rio das Garças, porém em pequeno numero : Physico, Batovy, Morador, Balisa, etc. Ha, alem dos grandes garimpos, outros menores, espalhados em todos os cantos : de dia para dia surgem e desaparecem logares cuja importancia é transitoria, sendo pequenas *catras* onde acharam por acaso diamantes e attrairam garimpeiros de um momento para outro.

Nos garimpos grandes existem igrejas, escolas e já se esboça em alguns aspecto de cidade.

Quem viaja para Lageado terá a feliz oportunidade de enxergar a região em que as duas grandes bacias hydrographicas de Sul-America se dividem — a do Amazonas e a do Prata.

O rio Manso ou das Mortes, quasi visto em suas vertentes, é da bacia amazonica : o S. Lourenço, observado no nascedouro, filia-se á bacia do Prata.

Proximo do lugar denominado Rio Manso, onde existe uma estação telegraphica, encontra-se dois corregos — o Arica-Assú e o Aricá-Mirim, que desaguan no Cuiabá e, este, no S. Lourenço, tributario do Paraguay, que por sua vez desagua no rio da Prata. Da mesma região saem as fontes do rio Manso.

Em muitos logares de Matto-Grosso observa-se o espectáculo grandioso da origem das duas grandes bacias, percebendo-se perfeitamente rios que vão para um e outro quadrante. Eis porque a fauna ichtyologica das bacias do Amazonas e Prata apresenta especimens misturados : — isto é, já estão apparecendo peixes do Amazonas na bacia do Prata e vice-versa.

CAPITULO VIII

A região garimpeira-Poxoreu

Poxoreu é um nome indigena. Surgiu, talvez, em razão de existir um rio denominado pelos Borôros por Poguba-Xoreu.

A região de leste em Matto-Grosso, justamente neste tracto de terra que nos occupa a attenção, foi densamente habitada por essa nação indigena. Hoje ainda se encontra o selvicola, ou localizado em nucleos dirigidos pelos padres salesianos, ou, então, solto, a seu modo, contaminado pelo contacto com o civilisado. Este ensinou-lhe dois feios vicios : beber e furtar. De facto : contrista ao brasileiro ver o seu irmão das selvas reduzido á degradação em que jaz, quasi entregue aos seus impulsos naturaes, depois do trabalho herculeo de penetração e de patriotismo d'esse homem a quem o Brasil tanto deve — o General Rondon. E' que, para muita gente, a Inspectoria de Indios inda existe somente para enriquecer meia duzia de aproveitadores, á semelhança do que aconteceu com as celebres requisições militares das permanentes situações revolucionarias do paiz.

O borôro que encontramos era sempre um pária. Nas ruas de Poxoreu, onde o espectáculo da fila indiana é commum, vimos sempre o indio sordido, triste, mal alimentado e acompanhado pela malta esfaimada dos seus cães, aos quaes tanto estimam.

Despoja-los de suas terras nativas para depois deixa-los ao abandono, *enroupados* em farrapos, quando, naturalmente, em seu *habitat*, o civilisado encontrou-o, com as regalias de seres livres e conscios de sua valia não foi somente um erro, foi mais ainda: foi mancha na nossa propalada democracia.

A rapinagem do borôro é conhecida. Certa vez, perto de Sangradouro, assistimos a um facto comprovante. Um *chauffeur* viajava com grande carregamento de uns tres mil kilos. Assim que anoiteceu, não tendo tido tempo de chegar a Sangradouro, acampou no matto, e, com a displicencia natural do habito viajeiro, dormiu socegado em sua rede. Ao amanhecer, tinham baldeado toda a carga para logares ignorados. Pouco tempo depois foi encontrar indicios do furto entre os indios das cercanias e um d'elles confessou o delicto. Após esse facto o nosso homem chamava aos indios de "formigas carregadeiras".

O outro vicio do indio e que tem concorrido para devastar os grupos mais sadios é a aguardente. O selvagem é louco por ella. Dá tudo pela cachaça, habito que o civilisado trouxe para o seu meio com o descaso natural do velho viciado. O indio, aos primeiros goles da maldita *pinga*, toma-se de paixão por ella e chega a matar para satisfazer o desejo de sorver *codúa*. Faltan-

do aguardente o indio bebe o alcool com a mesma naturalidade.

O borôro quando não está em aldeamento, vivendo de caça e pesca e com poucas roças para a subsistencia, habita nos centros mais populosos, porem, sempre passando vida parasitaria.

* * *

Poxoreu pertence ao municipio da Capital e dista cincoenta e duas leguas de Cuiabá.

A estrada até Cachoeirinha é a mesma que conduz a Lageado. De Cachoeirinha a Poxereu são poucas leguas (8), com os accidentes naturaes mais variados. Logo á sahida de Cachoeirinha existe uma ponte, tão mal apoiada nas cabeceiras, que o peso do carro faz com que ella oscille. O trajecto, a seguir, é por entre serranias, procurando fugir ás difficuldades do terreno accidentado, até o logar denominado Americo Leite. D'este até o ponto terminal a estrada foi feita em terreno arenoso e quasi intransponivel. Ao mais leve movimento para avançar, as rodas do automovel mergulham até os eixos e ferve a agua da circulação, devido ás continuas mudanças de velocidade e ao emprego seguido de 1.^a e 2.^a Necessario se torna mudar frequentemente a agua do radiador e nem sempre o liquido é encontrado no areião que parece não terminar mais. Para a *sêde* do motor tudo serve, até mesmo a agua empoçada do caminho e que, as mais das vezes, irá produzir embaraços futuros na machina.

O logar denominado Americo Leite é um pouso agradável. Lá encontra-se bom leite e um requeijão de primeira qualidade, não sendo difficil arranjar-se uma chicara de café. Qualquer d'essas coisas á margem do caminho, quando o viajante já está fatigado de tanto abalo dado pelo carro e tem o paladar viciado, quasi embotado, pelo uso muitas vezes obrigatorio da passóca e da comida fria, é achado recebido com satisfação geral. Um pedaço da estrada que não deve ser esquecido, principalmente durante as aguas, é a "Martinha". Logar muito baixo e onde ficam colleccionadas as aguas pluviaes muito difficilmente se transpõe, transformado que fica em um atoleiro enorme...

As estradas em regiões garimpeiras são servidas por pontes, pontilhões e *mata-burros*. Somente o *mata-burro* merece o nome que lhe deram, apesar de que, há momentos que mata tambem gente: é constituído geralmente por duas canaletas com a bitóla dos automoveis, postas sobre um fósso adrede preparado. Colloca-se, geralmente, nos limites das propriedades de criação de gado e o arranjo permite a passagem de vehiculos sem, comtudo, deixar que o animal transponha o fósso. Quando este se aventura a caminhar pelo *mata-burro* tem que passar por uma das duas canaletas e, sendo estas estreitas, não dão segurança ao animal, que cáe no buraco.

As pontes nem sempre merecem tal nome: são arranjos para transpor obstaculos de corrente d'agua e que, devido ao descuido reinante, ficam como obras permanentes até o dia em que desabem fragorosamente

levando muitas vezes o imprudente que teve a temeridade de confiar nellas. E' verdade que, quando a ponte é feita para permanecer por longo tempo, usa-se na região das excellentes madeiras de construcção, talvez mais resistentes que o ferro. Contou-me o constructor da ponte do Coxipó, perto de Cuiabá, o facto seguinte. Quando foi substituir a ponte primitiva, feita em madeira, encontrou os fundamentos, mergulhados em agua ha mais de cincoenta annos, em perfeito estado. Por cima estavam com apparencia de estragados, mas, dentro, conservavam-se como se tivessem sido tirados naquelle momento. Bastou debastar um pouco a parte externa enegrecida para encontrar o puro cerne, intacto, como se fosse verde..

Há uma madeira na região, então, que se torna mais rija depois de receber agua: é a aroeira. Em todo o Estado de Matto-Grosso o telegrapho é servido com postes de aroeira. E o interessante é que os taes postes, á primeira vista, parecem de paus podres, carcomidos pelo tempo. São cheios de desvãos e buracos, dando a impressão de pouco resistentes.

A aroeira é usada nas pontes na obra dos fundamentos, nas thesouras e nos logares de apoio. Os pisos são feitos, geralmente, de piúva, outra madeira de primeira ordem. A aroeira nem sempre pode ser usada em assoalhos porque para introducção de pregos torna-se necessario o emprego de perfurador especial, pois a broca commum parte-se ás primeiras voltas.

As pontes assim construidas duram tempo longo e só desmerecem quando alguma falta de technica vicia

uma das cabeceiras. Então, a agua das enchentes vae cavando lentamente a parte marginal em que ellas assentam e, um bello dia, uma corrente mais impetuosa leva-as quasi inteiras rio abaixo. Dizem os da região que “a ponte rodou”.

Outro factor para o estrago de pontes e pontilhões é o *caminhon*, que viaja quasi sempre super-lotado. O conductor de carros de carga vae estragando as estradas, e principalmente as pontes, sem se preocupar com quem vem atraz d'elle. E o *chauffeur* alli é um temerario: viaja sempre com a velocidade que dá a machina. Certa vez, em consequencia d'essa temeridade, na serra do Pico, caminho de Lageado, entre Cassununga e Batovy, um *chauffeur* e seu carro rolaram no despenhadeiro, indo de queda em queda até o fundo do abysmo. A felicidade do imprudente foi o carro ter a cabine de aço, coincidencia feliz que impediu a sua morte. O carro pertencia a um syrio chamado Maluff. Conta-se tambem, a proposito da velocidade dos carros na região, um episodio acontecido com um general e o conductor do seu automovel. O general notou a desabalada carreira do carro e perguntou ao *chauffeur*:

— Você conhece bem esta estrada?

O outro riu, com superioridade;

— Si conheço! ?...

— Pois, bem; vamos devagar, porque estou com pressa.

Queria dizer o militar que a marcha exaggerada o que poderia ocasionar era um desastre ou, no minimo, um desarranjo qualquer no vehiculo e uma espera

forçada á beira da estrada. Isso é uma verdade. Só quem teve a oportunidade de ver, como vimos, o trabalho herculeo de vencer certos passos, pode dar valor á prudencia, que, nessa região deve presidir a todos os actos de quem viaja. Muitas vezes o carro marcha com o emprego do *xicão*, macaco feito em madeira resistente e que não abandona o carro destinado para a estrada. Numa ladeira escorregadia ou ingreme o *chauffeur*, assim que o auto *enguiça*, emprega o *Xicão* na ponta trazeira da longarina da *carrosserie* e o carro tem que avançar, mesmo que seja aos centímetros... Motorista, ajudante e passageiros, nessa ocasião, têm que fazer força, empurrando o carro bons pedaços de estrada. A' tal incidente chamam pittorescamente de *viagem a braçolina*, em opposição ao commum das viagens que é feita á gazolina, sem o auxilio de braços nas rodas... Viemos a conhecer um proprietario de *caminhon* que levava ao exagero a prudencia; dizia elle — “segura o chapeo negrada” quando corria 40 kilometros... Trazia sempre no seu carro 6 *xicões*, sendo os dois maiores por elle alcunhados de “Papae-Noel”, não sabemos porque...

A povoação de Poxoreu possui mil habitantes e 305 casas. As cercanias são densamente habitadas por mais de quatro mil garimpeiros. A localisação é muito interessante: ao sopé do morro da Meza, uma das primeiras elevações da serra da Saudade. A povoação é banhada pelo rio Poguba, que, no logar corre em caudal impetuosa. Chamam tambem a esse rio de S. João. As aguas são claras e saborosas.

O primeiro garimpeiro que chegou ao lugar levantou seu rancho proximo ao rio, justamente no lugar em que existia mais probabilidades de encontrar o diamante. Os outros que chegaram depois foram seguindo o exemplo e hoje o povoado está edificado, em sua grande parte, na excavação do terreno que assignala a proximidade do rio. Foi um erro, porque a parte melhor do lugar é aquella por onde se entra, a mais alta.

Como está, ficou num buraco, onde, durante o dia, o calor é intenso e durante a noite o frio é insuportavel. Devido tudo a ser o lugar, que fica em verdadeiro poço, pouco varrido pelos ventos. No local em que está "o commercio" o diamante é tão encontrado que, mesmo hoje, ao ser derrubado um rancho para construir-se casa melhor, nos buracos das estacas são encontrados *chibius*. A maior *mancha* do lugar é justamente onde está a villa de Poxoreu. Depois de Poxoreu surgiram diversos garimpos, entre os quaes têm hoje significação os de : Raisingha, Pombas e S. Pedro. Nas cercanias de Poxoreu appareceu um garimpo de uma maneira toda especial. Ia um garimpeiro em direcção á villa quando sentiu sede. Ao encontrar um curso d'agua apeou do cavallo e procurou chegar-se ao rio para beber um pouco. Como a descida do barranco para chegar á agua era difficil, o homem procurou agarrar-se ao capim da borda do rio, para attingir a margem lá em baixo. Ao descer o barranco escorregou e com o peso do corpo arrancou o capim que segurava na mão, rolando na ladeira. Qual não foi o seu espanto quando verificou que nas raizes e reticulas do capim

que ainda conservava na mão contraída pelo susto, estava seguro um diamante de regular valor... A noticia propalou-se e dentro em pouco o logar tornou-se aldeia de ranchos, com seus cabarets e casas de jogo. Só neste logar tiraram mais de mil contos em diamantes. E logo depois explicou-se o phenomeno. O diamante era trazido do morro pelas aguas e ficava acamado e retido pelo capim ribeirinho. Novas aguas removiam e levavam a terra do morro, terra essa que vinha por sua vez soterrar o diamante já retido. Como abaixo do capim o leito era de piçarra o diamante não podia ficar muito soterrado, sendo, bem dizer, apanhado quasi á flor da terra. São innumerous os encontros de diamantes assim, por acaso. E a região do garimpo está cheia de taes relatos, que vão dando esperanças áquelles que ainda não foram bafejados pela sorte.

* * *

Os garimpos hoje já não são o logar perigoso de outros tempos, ha 15 annos passados. Nesse tempo a justiça alli era summaria. Bastava um *ronco* do chefe para que morresse muita gente. Por essa razão criou-se a phrase "justiça de Matto-Grosso", querendo definir-se com ella o valor do emprego costumeiro do revolver typo 44, então muito usado.

Conta-se que, ao tempo de um celebre Reginaldo, em Cassununga, vivia tambem no mesmo logar um tal Zezé Laboreau. Este ultimo era homem de *maos bofes*,

inimizado com todo o povoado. Gastador e mulherengo, não tinha amor sinão á sua *catra*, de onde tirava a media de uns dois contos de réis por dia.

Certo dia Zezé estava á porta do rancho, pensando na vida, quando passou um dos seus innumerados desafectos. Este, descuidadamente, por força do serviço, foi obrigado a passar pelo mesmo caminho, isto é, em frente ao rancho de Laboreau, umas cinco vezes. O mau homem não suportou o que tomou como desafio. Entrou e apanhou o "44". Quando o incauto voltava alvejou-o, ferindo-o de morte. Em 5 minutos a população de Cassununga foi informada do assassinato. E, como a morte fora injusta, o maioral, Reginaldo, armou sua gente e foi á procura do criminoso. Encontrou-o calmo, fumando o *palha* costumeiro. Depois de haver Laboreau explicado que matara porque a victima passara cinco vezes á sua porta, Reginaldo, por sua vez mandou que o fuzilassem alli mesmo, o que foi feito immediatamente. Assim se fazia a justiça. E, convenhamos, naquelle tempo e em meio tão primitivo não existia outro processo para defender o povoado contra a temibilidade de certos indesejaveis. O processo de hoje não tem dado resultado. Enquanto se procede ao inquerito o criminoso procura o rabula. Este, não perde tempo e entra com o celebre *habeas-corpus*, allegando qualquer coisa. Si o juiz não está de *olho aberto*, ou si o inquerito, como é commum, não está perfeito, o preso é posto em liberdade por força da lei feita para outros meios. A propria lei concorre, assim, para que o criminoso fique impune, solto, á espera da primeira

oportunidade para commetter outro crime. A instituição do *habeas-corporis* é, realmente, um grande avanço social, mas, quando applicada em meio que possa comprehender o alcance da medida: no garimpo é, como em muita região do Brasil, onde reside a ignorancia, um meio de fugir ao castigo, quando não é uma arma politica. Muito há a dizer-se sobre o assumpto, o que não pensamos fazer, conhecedores que somos do meio estudado e por havermos comprehendido as naturaes deficiencias de tal região, quasi primitiva.

* * *

Poxoreu tem um grande futuro. E' que as suas terras são excellentes, já produzindo a região grande quantidade de cereaes e productos de primeira necessidade. As cercanias da povoação são occupadas por fazendas de criação e chacaras, que agasalham já uma população laboriosa e fixada ao solo. Por essa razão Poxoreu é sortida de verduras, fructas e bom leite, o que não acontece em Lageado, cujas terras pobres não prendem nem os que desanimaram dos garimpos. Tem tal facto motivado a sahida de grande numero de trabalhadores do municipio de Santa Rita, que na região de Poxoreu encontram o diamante ao lado da boa terra de cultura.

* * *

O garimpeiro é por, excellencia, um temperamento de jogador ; elle acredita que “a sua pedra” está reservada para si e por essa razão procura-a com perseverança. O trabalho é duro. Vimos em “Coité”, proximo ao povoado de Poxoreu, um serviço estafante. A escavação era feita proxima ao correjo e logo á pequena profundidade encontrava-se agua. Avalie-se o trabalho d’esses pobres homens em tal garimpo !... Escavando a terra com instrumentos simples como a picarêta e a enxada e o serviço inundado a cada instante pela agua !... Dois homens no fundo de um buraco de regular profundidade, com as pernas atoladas, enchiam latas de kerosene e jogavam para cima, enquanto outros esvasiavam a agua a toda pressa... A parada de um momento significa a perda do serviço, pois a finalidade do garimpeiro é retirar o cascalho até o logar onde se encontra a piçarra.

No “Coité” o garimpo é “para murro duro”, isto é, para aquelles que não desanimam com o trabalho em demasia. Em compensação quando o diamante apparece alli é compensador : os *chibius* são grandes e bellos.

Em Poxoreu, como aliás em todo o garimpo, ultimamente devido á concorrência tem surgido muita deshonestidade ; já existem garimpeiros, em grande numero, que enganam os patrões. O patrão, confiante, dá tudo e o garimpeiro sonéga muitas vezes o diamante encontrado.

Tambem ha casos em que o trabalhador exgotta suas energias annos a fio, sem encontrar cousa alguma.

Conta-se a esse respeito muita historia veridica. Certa vez trabalhava um homem lavando suas ultimas porções de cascalho quando vio que se aproximava um capangueiro conhecido. O malicioso bahiano, que já havia “queimado” a ultima porção do cascalho, isto é, já havia verificado não conter ella um pequeno diamante sequer, disfarçadamente retirou uma parte do material já lavado e pôz na bateia fingindo entreter-se a lava-lo. Neste instante chega o capangueiro e pergunta-lhe se quer vinte mil réis pelo resto do cascalho que estava “bateiando”. E’ bem de vêr que o garimpeiro, sabendo que alli nada de valôr existia, acceitou a oferta. E passou a “escrever”, isto é, a apurar a lavagem do resto do cascalho contido na bateia. Qual não foi a sua surpresa, porem, vendo surgir uma pedra de quatro contos e tanto!... Foi castigada a sua deshonestidade. E’ muito commum escapar á “apuração” um *chibiu*. Lavar cascalho não é operação facil. Nós mesmos verificamos que qualquer homem pode ser enganado no momento da lavagem. Esta é feita geralmente por mais de um homem, normalmente por dois. Um segura a bateia de um lado, enquanto o outro fica do lado oppôsto. No momento da apuração do resto do cascalho, quando vão “escrever” e o garimpeiro com uma das mãos procura afastar as camadas de cascalho fino, pode apprehender sorrrateiramente entre os dedos a pedra que elle vio passar em um instante. Foi o que aconteceu á nossa vista. O garimpeiro propôz-se demonstrar como se podia furtar. Acompanhavamos, com todos os sentidos alerta e não vimos brilhar cousa alguma pa-

recida com o diamante. Quando o homem acabou de lavar mostrou, entre o indicador e o dedo maior da mão direita, um *chibiu* que havia subtraído e que tinha, aproximadamente, uns quatro grãos, isto é, um kilate...

De outra feita um celebre "finorio" ao apurar o cascalho com outros dois, que eram "curáus" (nome dado aos que não conhecem absolutamente o serviço) tomou de uma pedra de regular tamanho que vira na bateia e exclamou em tom de gracejo :

— Si eu achasse um carbonato deste tamanho estava com a vida ganha...

E, incontinentemente, lançou o carbonato, pois era um legitimo carbonato de grande valor, na orla do matto. Pouco depois, quando os dois companheiros se afastaram, foi o esperto ladrão á cata da pedra vendendo-a por mais de vinte contos.

E' conhecido outro episodio acontecido proximo a Rosario Oeste. Um "curáu" encontrou uma pedra que lhe inspirou duvidas. Procurou um companheiro mais pratico e perguntou se aquillo tinha algum valor. O outro enganou-o : respondeu que o achado era um seixo qualquer. Não se deu por convencido o "curáu" e tomou o caminho da villa. Lá chegado e abordado por um capangueiro mostrou o seu achado. O seu mal foi perguntar se a pedra possuia algum valor. O "capangueiro", percebendo a inocencia do interlocutor fez cara de desprezo e disse — Isso não vale nada... e ao ver que o "curáu" se dirigia para outro lado accrescentou : como você andou tanto pensando que

isso valia alguma coisa vou lhe dar vinte mil réis por ella...

O geito que teve o garimpeiro foi aceitar, dada a situação de miseria em que se encontrava. O "capan-gueiro" vendeu a *pedra sem valor* por trezentos contos !...

Quando nos encontravamos em Poxoreu pela segunda vez tomamos conhecimento de outro caso interessante. Comprava diamantes alli um syrio, cujas finanças não eram das melhores. E o trapaceiro procurou safar-se da situação em que se encontrava. Entrou em entendimento com um garimpeiro e forneceu-lhe uma pedra quasi sem valor algum. A *chantage* consistio em ser corada a pedra por processo chimico. Os diamantes de cor azul, verde e rosa têm ás vezes o triplo do valor do diamante branco, quando não attingem preços phantasticos. O garimpeiro foi á sua catra é lá, num momento dado da lavagem, por um true qualquer, fingio encontrar a pedra. Foi um successo — tiros e mais tiros solemnizando o achado. Logo a pedra foi vendida ao proprio bemfeitor do garimpeiro, obtendo alto preço. O comprador, entretanto, examinando com mais cautela o diamante, verificou haver sido enganado, dando parte á policia. Esta agio e descobriu toda a trama, tendo sido o syrio obrigado a devolver o dinheiro que já estava em suas mãos.

* * *

O trabalho do diamante é feito em qualquer logar que o entendido acha que é provavel o encontro. Os

indícios da presença da valiosa pedra são dados pela aglomeração de um cascalho característico e pelo achado das *formas*, ás quaes nos referimos mais atraz. Achado um logar que dá diamante para alli afflue logo uma verdadeira caudal humana. Si o terreno tem proprietario entram em entendimento com elle e marcam no sólo as suas "frentes" de serviço. Compõe-se a frente de um certo numero de palmos, geralmente vinte. O garimpeiro marca os seus vinte palmos quadrados aos quaes chama de "catra". O trabalho consiste em escavar no espaço quadrado até ser encontrada a piçarra. Uma grande esperança toma o trabalhador quando o trabalho dá muito "emburrado". "Emburrado" é a pedra de regular tamanho, algumas até de setenta ou oitenta kilos.

Enquanto um trabalhador cava o outro vae afastando a terra e o cascalho e separando para um canto este ultimo. E' o cascalho que, ulteriormente, será lavado. Antes é o mesmo passado no "rálo", feito geralmente de bacias de folha que são perfuradas em todo o fundo, rudimentarmente, por meio de pregos. A operação no "rálo" serve para isolar a areia do verdadeiro cascalho, que fica retido. Nos serviços onde existe agua, denominados "grupiaras", a lavagem do cascalho nas "bateias" não é tão extafante. O contrario acontece quando o garimpeiro trabalha em "monchão" (parte qualquer, sem agua) e tem que transportar o seu cascalho até a agua mais proxima. A palavra "monchão" é corruptela de manchão, mancha grande. Até hoje ainda usa o garimpeiro da palavra "mancha" para de-

signar uma parte do terreno onde são encontrados muitos diamantes.

Outro processo para adquirir o diamante é o “regó d’agua”. Consiste em escavar um regó, partindo de um ponto qualquer onde haja agua com fartura, até o logar onde há possibilidade de encontrar o diamante. Muitas vezes o unico trabalho no “regó d’agua” é o de verificar na corrente o que por alli passa. Vimos rêgos d’agua que são verdadeiras obras de engenharia. Outro meio de aquisição é o trabalho no leito dos rios e correços. Neste caso usam do escaphandro. Muitas vezes a ousadia do garimpeiro chega ás raias do absurdo : ousa elle desviar o curso de certos rios para trabalhar mais commodamente no leito. E foram muitos os correços que vimos desviados por simples homens ajudados por instrumentos quasi primitivos.

* * *

No leito dos rios o trabalho da busca do cascalho é feito com o escaphandro. E o apparelho é de fabricação nacional, feito em São Paulo, não sendo como o que se usa no mar, inteiro ; tem cabeça de cobre, hombreiras, ganchos para os pesos do peito e das costas e vae somente até um pouco abaixo da cintura. A visada se faz por um vidro grosso colocado á frente e no logar dos ouvidos. O mangueiro é um tubo estreito e muitas vezes os destemidos garimpeiros concertam o dito mangueiro com tálos de mamão.

E' muito interessante assistir ao trabalho em esca-phandro. Os homens não são escolhidos ; são os que querem mergulhar. E o relato de um d'elles, que, pela primeira vez usara o apparatus é emocionante.

Ahi vae.

“Cheguei e me offereci para mergulhar. O homem que estava encarregado do serviço foi me dizendo :

— Menino, você não aguenta... Olhei para elle e respondi que tudo ficava sob minha responsabilidade. Confesso que empallideci quando me vi apertado em tão extranha vestimenta. O capacete pesava-me como uma tonelada de chumbo e a incidencia do collar sobre os ossos dos hombros dava-me a impressão de que ia quebra-los... Quando começaram a ajustar a parte do peito parece que a minha physionomia demonstrava qualquer impressão de angustia, pois os circumstantes puzeram-se a caçoar commigo. Reagi ao mêdo que me dominava e deixei que atarraxassem a parte anterior da cabeça, correspondente á viseira. Ao signal de — prompto — mergulhei e a sensação de ar quente que penetrava pela propulsão da bomba nos primeiros momentos de trabalho deu-me a impressão de que ia morrer sufocado ! Resvalei para o fundo do rio e comecei então a ouvir, como marteladas, o “clac-clac” das valvulas que davam entrada ao ar... Aos poucos a sensação primeira de angustia foi se esvaindo, amenisada pelo ar fresco que eu aspirava a plenos pulmões. Cobrei confiança e fui á procura do cascalho. O diamante sempre me fascinou e o perigo foi esquecido em poucos momentos. Só o que me atormentava era o latejar das ar-

terias da frente e uma dôr de cabeça que augmentava assustadoramente. Tudo supportaria, entretanto, se não fosse não poder me manter equilibrado no fundo do rio ; parecia que eu era um pneumatico cheio de ar . . . Quando procurava firmar o pé, qualquer movimento do liquido deslocava-me em cheio para onde eu não queria ir. Dei o signal de sahida. Quando me tiraram o escaphandro estava desolado : verificara não prestar para o serviço. Foi quando um velho me confortou :

— Qual o que menino ; você vae dar bom mergulhador. Você não se firmou lá no fundo porque esta macacada estava bolindo com você. Ora elles mandavam muito ar, ora bombavam pouco — tudo sem regularidade. Si você fosse pratico, quando se sentisse leve com a grande quantidade de ar dentro do apparelho, bastava suspender os dois braços para que o ar em excesso se escapasse por baixo, pelo *sovaco*. Quando sentisse pouco ar contivesse a respiração. Elles judiaram com você mas para outra vez você fará melhor figura. De facto. Desci outra vez e me comportei melhor. Desci muitas vezes depois e varias d'ellas arrotei com perigos sem me sahir mal. O velho tinha razão”.

Um dos serios perigos para o escaphandrista é o das correntes e rebôjos das profundidades. Muitos homens têm perdido a vida jogados pela corrente e enganchados em páos, sem que haja tempo de traze-los á tona. Outras vezes a morte toma o incauto por causa da sua imprudencia ; houve mergulhadores que não respeitavam as suas condições phisicas e mettiam-se no apparelho mesmo depois de haverem comido bastante. E

o mais interessante é que, retirado o cadaver, ainda sujo o interior do aparelho pelos restos de vomitos dos apoplecticos, há sempre bastante candidato para o escaphandro. O garimpeiro encara a morte em taes condições como uma coisa natural e nem por isso deixa de "fazer o seu jogo," isto é, de tentar a busca do precioso diamante que vio em sonhos ou em sua imaginação febricitante de aventureiro.

No leito do Araguaya, de uma feita, desceu um bom mergulhador. O lugar era fundo e perigoso. Quando o homem já estava ha algum tempo dentro d'agua pedio, por signal convencionado, mais mangueiro. Cá de cima soltaram algumas braças de tubo. O homem pedio mais e mais, até que não havia mais tubo a fornecer. E o mergulhador continuava a vibrar o mangueiro com insistencia. Não havendo mais possibilidade de satisfazer ao escaphandrista, temerosos os ajudantes que estavam no sêcco que houvesse acontecido alguma cousa seria ao homem lá de baixo, içaram o aparelho apesar da resistencia que sentiam da parte do mergulhador. Pensavam tratar-se de algum sucury, um tronco de arvore que estivesse arrastando o escaphandrista, etc. E, quando sahio o aparelho, mal retiraram o capacete ouviram furiosa descompostura. Contou o escaphandrista que seguira um diamante, avaliado por si em mais de trinta kilates. A pedra fugia das suas mãos com a corrente e o homem, enlouquecido pela cobiça, não imaginando que pudesse terminar o mangueiro fornecedor de ar, pedia mais e mais tubo. Achava elle que deviam ter cortado o mangueiro... Nessa oc-

casião desceram mais de dez homens sem enxergar mais a valiosa pedra. Em taes condições o homem que opera tem que ter muita calma e bastante pratica. Tentar agarrar um diamante que foge com a corrente é tempo perdido. E' preciso tomar a sua frente e fazer remanso com as mãos ; com uma das mãos faz-se antepara, enquanto a outra mão vae aos poucos impulsionando a agua, até o momento da pedra ficar entre as duas mãos. Nesse instante a pedra não pode mais escapar.

CAPITULO IX

As visitas do coronel Fawcett a Matto Grosso

Muito se falou e ainda se fala sobre o celebre Coronel Fawcett, que mysteriosamente veio a Matto Grosso em busca de uma cidade desconhecida. Resolvemos tambem pesquisar o assumpto, que, em parte, continua ainda envolto em mysterio, nem só por causa da desmedida invencionice de exploradores falsos, como tambem porque o subito desaparecimento de um homem de certa importancia concorreu para que os fabricantes de noticias sensacionaes dessem azas ao seu commercio.

Este livro, sendo como é, um espelho que reflete ou procura refletir com fidelidade aquillo que o seu autor percebeu, não poderia deixar de focalisar o assumpto Fawcett, tão debatido e esmiuçado em todo o norte de Matto Grosso. E' com essa desculpa que abordamos o assumpto, tendo procurado nas fontes mais puras os elementos de elucidação do mysterio que paira ainda sobre as excursões e desaparecimento do conhecido explorador inglez. Em Cuiabá, hoje, somente dois logares guardam memoria do sertanista anglo-saxonio: o Museu D. José do Dr. Euphrasio Cunha e o Snr. José

Gama, proprietario do Hotel Gama, onde se hospedava o Snr. Fawcett. O Museu D. José retem com carinho diversas lembranças do explorador, tendo o seu proprietario organizado uma pequena secção com objectos, cartas e outros pertences do mallogrado Coronel inglez. Foi ahi nesse Museu que conseguimos a melhor documentação sobre o assumpto, dada a dedicação com que o distincto Dr. Euphrasio Cunha cuida de todos os acontecimentos que digam de perto com a evolução e tradições de Matto Grosso.

Alem dos elementos colhidos com o Dr. Euphrasio Cunha conseguimos mais elucidacões com um distincto engenheiro, companheiro de viagem de Fawcett e que, tendo conhecimento da lingua ingleza, foi dos primeiros a entreter relações com o estrangeiro, mantendo durante cerca de oito dias conversa diaria e constante com elle. Isso aconteceu quando da primeira incursão de Fawcett, quando este vinha de Corumbá para Cuiabá. As informacões citadas nos mereceram toda a fé porque quem nas fornecia era e é um homem de vastos recursos intellectuaes, de cultura multiforme, em a qual os conhecimentos especializados da geodesia e astronomia não são pequenos. Não desvendamos o seu nome porque a modestia do cidadão em apreço não nos permite. Digamos que o seu nome seja Dr. Oliveira.

Pois o Dr. Oliveira tem sua opinião formada sobre Fawcett. Diz elle que o inglez não era tão culto como geralmente se suppõe. A cultura do explorador era um mixto de conhecimentos uteis e praticos e uma grande parte de outros que primavam pela indecisão. Em tudo

transparecia o mysticismo ; sendo o eu de Fawcett essencialmente mystico. No modo de ver do Dr. Oliveira o Coronel Fawcett primava em salientar a sua face mystica e *muitas vezes se referia as suas excursões como sendo em busca de cidades desaparecidas e reveladas por meios sobrenaturaes*. Em um homem pratico como Fawcett, que já havia soffrido os horrores da guerra e havia convivido muito tempo na India, toda a acquisição intellectual estava sujeita a um philtro de superstição inacreditavel em exploradores da sua raça. Tudo isso fazia suppor ao Dr. Oliveira que Fawcett occultava o verdadeiro interesse das suas explorações ; quem sabe não teria vindo de facto em busca das lendarias minas dos Martiros? Fawcett era de compleição forte, apparentando uns sessenta annos e mais alto que baixo. Era major reformado do Exercito inglez, tendo pertencido á Guarda Imperial e servido tanto na India como na Grande Guerra. Pertencia a Royal Geographical Society e tinha participado como Commissario na Commissão Mixta de demarcação de fronteiras surgida com o Tratado de Petropolis, e, havia trabalhado no levantamento das cabeceiras do rio Verde, como representante da Bolivia.

Fawcett sempre se hospedava no Hotel Gama, em Cuiabá, onde fez grande camaradagem com o Snr. Gama, proprietario do mesmo Hotel. Gama era muito apreciado por Fawcett. O Coronel inglez, aliás, era de uma simplicidade educada e elegante. Possuia, alem d'isso, genio verdadeiramente artistico e finamente critico. Na sala que occupara no hotel que nomeámos

deixou alguns debuxos que demonstram o seu grande talento caricatural e esthetico. Em alguns d'esses desenhos chegou a aproveitar os proprios contornos dos vidros partidos das portas da sala que habitava. Num d'elles fez uma magnifica caricatura do Barão do Rio Branco ; noutra a cara de um judeu. Levado, naturalmente pela sympathia que lhe inspirava o Gama, traçou-lhe o perfil em um dos ditos vidros com felicidade rara, não esquecendo os minimos detalhes physionomicos. Nesse ultimo risco escreveu : “um bom patrão” — querendo assim, mais uma vez deixar bem clara a bondade do proprietario do hotel.

Entre as caricaturas deixadas por Fawcett destacam-se as seguintes : o corcoveio do cavallo montado por valente sertanejo ; o galgar de uma serrania por caipira montado em cavallo manso ; o caipira e o seu cão. De todas, talvez, defina melhor o character do autor uma onde se vêem tres figuras — um sertanejo a comer ao lado de um burro sentado como gente em uma tranqueira e que come tambem, do outro lado um cão tambem sentado e com a physionomia do desconsolo. Essa caricatura tem o seguinte distico : “Matula no sertão”.

Em uma das suas permanencias em Cuiabá, Fawcett demorou-se cerca de um mez no Hotel Gama. De lá partio para o sertão rumando a fazenda Rio Novo, do Snr. Hermenegildo Galvão. Levava alguns cães, alguns camaradas, viveres e outros objectos indispensaveis. Essa foi a ultima vez que o Coronel Fawcett foi visto em Cuiabá.

A primeira noticia do Coronel Fawcett foi dada pela Comissão Rondon. Em meados de Outubro de 1920 voltavam do Posto Bacaeris, situado á margem direita do rio Paranatinga, proximo cerca de meia legua das cabeceiras do Romeiro, aguas do Xingú, elementos da Comissão Rondon chefiados pelo então Capitão Ramiro Noronha, que vinha de concluir a montagem do referido posto. Estava o Capitão e seus companheiros ha dois dias de viagem de Bacaeris quando encontraram o Coronel inglez P. H. Fawcett e o jovem americano Ernest Holtt, de Montgomery, U. S. A.

O Capitão Noronha, em attenção aos estrangeiros, retrocedeu ao Posto de Bacaeris com toda a sua gente, tendo prestado utilissimas informações ao Snr. Fawcett e seu companheiro. Separaram-se somente no Posto, tendo, entretanto, o official brasileiro cedido um homem pratico ao explorador inglez para que o acompanhasse sertão a dentro. O guia deixou Fawcett a quatro kilometros de marcha ao norte, tendo antes, attendendo á solicitação do inglez, indicado o divisor Paranatinga-Xingú. Por ahi penetraram os dois viajantes a cavallo, conduzindo dois bois cargueiros e dois cães.

Um mez depois d'esses acontecimentos chegava a Bacaeris, a pé, o Snr. Holtt, solicitando soccorros para o Cel. Fawcett, que ficara muito atraz, não tendo tido mais forças para proseguir a viagem até aquelle posto. Os soccorros foram enviados e Fawcett conseguiu d'esta vez voltar ao convivio dos civilizados. Nos primeiros dias de Dezembro do mesmo anno de 1920 chegaram

os exploradores de volta a Cuiabá, de onde seguiram viagem para o Rio de Janeiro.

Em Março ou Abril do anno seguinte de 1921, voltou o Coronel Fawcett a Cuiabá, onde se demorou somente alguns dias, retrocedendo novamente para a capital do paiz. E não mais se falou nesse curioso personagem até o anno de 1925, quando fez elle a sua ultima viagem á capital de Matto Grosso. D'esta ultima vez appareceu sem o seu antigo companheiro de viagem Holtt ; acompanhavam-no dois jovens, o seu filho Jacques Fawcett e um outro personagem o Snr. Roxor Rimell.

Fawcett e seus dois companheiros internaram-se no sertão tomando a direcção da Fazenda Rio Novo, como ficou dito mais atraz. Nesta fazenda permaneceram os itinerantes alguns dias, tendo ao partir adquirido do proprietario tres burros para a viagem. Tres mezes depois do internamento do Coronel e seus dois companheiros appareceu na fazenda um dos cães que havia acompanhado os excursionistas.

Conta o Coronel Hermenegildo Galvão, proprietario da fazenda Rio Novo, que antes da chegada do cão tivera maõ presagio (sic) com a invasão de sua casa por um bando innumero de andorinhas negras. Taes passaros haviam expulsado duas andorinhas mansas que viviam nos beirões de sua casa e depois retrocederam em vôos largos para o logar de onde tinham vindo, justamente aquelle por onde tinha seguido Fawcett e seus dois companheiros.

Nessa ultima arremettida sertão a dentro Fawcett alcançou o Posto de Bacaeris, onde contractou alguns indios para que o levasse Kurisevo abaixo. Esses mesmos indios, antes, confeccionaram canôas para a dita viagem, semelhantes ás que usavam, isto é, de casca de jatobá. Soube-se que desceram até os indios Iana-huquás, que ficam na forquilha deste rio com o Kuluene, entre os parallellos 12.º e 13.º D'este ponto retrocederam os guias Bacaeris. E nada mais se sabe dos intrepidados aventureiros.

Na secca de 1926 esteve nesse ultimo ponto o protestante americano Dr. Leonardo L. Leglers, trazendo uma photographia de uma criança de uma turma de Calapalos (indios Ianahuquás que vivem mais proximos do Kuluene) de olhos azues e cabellos louros, com a idade presumivel de cinco mezes naquella epoca, primeiros dias de Agosto de 1926. Talvez fosse essa photographia o ultimo vestigio de Fawcett e sua comitiva.

Depois d'isso diversos aventureiros têm tentado penetrar o segredo do desaparecimento do Coronel inglez, sem resultado. Até agora a unica missão honesta foi a de Dyott. Suppõe este que Fawcett e seus dois companheiros foram trucidados pelos indios, depois de haverem atravessado o rio e Posto Kuluene. Não acreditamos. O facto de haver sido encontrada uma photographia de criança com aspecto francamente saxonio, induz a crer que Fawcett teve contacto amigavel com os indios e que por lá permanceu algum tempo, a ponto de ter podido haver cruzamento entre um membro da expedição e uma india. O que nos parece é que Fawcett

ficou prisioneiro entre os índios e até agora não foi possível encontrar as suas pegadas.

Tudo faz crer que o Coronel inglez andava bastante interessado com as suas penetrações em Matto Grosso. Ou fosse porque realmente procurava uma cidade antiga, ou porque estivesse escondendo os motivos reaes de suas explorações, o certo é que por tres vezes procurou se internar nos sertões, tendo preparado a sua ultima viagem com todo o cuidado. De março de 1921 até ao anno de 1925 esteve ausente do Brasil preparando a sua ultima viagem. A sua primeira penetração deu-lhe alguns indicios sobre o que procurava, pois, sem elementos e sem saúde para proseguir, voltou ao convívio dos civilizados e só tornou ás selvas quando se sentio com elementos bastantes para poder vencer as difficuldades encontradas na primeira viagem. Isso está fora de duvida. O facto tambem de ter vindo em sua ultima viagem com o proprio filho faz crer que o explorador já se sentia mais seguro do caminho a percorrer.

O certo é que em Matto Grosso, na parte norte do Estado, existem muitas surpresas. Os que por algum lado têm perambulado têm vindo a contar verdadeiras maravilhas. Si é certo que muito do que se relata é phantasia, não está fora da verdade o suppor-se que esse *divortium aquarium* entre as bacias do Amazonas e Prata deve occultar immensas riquezas assim como innumerous perigos advindos de índios, que nem sequer ainda foram identificados.

Quando da primeira viagem do Coronel Fawcett á selva encontrando-se elle com o então Capitão Ramiro Noronha teve com o mesmo, durante alguns dias de convívio, longas conversações.

Relatou-lhe Fawcett que tendo estado na Bolivia, lá convivera cerca de dois annos com os Nhambiquaras da fronteira com o Brasil, região do Guaporé. Com a tal tribu obteve de um indio chamado Santo, de quem era amigo, um baixo relêvo esculpido num rectangulo de schisto cinzento escuro, medindo uns seis pés por vinte centímetros e representando um desenho com apparencia de figuras egypcias antigas ou, possivelmente, de epochas mais remotas. Juntando acção á palavra mostrou ao Capitão Noronha o objecto de que falava, dizendo-lhe considerar o mesmo a chave de suas futuras descobertas, pois estava de posse de um amulêto ou talisman que lhe permittiria descobrir o berço da civilização actual. — A ATLANTIDA. Disse mais que fora informado pelos Nhambiquaras que aquelle talisman tinha vindo do nascente. Narrou que da região do Guaporé se transportou para as Guianas com o fim de estudar os habitos e a vida dos selvicolas d'aquellas paragens. Quando d'essa ultima estadia é que ficara sabedor da existencia de uma cidade antiga para as bandas do sul. E, combinando os dois rumos, Fawcett vio refulgir como por encanto, fixada com a precisão de duas coordenadas geographicas, nas cabeceiras do Xingú, a cidade berço que lhe contaria os segredos da ultima ronda.

Ainda mostrou o Coronel Fawcett varios hieroglyphos que conduzia, todos bem talhados, medindo cada um cerca de oito milímetros, fixados num rectangulo e ao mesmo tempo, abrindo um livro de notas, no qual tinha colleccionado em bons desenhos muitos signaes da escripta dos povos antigos, fez, entre elles um estudo comparativo, pelo qual, muitos sendo de graphia identica, tinham sido decifrados, com excepção de dois d'elles. O anthropologista inglez manifestava uma confiança quasi mysteriosa no futuro que lhe aguardava dentro do immenso sertão, cheio de perigos e segredos. Esperava que na sua curiosa peregrinação nada lhe aconteceria, nada lhe faltaria; captivaria a confiança dos indios com os quaes havia de fatalmente se encontrar. Pensava poder tudo obter d'elles nem só pelo poder magnetico que possuia, como tambem porque aquellas pequenas esculpturas afastariam quaesquer difficuldades ou obstaculos que lhe quizessem oppor, tanto os aborigenes das selvas como os proprios guardas da cidade que ia descobrir.

Em conversa, o Capitão Ramiro Noronha relatou então certas lendas que corriam como verdades em todo o Estado de Matto Grosso, tanto entre indios como entre civilizados. E contou o que se falava sobre os "indios morcegos". Diziam que estes indios são brancos, de olhos azues ou pardos e que só sahem dos seus esconderijos durante a noite, quando podem enxergar. Respondeu então o Coronel inglez que isso não era lenda e sim uma verdade incontestavel. E explicou a razão: quando os indios do oriente da America vieram para as

regiões das cordilheiras, ou melhor, para o occidente, foram elles expulsos por outros povos mais fortes (Incas, Aztecas). Nesta epoca houve um verdadeiro exodo pelo grande divisor Prata-Amazonas e os que fugiam comsigo trouxeram seus prisioneiros; estes foram por muito tempo conservados em custodia e retidos em verdadeiros subterraneos. D'ahi essa gente da qual o Capitão falara, dizia o Cel. Fawcett, e que só podia enxergar á noite por haver nascido na escuridão, tendo sido, alem disso, guardada por muito tempo em subterraneos.

Terminada a conversa convidou o hospede ao hospedeiro que o acompanhasse na exploração que pretendia fazer e accrescentou com um sorriso mysterioso: "Si encontrasse tambem pedras e metaes preciosos seria um bom achado". Essa conversa toda foi ouvida por Holtt e as ultimas palavras de Fawcett foram de confiança no seu proprio poder da vontade, pois, como dizia, *com o magnetismo traria todos os que quizesse ao seu dominio.*

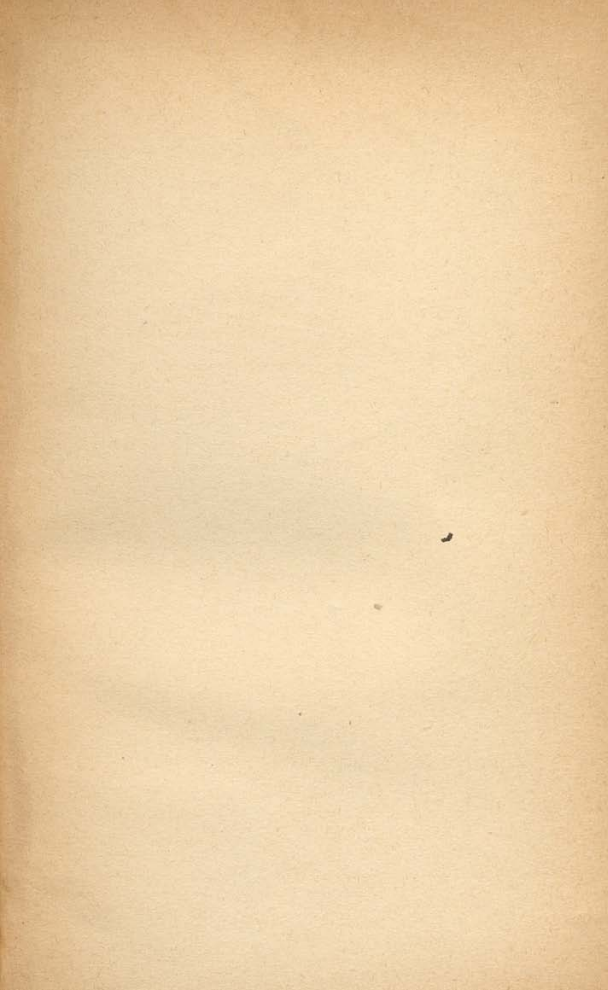
Por essa conversa percebe-se que Fawcett não era um desprendido dos bens terrenos; elle assignalou bem, no final, *que não seria máo se encontrasse ouro ou pedras preciosas.*

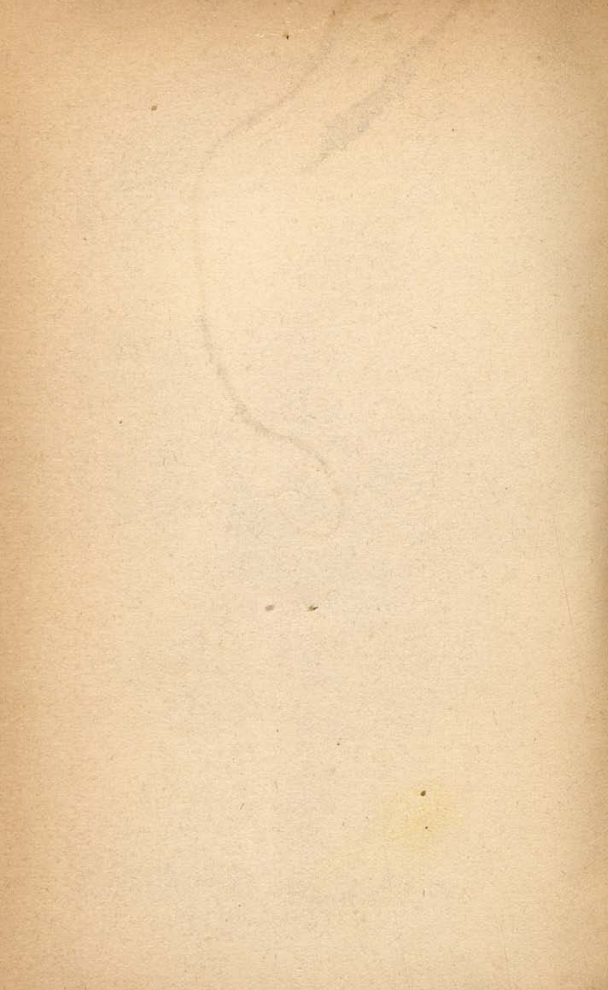
Quasi a mesma historia contada ao Capitão Noronha foi contada ao Coronel Hermenegildo Galvão, em Rio Novo. A este ultimo contou mais que tambem lhe tinham- feito uma prophecia notavel. Um indio lhe dissera que voltasse á Inglaterra, pois que a sua Senhora havia dado á luz a um filho que era do sexo masculino e que tomara o nome de Jacques. Accrescentou o in-

dio que este seu filho seria o seu futuro companheiro na descoberta da cidade desconhecida ; que, provavelmente, quando penetrasse pela ultima vez nas selvas, havia de ficar prisioneiro dos indios pelo espaço de um anno ; que a sua liberdade seria obtida com o casamento do seu filho com uma das mulheres indias da tribu. Contou, então, Fawcett que a surpresa foi grande quando, de volta á Inglaterra, encontrou o seu filho e soube que o mesmo tomara o nome de Jacques. A realização do vaticinio influio poderosamente no espirito do Cel. inglez e dizia elle que um dos motivos por que penetrava no sertão bruto era a curiosidade de ver si se realisava a parte final da prophecia.

Todas essas cousas eram enunciadas por Fawcett com convicção, fazendo suppor que quando por acaso intuito de fraude houvesse nos seus relatos, estava fora de duvida que o explorador se havia imbuído da veracidade de suas affirmações.

Ao nosso ver o Coronel inglez não foi trucidado ; identificou-se com os indios, dado o seu character, e por ultimo um membro da commissão entreteve relações com uma india. A prova da veracidade do que affirmamos é o facto de haver sido encontrada uma photographia de uma creança com traços saxonios em plena selva. O Coronel Fawcett e seus companheiros tinham alguma razão para não dar signal de vida. A prova de que não tinham sido maltratados pelos indios está no facto do cruzamento de um membro da expedição com uma india. Por que então não deram signal de vida ? Eis o verdadeiro segredo do Cel. Fawcett.





BRASILIANA

5.ª SERIE da

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO



Ultimos volumes publicados: (*)

- 150 — ROY NASH: **A Conquista do Brasil** — Tradução de Moacyr N. Vasconcellos — Edição ilustrada.
- 151 — A. C. TAVARES BASTOS: **Os males do Presente e as esperanças do Futuro** — Estudos Brasileiros — Prefacio e notas de Cassiano Tavares Bastos.
- 152 — J. F. NORMANO: **Evolução Economica do Brasil** — Tradução de T. Quartim Barbosa, R. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.
- 153 — MARIO MATOS: **Machado de Assis** — (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor). Edição ilustrada.
- 154 — CARLOS FR. PHIL. VON MARTIUS: **Natureza, dcenças, medicina e remedios dos Indios Brasileiros (1844)** — Tradução, prefacio e notas do Dr. Pirajá da Silva. Edição ilustrada.
- 155 — LEMOS BRITO: **Pontos de partida para a Historia Economica do Brasil.**
- 156 — ALFRED RUSSEL WALLACE: **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro.** Tradução de Orlando Torres. Prefacio de Basilio de Magalhães — Edição ilustrada.
- 157 — OTAVIO TARQUINIO DE SOUSA: **Evaristo da Veiga** — Edição ilustrada.
- 158 — WALTER SPALDING: **A Revolução Farroupilha** (Historia popular do grande decenio — 1835-1845) — Edição ilustrada.
- 159 — CARLOS SEIDLER: **Historia das Guerras e Revoluções do Brasil (de 1825 a 1835).** Tradução e notas de Alfredo de Carvalho. Prefacio de Silvio Cravo.
- 160 — LUIZ AMARAL: **Historia Geral da Agricultura Brasileira** — No triplice aspecto Politico-Social-Economico — 1.º tomo.
- 161 — REZENDE RUBIM: **Reservas de Brasilidade** — Edição ilustrada.
- 162 — BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA: **O Pau-Brasil na Historia Nacional** — Edição ilustrada.
- 163 — MAJOR LIMA FIGUEIREDO: **Indios do Brasil** — Edição ilustrada.

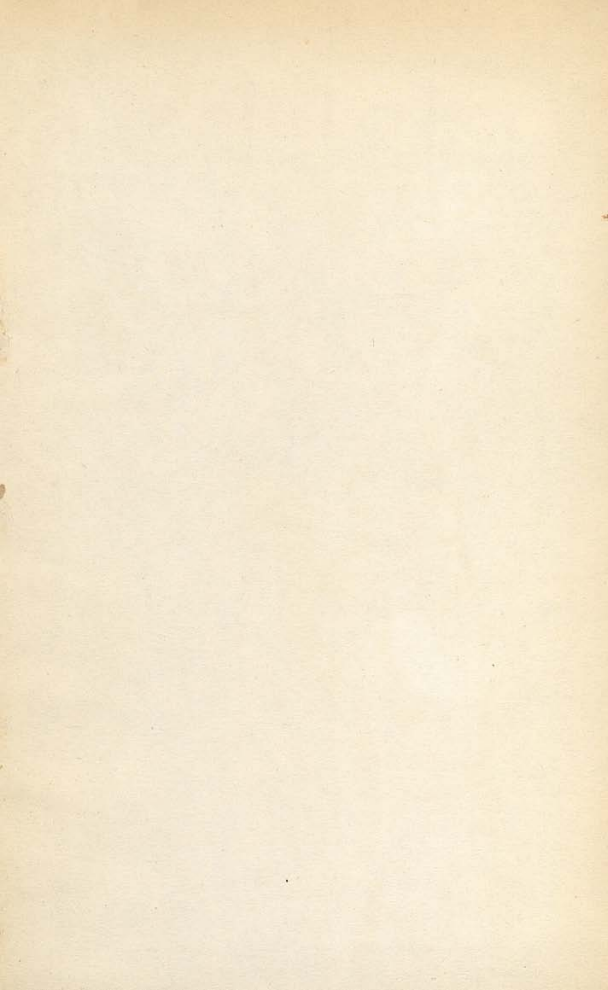
(*) Para lista completa dos volumes desta serie vide pags. 1 a 5 no texto deste livro.

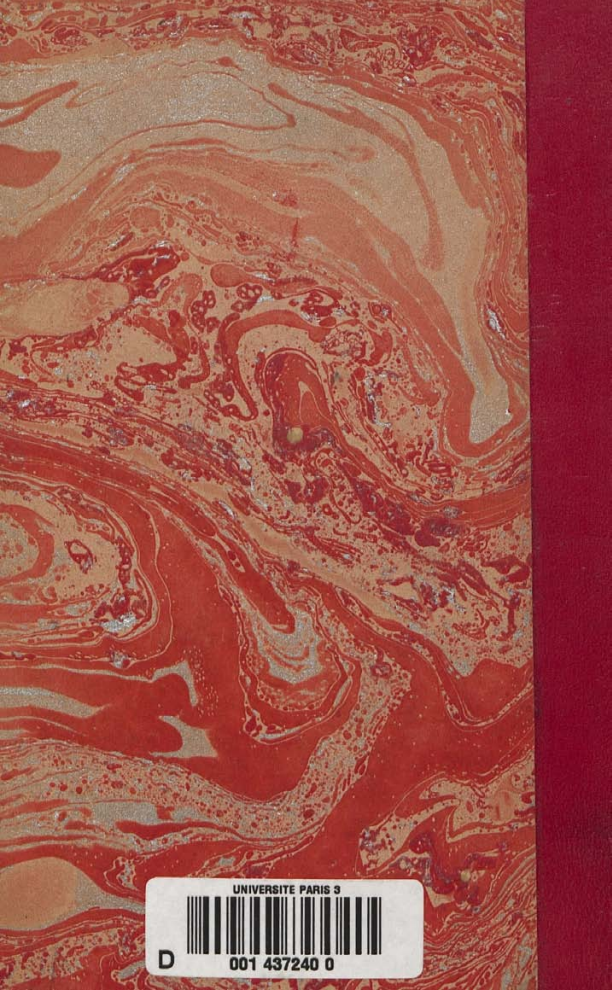
PROXIMAS PUBLICAÇÕES:

- PADRE ANTONIO COLBACCHINI: **Os Boróros Orientais (Orarimugudogé).** Contribuição da Missão Salesiana de Mato-Grosso para o Estudo de Etnografia Brasileira.
- CARLOS RUBENS: **Pequena Historia das Artes Plasticas no Brasil.**
- RICHARD F. BURTON: **Viagens aos Planetos do Brasil (1868)** — Tradução de Americo Jacobina Lacombe.
- J. F. DE ALMEIDA PRADO: **Pernambuco e as Capitanias do norte do Brasil.**
- ÁRTUR NEIVA: **Estudos da Língua Nacional.**
- HELIO LOBO: **O Panamericanismo e o Brasil.**
- ROBERTO SIMONSEN: **Historia Economica do Brasil** — Vol. 4.º — A fase do Café.
- JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA: **O Patriarca da Independencia** — Dezembro, 1821 a Novembro de 1823.
- ANIBAL MATOS: **A Raça de Lagoa Santa** — Edição Ilustrada.
- OSORIO DA ROCHA DINIZ: **O Brasil em face dos imperialismos modernos.**
- EDGAR SANCHES: **Língua Brasileira.**
- CARVALHO FRANCO: **Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo.**
- BASILIO DE MAGALHÃES: **O Café** — Na Historia, no Folclore e nas Belas Artes e **Estudos da Historia do Brasil,** A evolução Política do Brasil.
- NINA RODRIGUES: **O alienado no Direito Civil Brasileiro** — Introdução de Afranio Peixoto — 3.ª edição.
- E. ROQUETTE-PINTO: **Ensaos Brasilianos.**
- SAMPAIO CORREIA: **Ramos de tropeiros** — Em dois tomos.
- MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied: **Viagens pelo Brasil** — 1815-1817 — Tradução de Edgar Sissekind de Mendonça e Flavio Pope de Figueiredo. Revista e anotada pelo dr. Oliveira Pinto.
- NELSON WERNECK SODRÉ: **Panorama do Segundo Imperio.**
- FERNÃO CARDIM: **Tratados da terra e gente do Brasil** — 2.ª edição. Introd. e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia.
- NESTOR DUARTE: **A Ordem Privada e a Organização Política Nacional** (Contribuição á Sociologia Política Brasileira).
- JOSÉ HONORIO RODRIGUES: **Civilização Holandesa no Brasil.**
- AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagem ao Rio Grande do Sul** — 1820-1821 — Trad. de Leonam de Azeredo Pena.

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo





UNIVERSITE PARIS 3



D

001 437240 0